

20704

Ind. F-241

2-2-26

N.º 24086

EPISCOPAL

COLLEGIADO NAS IDEAS DO ORDENAMENTO

DESTE INSTITUTO DE ESTUDIOS SUPERIORES DE

CIENCIAS E LETRAS, DE ACORDO COM O

SENHOR

D. F. MANOEL

D. A. C. R. L.

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

ANTONIO

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

S. BERNARDO,

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

FRANCISCO RIBEIRO

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

FRANCISCO RIBEIRO

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

FRANCISCO RIBEIRO

DESAZUMADO DE ACORDO COM O

SENHOR

FRANCISCO RIBEIRO

31

24  
D. da Graça de 1792 - 1-3-3  
AUREO THRONO  
EPISCOPAL



COLLOCADO NAS MINAS DO OURO,  
O U

Noticia breve da Creação do novo Bispado Marianense, da sua felicissima posse, e pomposa entrada do seu meritissimo, primeiro Bispo, e da jornada, que fez do Maranhão,

O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO  
SENHOR

D. FR. MANOEL  
DA CRUZ,

Com a Collecção de algumas obras Academicas, e outras, que se fizerão na dita função,

AUTHOR ANONYMO

Dedicado ao

ILLUSTRISSIMO PATRIARCA

S. BERNARDO,

E dado à luz por

FRANCISCO RIBEIRO

DA SILVA,

Clerigo Presbytero, e Conego da nova Sé Marianense.



LISBOA,

A.F. 3196

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,  
Impressor do Santo Officio. Anno 1749.

Com todas as licenças necessarias.

AUREO THRONO  
EPISCOPALI

COLLOCADO NAS NIKAS DO QUINTO

O EXCELENTISSIMO E REVERENDISSIMO

SENHOR

D. F. MANOEL

DA CRUZ

Arcebispo de Braga e Bispo de Faro

AUTOR ANONYMO

ILLUSTRISSIMO PATRIARCA

S. BERNARDO

FRANCISCO RIBEIRO

DA SILVA

Imprimeur e Corrector da Imprensa



LISBOA

EMENDA A NIGUEL MANEAL DA COSTA

Impressão de João Gomes, Anno 1794

Com o selo de João Gomes





DEDICATORIA,  
PRECLARISSIMO,  
E  
GLORIOSISSIMO SENHOR  
S. BERNARDO.



*ESTA humilde victima do  
meu affecto , que ponho a  
vossos pés , não posso dei-  
xar de esperar que seja a coroa da vossa cabeça :  
sagrada ambição , e gloriosa usura se descobre*

na minha esperança , pois se promete ser lau-  
ro , que coroe a vossa elevada fronte , este pe-  
queno tributo da minha veneração , que ainda  
não he digno de consagrar-se às vossas excelsas  
plantas. Mas esta he a fortuna das obras de  
argumento heroico , as quaes merecem ser coroe-  
doe , de que tratão , o que não alcançãõ pelo  
Author , que as escreve ; e o que desagradaõ pela  
fôrma , recommendão na materia. Toda a des-  
te pequeno volume he o glorioso progresso daquelle  
vosso amado , e especialissimo filho o Excellentis-  
simo ; e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel  
da Cruz , que da Sede Episcopal do Maranhão  
foi elevado ao novo Pontifical throno de Maria-  
na. As virtudes deste grande Heroe , em tudo  
filho de vosso espirito , do vosso exemplo , e da  
vossa eximia santidade , lhe derão o ascenso pa-  
ra o solio , em que o venera este novo Bispado ,  
como retrato da vossa ternura , da vossa suavi-  
dade , da vossa prudencia , da vossa justiça , e  
da vossa compaixão. E se os filhos ( diz o Es-  
pirito Santo ) são a gloria , e a coroa de seus  
pais , principalmente aquelles filhos , que dos  
pais santos buscãõ a semelhança da alma , e não  
a do corpo , como não havia de ser este vosso fi-  
lho a coroa de vossa gloria ? Este he o novo di-  
adema , que Vos offereço por esmalte aos vossos

Immortaes resplandores, e Vos peço que recebais em accidental augmento da vossa beata felicidade. E para que a mesma bemaventurança no mundo se communique a esta nova Diecese, conservai o espirito, dilatai a vida, felicitai a saúde do ~~nosso~~ patrocínio ao nosso Excellentissimo, e Reverendissimo Prelado, para que criando aos seus novos filhos, e subditos com aquelle suave nectar da graça, e celestial pão da doutrina, com que Vós o criastes a elle, lhe demonstrei a elle tanta gloria, como elle Vos dá a Vós; e assim como Vós sois o seu antigo radiante esplendor, seja elle o novo, inveterado, luzido ornamento deste Bispado, que, como a natureza sua, também o respeita, e venera amoroso pai,

Vosso humildissimo devoto

Francisco Ribeiro da Silva.

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Francisco de  
Sant-Iago, Ex-Leitor Jubilado, Consultor do  
Santo Officio, e da Bulla da Cruzada.*

EMINENT.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SENHOR.

**S**ão os livros os thesouros, em que se depositão as mais preciosas memorias para a posteridade; e o que hoje se escreve em papel, gravavão os antigos para memoria de futuro em laminas de metal. Em laminas de fino ouro se devia esculpir o que contém este livro, que V. Eminencia he servido mandar-me ver, para que à posteridade conste a criação do novo Bispaço de Mariana, e a plausivel, e pomposa entrada de seu meritissimo, primeiro Bispo, que assim devia melhor o titulo do livro com a materia, de que trata. Toda ella li, e vi, e nella não achei cousa contra a nossa Santa Fé, e bons costumes. Este o meu parecer, V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, 18. de Julho de 1749.

*Fr. Francisco de Sant-Iago. Vif-*



Vista a informação, pôde imprimir-se o livro intitulado: *Aureo Throno Episcopalis*, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 12. de Julho de 1749.

Fr. R. de Lancastre. Silva. Abreu. Amaral.  
Almeida. Trigofo.

---

## DO ORDINARIO.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. José da Madre de Deos; Lente Jubilado, Examinador Synodal do Patriarcado, e das Trez Ordens Militares, e Ministro Consultor da Bulla da Santa Cruzada.*

EXCELL.<sup>mo</sup> E REVER.<sup>mo</sup> SENHOR.

V I por mandado de V. Excellencia o livro intitulado: *Aureo Throno Episcopalis*, collocado nas Minas do ouro; consta esta Obra de huma agradavel noticia, da pomposa entrada, que fez no Bispado de Mariana o seu dignissimo primeiro Bispo, e de hu-

hum Relação das Poezias, sollemnidades, e mais demonstraões de jubilo, e prazer, com que os moradores daquelle Bispado obsequiá- rão ao dito Senhor, concorrendo com primo- rosa, e discreta emulação., para fazerem agra- davel, plausivel, e vistoso o a~~cto~~, que tomou daquelle seu Bispado. Assim nas obras, que neste livro se achão escritas em prosa, como nas que nelle se contém em ver- so, mostrarão os seus Authores a agudeza dos seus engenhos, subtileza de seus conceitos, e elegancia de seus discursos, porque compoz cada hum delles hum harmoniosa musica de diversas figuras rhetoricas, e fabricarão todos juntos hum delicioso favo de erudição tão de- liciosa, que ministra com doçura hum gran- de affluencia de sublimes ideas: *Cujus à lin- gua melle dulcior fluebat oratio.* (Hom. in Iliad) Por estas razões, e especialmente, porque nes- te livro não achei cousa alguma repugnante à nossa Santa Fé Catholica, e bons costumes, me parece digno de se imprimir. V. Excellen- cia mandará o que servido. Convento de nos- sa Senhora de Jesus, 4. de Agosto de 1749.

*Fr. José da Madre de Deos.*

**P**O'de-se imprimir o papel, de que trata,  
e depois torne para se dar licença para  
correr. Lisboa, 5. de Agosto de 1749.

*D. J. Arch.*

---

## D O P A C O.

*Approvação do M. R. P. M. Pedro <sup>Alves</sup> Correa.*

## S E N H O R.

**P**Or mandado de V. Magestade vi a Re-  
lação da entrada, e posse, que tomou o  
novo Prelado da sua tambem nova Ca-  
deira Episcopal da Cidade Mariana; a qual  
foi assumpto; e não achei nesta tão exacta nar-  
ração cousa alguma; que se opponha às rega-  
lias, ou Decretos de V. Magestade, antes en-  
tendo será muito conforme ao seu Real agrado,  
que estes leaes vassallos manifestem por  
este modo a estimação, que fizerão de huma  
tão Catholica, tão pia, e tão zelosa resolu-  
ção, qual a com que o seu generoso Monarca  
quiz levantar esta Metropole para bem dos

\*\*

po-

povos , para melhor expedição de governos Ecclesiasticos , e para melhor distribuição do pão de tantas ovelhas , tanto mais famintas , quanto mais vivião afastadas do seu Pastor. Não he esta a Cathedra a que V. Magestade tem erigido no seu feliz reinado ; mas não me consta que nenhuma outra se defentranhasse em tão expressivas demonstrações de applauso , e de alegria. A acção da solemnidade por este relatorio bem mostra ser a mais solemne , a mais luzida , e apparatosa ; e o Author a descreve , e a representa com tão meudas circumstancias , com taes expressões de palavras , com tanta clareza de discurso , com tanta propriedade de vocabulos , que a está pondo à vista , e fazendo presente aos que por estarem distantes não tiverão a fortuna de se acharem em tão luzida função. A prosa , com que se explica o Author , está elegante , grave , e desembaraçada. Os versos tem cadencia , argucia , e conceitos proprios dos assumptos , e do objecto. Em cada hum do metro , de que se fez escolha , se achão praticadas as regras da Arte , e preceitos da Poezia ; e sendo tudo tão digno do publico , e commum applauso , entendo se deve conceder a licença , que pede para este effeito Miguel Manescal da Costa.



ta. He o meu parecer , V. Magestade orde-  
nará o que for servido. Lisboa , e Congrega-  
ção do Oratorio , 21. de Agosto de 1749.

~~Pede. Corre.~~

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licen-  
ças do Santo Officio , e Ordinario , e  
depois de impresso tornará à Meza para se  
conferir , e taixar , e dar licença , para que cor-  
ra , que sem ella não correrá. Lisboa , 23. de  
Setembro de 1749.

*Almeida. Castro. D. Quint.*





PAIZ das Minas , que he o mais util à Lusitania entre os vastos dominios da sua Coroa , não só se acha falto das utilidades temporaes , que convidavão aos Portuguezes a sofrer hum desterro voluntario naquelles fertões ,

mas não tinha ainda toda a cultura espirital necessaria para a salvação das almas. A causa principal deste defeito era a extensão do Bispado do Rio de Janeiro , ao qual desde a sua criação pertencia aquelle aureo , e dilatado Emporio. Fica este em grande distancia da Capital do mesmo antigo Bispado , e por isso chegava às Minas com menos vigor do que era necessario a disciplina Ecclesiastica.

Occorreo ao incommodo , que padecia o rebanho de Christo naquellas terras , o grande zelo , e piedade Catholica do Serenissimo , e

Augusto Rei de Portugal o Senhor D. João V. tão incansavel no augmento da verdadeira Fé, e Religião, como singular na fundação, e providencia de Igrejas Episcopaes nos seus Estados. Para conseguir esta empreza, agradável a Deos, e util aos homens, determinou o mesmo Soberano pedir ao supremo Pastor da Christandade a divisão da referida Diecese, creando nella mais duas Cathedraes, huma na Capitania de S. Paulo, e outra na das Minas.

Mas deixando ao silencio os progressos daquelle novo Bispaço, em quanto a pluma de algum seu Chronista não se encorpora nas azas da fama, para levar ao mundo a noticia da sua felicidade, prosigamos o que pertence ao nosso argumento, que he o Bispaço das Minas, novissimo entre todos os da dominação Lusitana.

Em 23. de Abril de 1745. fez o mesmo Augusto Monarca subir as Minas o primeiro degráo para a grandeza, a que as destinava; pois no dito dia por Decreto firmado de sua Real mão creou nova Cidade a antiga Villa do Carmo da mesma Capitania. Foi mercê especial de S. Magestade aquella nova criação, porque nas meras graças só influe o animo Re-  
gio

gio dos Principes , que dá todo o merito aos que querem exaltar. Porém sobre este privilegio não faltava à dita Villa merecimento para conferir-se-lhe por justiça o que só lhe deo por graça.

Ella he a mais antiga povoação civil daquella Provincia , por isso devia ser a primeira para o augmento. Ella foi o refugio do Excellentissimo D. Pedro de Almeida , entãc Conde do Assumar , depois Marquez de Castello-Novo , e hoje Marquez de Alorna , o qual na sublevação daquelles povos no anno de 1720. sendo Capitão General das mesmas Minas , achou na lealdade Carmelitana a segurança , que não tinha nas outras Villas do seu governo ; e esta fidelidade para com o Principe secular habilitava o Carmo para merecer o throno do Ecclesiastico , como mereceo com o nome de Cidade Mariana. Fica esta no meio , ou no coração daquelle novo Bispado , e por isso mais commoda para se participar a todo o seu ambito com igualdade o vital alento da graça com a doutrina do seu sagrado , venerando Pastor.

Para este honorifico , Apostolico emprego se requeria hum varão tão santo , virtuoso , pru-



dente, e experimentado, como devia ser, para lançar a pedra fundamental na espirital edificação daquella nova Diecese, pois a seu exemplo se haviaõ de crear as novas ovelhas do desmembrado aprisco. E porque no Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, Monge da preclarissima Ordem de S. Bernardo, e quarto Bispo, que no tempo da divisão referida era do Maranhão, se desempenhava a perfeita idea de hum Prelado completo para a nova creação da Cathedral, e Bispado Marianense, lhe deo S. Magestade a nominata de primeiro Bispo de Mariana.

Entende-se que ao tempo, em que o mesmo pio Monarca propoz à Sé Apostolica a divisão do territorio do Rio de Janeiro, supplicou tambem a confirmação do Prelado, que elegêra para a Diecese Marianense; porque sendo declarado o intento desta divisão em 23. de Abril de 1745. pelo Decreto Regio, que fica dito, aos 15. de Dezembro do mesmo anno se expedirão em Roma as Bullas, pelas quaes S. Santidade confirmava a eleição, que aquelle Augusto Rei tinha feito na pessoa do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz para Bispo do referido

novo Bispo. E tambem porque chegando no dito anno a Frota do Maranhão ao porto da Cidade de S. Luiz, Capital daquelle Estado, nella foi ordem delRei ao Excellentissimo, e Reverendissimo Prelado, para que se passasse logo à nova Diecese, a que fora promovido.

Com tanta resignação aceitou S. Excellencia Reverendissima o preceito, e especial favor Regio, com animo prompto de pôr logo em execução a partida; mas por mais que a obediencia queria cumprir a ordem, os embaraços impedião o effeito. A estação do anno, em que chegou a dita Frota, já não dava lugar a fazer a perigosa jornada, que pela travessia do sertão determinou. S. Excellencia Reverendissima seguir para a Capitania das Minas Geraes, para o que nem todo o tempo he conveniente. A equipagem, e provisão necessarias para tão larga derrota tambem não se podião apromptar com facilidade. E à vista destes, e outros semelhantes obstaculos. respondeu o Excellentissimo Prelado a ElRei, que só no anno de 1746. podia pôr-se a caminho.

Bem se persuadia o novo Bispo Mariannenfe, que no tempo assignalado poderia cumprir o seu desejo; não porque elle o tivesse de

via-

viajar com tanto incommodo , e perigo , como promettia a futura jornada , pois o trabalho antecedente de visitar pessoalmente toda a Diecese do Maranhão , e a incantavel vigilancia , com que regia as suas ovelhas , lo pedião a sua quietação , e descanso naquella terra , e de nenhum modo convidavão a nova fadiga por caminhos tão distantes , como desertos , por tão remotos , e ardentes climas , como são aquelles sertões , mas por concorrer com a piedade Catholica daquelle Monarca , que se mostrava desvelado , e impaciente na creação do novo Bispado de Mariana , para augmento do louvor de Deos , e melhor direcção espiritual dos seus subditos.

Porém Deos , que com altissimos , e incomprehensiveis fins dilata até os pios desejos dos homens , permittio que não se pudesse conseguir o premeditado intento ; porque no anno de 1746. não foi a Frota ao Maranhão , sem a qual não se podião prover os viveres necessarios para a digressão de caminho tão largo. Isto se remedeou na Frota , que em 1747. chegou àquelle porto , na qual , havida a provisão opportuna , logo S. Excellencia Réverendissima determinou partir ; e aprestando-se com a  
bre-



brevidade possível, partio com effeito, e principiou felizmente a sua jornada em 3. de Agosto do dito anno de 47.

Nette tranlito cercarão a S. Excellencia ponderolos cuidados, não só pela consideração de seguir forçosamente huma derrota tão laboriosa, e arriscada, mas por deixar os antigos subditos, que amava como filhos. Não erão menos extremosos da parte destes os affectos, quando em todas as partes daquelle Bispedo não se ouvião mais que lagrymas, e suspiros, com que lamentavão a eterna ausencia do Excellentissimo Prelado, que os tratava como pay, suave na correcção, inflexivel na justiça, compassivo na caridade. Antes da partida, despedido o Prelado do seu dignissimo successor, e do Governador daquella Capitania, tambem se despedio do Reverendo Cabido, e de cada hum dos Ministros da Cathedral, dos Religiosos dos Conventos; e dos Ministros Regios daquella Cidade, e a esta urbanidade correspondêrão todos com excessivos prantos, final da saudade, e dor, que sentião inconsolaveis pela sua falta.

Ao partir no dia referido 3. de Agosto, acompanhárão ao Excellentissimo, e Reverendissimo

díffimo Senhor Bispo até à praia , seu ſucceſſor o Excellentíſſimo , e Reverendíſſimo Senhor D. Fr. Franciſco de Sant-Iago , o Governador do Eſtado , todo o Clero , as Comunidades de Religioſos , os novos Miniſtros ſeculares , que tinham chegado da Corte na ſobredita monção , os velhos , que na Frota ſe havião de recolher ao Reino , os Cabos da meſma , toda a Nobreza , e povo da Cidade , queixando-ſe eſte com público , extremoſo ſentimento da breve duração daquelle Prelado na ſua terra , onde ſempre o deſejavão para ſer ſeu pai , como o tinham experimentado no decurſo de oito annos , hum mez , e dezete dias ; que o poſſuirão goſtoſos , pois tinha entrado naquella Cidade a 15. de Junho de 1739.

Embarcou S. Excellencia Reverendíſſima em huma grande , e bem eſquipada barca , lançou a todos a ſanta benção ; e atravellando a Bahia do porto Marananiense , paſſou à outra banda a pernoitar em hum Hoſpicio do Senhor do Bom Fim , ſujeito aos Religioſos Carmelitanos , até ao qual em muitos bateis , e outras embarcações acompanhárão ao deſpedido Prelado todos os Miniſtros Regios , muitos Religioſos , numeroſa Clerezia , os Ca-  
pi-

pitães da Frota , e muitas pessoas principaes da terra.

Ao primeiro movimento de bater os remos e largar as vèlas , le repicárão os sinos da Sé , e d'ãs mais Igrejas da Cidade : derão salva as fortalezas , e todos os navios , que estavam furtos naquelle porto ; e ouvindo-se entre este confuso estrondo hum grande rumor de lagrymas , e alaridos daquelles , que ficavão na praia , dando emboras , e vivas ao navegante Prelado , resultava deste desordenado alvoroço huma suave harmonia do applauso , do amor , da laudade , e da veneração. Concluiu S. Excellencia em fim no referido Hospicio dos Carmelitas a sua primeira jornada , como se neste lugar estivesse o favoravel auspicio , de que a sua derrota havia de ter bom fim na Cidade do Carmo , que he a Mariana , Capital da Diecese , a que se dirigia.

Ao amanhecer o dia seguinte , que era a 4. de Agosto , tornou S. Excellencia a tomar a sua barca , e nella seguiu viagem de vinte dias pelo rio Itapicurú atè às Aldeas Altas. Foi esta navegação feliz pelo successo , mas cheia de sustos pelas muitas cachoeiras , que tem o dito rio , e molesta pelos innumeraveis

mosquitos , de que abunda a paragem. Nas Aldeas Altas se demorou S. Excellencia quinze dias , esperando pela cavallaria para a sua conducção ; mas chegada no fim do dito tempo , se aprestou tudo com brevidade , e se continuou a jornada até o Piahy , onde se deteve sete mezes , tanto para descansar os cavallos ; como para deixar passar o Inverno , em cujo tempo não se podia seguir a marcha por aquelle clima sem evidente risco na vida , e na saúde. Assistio o Excellentissimo Prelado todo aquelle intervallo da sua derrota na Canaveira , itio , e casa do Capitão Mór Antonio Gonçalves Jorge , homem honrado , e abundante , como mostrou no agazalho , com que mereceo o agrado de S. Excellencia , e a obrigação da sua familia.

Era o principio de Outubro , quando principiou aquella honrosa hospedagem ; e como esta necessariamente havia de ser diuturna , porque a estação do anno não permittia viajar pelo sertão , para que não se experimentasse o damno , que costuma occasionar o ocio , determinou S. Excellencia à sua familia horas certas , em que se applicasse ao estudo das letras. No oratorio , que tinha a casa , e estava rica ,  
e pri-



e primorosamente ornado, por ordem do mesmo Senhor se cantava todas as noites a Ladainha de N. Senhora, e se fazião outros exercicios espirituaes com muito terror, e devoção, tendo o primeiro, e indispensavel entre todos o da oração mental.

No mesmo sacello se officiarão tambem decentemente muitas funções Ecclesiasticas, principalmente a do Nascimento de Christo, as da Quaresma; da Pascoa, e outras festas, que occorrêrão no dito tempo, e a ellas concorrião muitas familias inteiras de grandes, e não consideraveis distancias. Por esta causa naquella, e nas mais partes, por onde passava, e se detinha S. Excellencia, era não só admiravel a edificação dos fieis, mas ficavão todos aquelles moradores tão sentidos, como saudosos na sua ausência, desejando cada hum delles ter o merecimento, e a consolação de ir na comitiva deste santo Prelado, para gozar daquellas celestiaes delicias, e santos exercicios, em que se occupava com os seus familiares.

Na estancia do Piauhý, que ainda he do Bispado do Maranhão, visitárão a S. Excellencia Reverendissima os Ministros Ecclesiasticos,

ticos, os seculares, e as pessoas principaes daquelle Capitania repetidamente, sendo maior o concurso, e desvelo de todos. quando o dito Senhor ahi se langrou por occasião de molestia, que padeceo, da qual, ainda que logo principiou a conhecer melhora, não se restabeleceo inteiramente, senão no fim de dous mezes. Foi esta felicidade applaudida com jubilo de todos, pois a todos custava anciosos cuidados, e cuidadosa perturbação a sua queixa.

Neste tempo, e na mesma Canavieira recebeu o Excellentissimo Bispo Marianense cartas de algumas pessoas do seu novo Bispado, conduzidas por Alexandre Ribeiro do Couto, Clerigo Minorista. Informado S. Excellencia do estado daquella Diocese, resolveo remetter o mesmo portador: escreveu por elle, e mandou tomar posse do seu Bispado, para o que fez eleição do M. R. Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra, Vigario collado da freguezia de Villa-Real do Sabará, e em sua ausencia do M. R. Doutor Manoel da Rosa Coutinho, Vigario da Vara do Rio das Mortes, mandando para o dito fim os poderes necessarios.

Mas

Mas para referirmos os effeitos desta mensagem, deixemos a S. Excellencia no delcânço, e quietação. de que necessitava, tanto para convalescer da sua queixã, como para se refazer do trabalho do caminho, e profigamos com o dito Minorista a narração da sua jornada, da qual podia dizer com mais pasmo, que o outro, que dizia: *Vim, vi, e venci*, porque excede quasi a fé humana o maravilhoso deste successo.

Partio Alexandre Ribeiro da Canaveira em 7. de Dezembro de 1747. em direitura à Villa-Real do Sabará nas Minas, onde era a residencia do primeiro Ministro nomeado para a posse, e governo da nova Diecese. E sendo a jornada commua da dita distancia quatro mezes, ou mais tempo, em estação temperada, e conveniente, o dito portador na idade mais ardente do anno, qual he o Dezembro, e o Janeiro naquelle clima; onde se fazem intrataveis os caminhos, venceu em menos de dous mezes a derrota, pois chegou àquella Villa em 2. de Fevereiro de 1748. Divulgou-se a noticia da novidade não esperada naquelle tempo, e applaudio-se com luminarias, e outras demonstrações públicas do gosto, e estima-

timação daquelles moradores , que a festejárao entondosamente , distinguindo-se entre os mais subditos com duplicados motivos : hum pela felicidade geral do Bispado na posse do proprio Pastor ; outro pela gloria particular de ser o seu Paroco devidamente eleito para ministerio tão honorifico , merecido pelas suas qualidades , das quaes se dará em seu lugar mais individual conhecimento.

Logo que o novo Reverendissimo Governador recebeu os poderes , expedio os avisos necessarios à Capital do Bispado , onde chegou a noticia em 4. de Fevereiro referido , e foi recebida com alvoroço , e inexplicavel contentamento de todos. Tambem partio para o Rio de Janeiro hum proprio com cartas ao Excellentissimo Gomes Freire de Andrade , General desta , e daquella Capitania , o qual se achava então na mesma Cidade da Marinha ; para que mandasse as Bullas necessarias para se tomar a posse , entendendo-se que S. Magestade lhas tinha enviado ; para as entregar ao novo Bispo , quando elle chegasse , ou as pedisse.

A grande invernada , que houve naquelle tempo , fez demorar a resposta mais do que per-



permittia o grande defejõ , com que se esperava. Chegou em fim , mas sem as letras Apostolicas , que se pedião , por não estarem em poder do dito Excellentissimo General , e não ás querer dar o Excellentissimo , e Reverendissimo Bispo do Rio de Janeiro , onde paravão , com o fundamento , de que da Secretaria de Estado lhe forão enviadas com ordem de que as não entregasse , senão ao novo Prelado Marianense. Conturbou-se o gosto das Minas , que era excessivo , vendo-se baldada a sua esperança com a falta do testemunho Pontificio , necessario para a acção , que se pertendia.

Mas considerado , e consultado com a prudencia ; e madureza necessaria este importante negocio , resolveo o Reverendissimo Governador tomar a posse , para a qual não fazia falta as letras Apostolicas ; nem se achava repugnancia em Direito Canonico ; porque não só se sabia pela asserção do Excellentissimo Prelado do Rio ; que estavam em seu poder as Bullas para o Bispo Marianense , mas appareceo huma carta firmada do Real punho , na qual attestava S. Magestade , que tinha nomeado ao Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , Bispo do Ma-

ranhão, para Bispo de Mariana, e que S. Santidade confirmára esta eleição, e tinha o mesmo Soberano todas as Bullas necessarias para o seu provido tomar posse; e na mesma carta ordenava ao dito Excellentissimo General, que lhe dêsse ajuda, e o conservasse, sendo necessario; e esta attestação Regia não só tirava toda a duvida, mas induzia huma certeza indubitavel, de que havia as letras Apostolicas necessarias de Direito para a possessão pertencida.

Com esta madura, e jurisprudente deliberação, em 25. do dito mez de Fevereiro sahio o Reverendissimo Governador de sua casa acompanhado do Doutor Ouvidor Geral do Rio das Velhas do Sabará com numerozo Clero, e a gente mais nobre, e luzida da mesma Comarca, que vestida de gala em vistosa tropa o acompanhou até à Cidade Mariana. Pernoitou aquelle dia no arraial do Rio das Pedras, no seguinte em Villa Rica, donde mandou à dita Cidade as ordens para o receberem no dia futuro, que erão 27. do mesmo mez, pois nelle havia de fazer a sua entrada pública, para o que estava a terra preparada com o maior alvoroço.

Ama-

Amanheceo o dia alegre, como nuncio do prazer, que todos esperavão alvoroçados: armáram-se as ruas da entrada com muitas sedas, e outras tapestarias, que permite o paiz, com tão boa ordem, e tanta riqueza, que este vario prospecto de opulencia, e primor infundia novo prazer nos animos. Vestirão custosas galas os Ministros de S Magestade, os Senadores, as pessoas principaes da Cidade, e do termo, montados todos em generosos, e bem ajaezados brutos, e á horas competentes sahio a Clerezia com o seu Ministro, e todo o mais concurso a esperar o novo Governador, ficando-se pondo em ordem as companhias da Ordenança para lhe fazerem obsequiosos, militares cortejos.

Avistou-se de longe a flammante comitiva, que trazia o Governador, e tão numerosa, que parece não se podia contar, porque vinha todo o acompanhamento, com que sahira do Sabará, os Ministros Regios, os Ecclesiasticos, os Parocos, e Sacerdotes com as pessoas de maior distincção de Villa-Rica; o que junto com os da Cidade fazia huma tropa tão avultada, que não cabia no caminho; e era igual à multidão o lustre dos cavalleiros. O

luzimento ainda não se vio maior, o numero parece incomparavel em semelhantes funções: ha quem diga que os cavalleiros passavão de mil. Se bem que tudo teve grande diminuição, com huma grossa pancada de agua, que repentinamente choveo, a qual supposto damnificou o ornato das ruas, e o esplendor da tropa, sentio-se menos a custosa perda dos vestidos, jaezes, e tapeflarias, do que o deslustre accidental, que occasionou a inconstancia, e variedade do tempo.

Com o gosto aguado entrou toda a comitiva na Cidade da humã para as duas horas depois do meio dia. Estavão formadas com boa ordem as companhias, que soffrêrão a chuva a pé-queda, por não faltarem à honra militar; que era obsequioso tributo dos seus affectos aquelle honrado hospede: encaminhou-se a tropa dos cavalleiros para as casas, que o Reverendissimo Governador mandava preparar à sua custa; e deixando-o nellas, cada hum se recolheo às suas; e os de fóra, onde se lhes offerrecco cōmodidade.

Tornou o dia à serenidade, com que amanehecêra: refloreceo o gosto, que em parte se murchára com o passado. desar dô inopinado.

chu-



chuveiro. Vestirão-se todos de novas galas; e sendo pelas quatro horas da tarde, bulcãrao a pouxada do Governador, que sahio acompanhado deite tultrolo concurso, dirigido à Igreja Matriz da Cidade, onde se havia de fazer a função Sincoenta passos, ou mais, antes de chegar à dita Igreja, o estava esperando o corpo do Senado da Camera, e o acompanhou até à mesma.

He aquelle Templo grande, e magestoso; mas ficou muito pequeno para a multidão do concurso, que foi o maior, que até então tinha visto em si. Estava rica, e primorosamente ornado; à entrada da parte da Epistola se via prevenido o lugar, em que havia de paramentar-se o novo Governador, o qual foi recebido com toda a honra Ecclesiastica, que o Ceremonial manda.

Tomou a cadeira, que lhe estava preparada sobre hum estrado com seu espaldar de damasco carmezim, e a cadeira era de veludo da mesma cor. Mandou ler a Procuração de S. Excellencia Reverendissima; e assinado o termo da posse, que escreveu hum Notario Apostolico, se revestio o Governador com Amicto, Alva, Cingulo, Estola, e capa Plu-

viál: recebeo a Mitra, e Bago Episcopal pelo seu Excellentissimo Constituinte: entoou-se, e profeguiu-se a cantar o Hymno: *Te Deum laudamus*; e soando o jubilo da muticã entre as lagrymas de alegria, se patenteou num contentamento público, e sem igual.

Recebido debaixo do Pallio, cujas varas levavão os Cidadãos, continuou a Procissão atè à Capella Mór, onde, absolvida a acção de graças, subio o Reverendissimo Governador ao throno Prelaticio; e nelle recebeo a devida reverencia, e sujeição de todos os subditos, que da nõva Diocẽse gostosos se achavão presentes, sendo em tudo seus Assistentes, desde que se paramentou, o M. Reverendo Antonio Pereira da Cunha; e o M. Reverendo Manoel de Pinho Cardido, ambos Conegos, e o tẽgundo Magistral da Sé do Rio de Janeiro. Acabada esta função, e depositos os paramentos, se recolheo o Reverendissimo Governador à sua casa com o mesmo acompanhamento luzido.

Añoiteceo; mas as luminarias, que ardẽrão, derão a entender que tinha renascido o dia, quando principiava a noite; nesta; e nas quatro seguintes mostrarão em vistosos outei-

ros as aureas Musas daquelles montes, que tambem Apollo presidia no Carmo, e que o Ribeirão nascia corrente de Aouanne. Nos ares mostrou o togo com agradavel artificio o affecto flammante, que não se podia conter nos corações, porque tudo erão públicas demonstrações de alegria, sinaes manifestos de ingente jubilo.

E para mostrarem os venturosos subditos que sabião gratificar particularmente a Deos este beneficio, quando o reconhecião da sua poderosa mão, lhe derão as graças em huma solemnissima festa, a qual, porque o 28. do dito mez era occupado com a função Ecclesiastica da Cinza, se officiou com o Santissimo Sacramento exposto, grande pompa, e concurso no dia seguinte, que era a 29. de Fevereiro. Nesta função orou o M. R. Doutor José de Andrade e Moraes com tanta energia, e novidade, como tem feito conhecer ao público nos Sermões, que já deo à luz.

Concluidos estes obsequios, e os coitejos devidos ao Reverendissimo Governador, principiou, e continuou este o seu governo com tanta moderação, prudencia, e acerto, que satisfez a todos em geral, e mereceo particular

lar approvação, e eximio louvor de S. Excellencia Reverendissima. Tinha o dito Senhor recommendado, que no mez de Maio de 1748. tempo, em que projectava proteger a sua derrota, sahindo da Canavieira, se tizellem Preces públicas na nova Cathedral de Mariana com huma Novena a N. Senhora, para que o dirigisse em paz, e o guiasse felizmente ao ultimo termo daquella jornada. Cumprio-se o dito preceito não só com grande culto, e devoção nas Preces Novenarias, mas com huma solemnissima Missa, na qual esteve o Santissimo patente, e prégou com erudição, e facundia, em tudo filha do seu especioso talento, o M. R. Doutor Geraldo José de Abrañches.

Todo o Bispado teve santa emulação das rogativas da sua Capital, por se querer interessar no desejado fim daquella deprecação. Era o Excellentissimo Bispo o mais desejado pela fama das suas virtudes: he inexplicavel a insoffrivel expectação, que todos tinham da sua vinda. Não havia pessoa de todos os estados, e condição, (ainda servil) que não desejasse ver o novo Prelado no seu throno, e por isso em todas as Paroquias da recém creada Diocese



cese se fizerão Novenas ; e em algumas com tanto estrondo , que as concluirão com Triduo de Missas cantadas , Senhor exposto , e Sermões . como se fez no Sabara , que sempre soube distinguir-se em todas as acções respectivas à felicidade do Bispado , e do seu primeiro Bispo , com o qual continuaremos agora a jornada na certeza do feliz successo , que lhe asseguravão tão devotas , como multiplicadas intercessões.

Restituído já S. Excellencia à sua antiga saude , passado o inverno . e prompta toda a equipagem , se poz em marcha a 22. de Maio de 1748. deixando cheios de saudade os que o tratarão benigno naquélle intervallo preciso da derrota , que seguia. Tomou o caminho da povoação do Paranagoá , ultima freguezia do Bispado , que deixava. Acompanhou-o o Doutor Ouvidor Geral da Comarca do Piauíhy com outras pessoas de distincção , e alistá-rão-se as necessarias para a defeza do Gentio Guegué , que infestava barbara , e atrevidamente as estradas daquelle sertão perigoso até pelo accommettimento quasi inevitavel do referido inimigo ; pois para o evitarem os viandantes ordinarios , esperão que se ajuntem muitas

tas tropas de gente para passarem unidos ; e mais defensaveis aquella travessia. Com rigoroso trabalho, e não pouco sentimento se venceu a jornada até o Paranagoá, porque adoecerão gravemente quasi todos os familiares de S. Excellencia, moços, e escravos, dos primeiros morrerão dous, e hum dos últimos.

Demorou-se alli o Excellentissimo Bispo alguns dias, ainda que poucos, para tomarem os enfermos alguns remedios, de que necessitavão. Pouca foi a melhoria, que tiverão os doentes ; mas por aproveitar o tempo opportuno para a jornada, se puzerão a caminho, pois S. Excellencia continuava a derrota. Despedido do Doutor Ouvidor, sahio daquella povoação, duas leguas fóra della o acompanhou o mesmo Ministro Regio com o melhor dos habitadores daquelle paiz, os quaes estenderião mais esta demonstração do seu obsequio, se o dito Senhor lho permittira ; mas por não dar incommodo a quem o cortejava, e por evitar mais embaraços à digressão, que fazia, se despedio affavel, e agradecido de todos, e proseguio com os seus o caminho. Nelle por quatro, ou sinco dias servio de guia principal o Reverendo Vigario da ultima referida po-

voação, e chegou até o Brejo do Lucas, bem conhecido na America pelo nome, e pelo litió, pois fica junto a huma grande serra chamada a Boa-vista, que divide os Bispados do Maranhão, e Pernambuco.

Subio S. Excellencia à eminencia daquelle serra; e descobrindo do alto della muitas terras do Maranhão, lhe lançou a santa benção, deixando-o para sempre tão faudoso, que serão eternas naquelle continente as suas memorias. Continuou a derrota até à barra do Rio Preto, lugar chamado a Manga do Rio Grande, e distante trinta leguas da sua barra. Alli, porque S. Excellencia, e a sua familia vinhão já muito molestados, e a sua tropa tão destroçada com a magreza, e feridas dos cavallos, que já não podião com as cargas, se embarcou o mesmo Senhor com parte dos seus familiares na dita barra do Rio Preto em hum dia pelas onze horas da manhã; e navegando por elle com felicidade, tomou porto pelas sete horas da noite do dia seguinte na povoação da barra do mesmo Rio Grande, que a faz alli no rio de S. Francisco.

Nesta povoação, (pertencente ao Bispado de Pernambuco) que he de mais de cem vi-

zinhos, e muito capaz de ser huma nobre Villa, foi S. Excellencia recebido com affectuoso jubilo, e estrondoso applauso dos seus moradores. Fizêrao elles todas as demônstrações da veneração, e obsequio a hum Príncipe de tão grande, e respeitoso nome, como he o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz, ao qual já esperavão antecedentemente com ansia, e alvoroço, nascido da fama de suas incomparaveis virtudes.

Na entrada daquella povoação não só receberam ao peregrino tratado com as honras do Ceremonial em semelhantes funções, mas singularizarão o seu affecto aquelles habitadores da barra do Rio Grande com festejos públicos: illuminou-se toda a terra de noite com tanto lustre, que bem podia a demonstração deste cortejo apostar ventagens com as funções mais solemnes de algumas Cidades da America. Tambem houve curiosos, que, por aliviarem a S. Excellencia da molestia de tão prolongado caminho, intentarão alguns obsequios comicos. E até com ficar a Aganippe tão remota do Rio de S. Francisco, nelle não faltarão Musas, que em bem concertados metros

fes-



feitejarão a vinda deste Prelado às suas praças, cujas obras, ainda que muito merecedoras da luz pública, se não estampão, por não fazer mais extensa eua breve relação.

Com todos estes affectos, e outros effectos da sua alegria quizerão aquelles moradores não só applaudir, mas tambem obrigar ao Excellentissimo Prelado a que os fizesse mais tempo mimosos da sua desejada presença; mas não pode condescender com este desejo, por mais que com instancias cortezes, e devotas supplicas lhe rogárão, que se demorasse alli mais alguns dias, pois na precisão de continuada derrota, que trazia, qualquer pequena, e desnecessaria demora podia fazer perder a estação do tempo opportuna para a marcha. Com este defengano trocou-se o gosto em pezar; e em gratificação dos obsequios recebidos, nos poucos dias, que ahi esteve, fez S. Excellencia àquelles moradores a graça de os chrismar, para o que foi rogado por carta do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo daquelle Bispado, que lhe commetteo todas as suas vezes, e poderes.

Partio S. Excellencia daquelle lugar, e foi o seu apartamento tão sentido, que todo o

povo de hum, e outro sexo, faudofo, e cheio de lagrymas, o acompanhou até à praia do rio de S. Francisco, no qual o dito Senhor se embarcou com a lua familia na barra do dito rio: navegou por elle affima até a barra do Rio das Velhas, ultima freguezia do Arcebispado Bahiente por aquella parte.

Nesta; e em todas as mais Paroquias, e Capellas da referida Metropole, que estavam à beira do mesmo rio, ou apartadas delle no caminho, que fazia, chrisinou S. Excellencia mais de seis mil almas, para o que tambem o rogou o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo da Bahia, e a maior parte das ditas pessoas vinhão em distancia de sincoenta leguas, e mais, só para serem confirmados na Fé com o santo chrisma, e por verem naquelles desertos hum Prelado Sagrado, pois não tinhão memoria de que outro algum se expuzesse às asperezas do mesmo sertão.

Foi sem duvida feliz a viagem, que Sua Excellencia fez desde o rio de S. Francisco até à barra do Rio das Velhas, pois sem embargo das demoras, e falhas de quinze dias, que lhe occasionára a administração da chrisma, e outros accidentes, que sempre se offerecem em

em semelhantes derrotas, venceu em quarenta e cinco dias mais de duzentas leguas de distancia, navegando contra a corrente do rio: circumstancias, que fazem persuadir a todos, que sem milagre, ou ao menos sem especial concurso de Deos, não se podia com aquella brevidade de tempo vencer tão larga distancia. E fora a navegação ainda mais prospera; se antes de chegar a S. Romão (ultima freguezia do sertão de Pernambuco, e a mais dilatada da America, pois se estende a mais de duzentas leguas o seu continente) não houvera os dous seguintes succellos.

O primeiro foi este. A 19. de Agosto, vespera de S. Bernardo, quasi às Ave Marias, estando o tempo sereno, principiárão a armarse duas trovoadas, huma da parte do Sul, e outra do Norte, a tempo, que não se podia evitar o perigo, porque as barcas seguião hum canal pelo meio do rio, e dos lados ficavão dous bancos de arêa, que impedião buscar a terra para dar fundo. Com grande susto venceu S. Excellencia o dito canal, e tomou porto duas leguas abaixo da Carunhanha; mas ficou embarcado na sua barca, e a sua familia em outra.

Estando furtos , cresceo a tempestade , e com ella o perigo , o qual seria maior no dito canal , onde era inevitavel o naufragio. Enfurceco-se o vento , impellio as ondas com tanta furia , que sendo as barcas bastantemente levantadas , lhes mettia a agua por bordo. Na barca da familia se rezava devotissimamente a Ladainha de N. Senhora ; e ao tempo , em que se repctia : *Pater de Coelis Deus* , se ouviu huma voz , que dizia : *Acudão à barca do Senhor Bispo , que se çoçobra*. Acudirão todos com a maior pressa . e vestidos , e calçados se metterão na agua : entrarão na embarcação de S. Excellencia , donde o tirou às costas o Reverendo Padre Antonio Soares Freire , e o poz seguro em terra. Alli cuberto com canotes , e chapeos de sol soffreo o dito Senhor a força da trovoadá , que durou pouco mais de huma hora , sem se poder averiguar depois de quem era a voz , que avisou do perigo , e encheo a todos de susto , e confusão incomparavel.

O segundo caso foi , que antes de chegar à sobredita Paroquia de S. Romão , adoeceo S. Excellencia tão gravemente , que a molestia o obrigou a sangrar-se quatro vezes dentro



tro na mesma embarcação, na qual proseguio a viagem, e continuou o remedio, porque a queixa tambem continuava, e por esta causa não chrisinou na dita reguezia de S. Romão, com tanto sentimento dos seus moradores, por não receberem aquelle beneficio, que esperavão, como do dito Senhor, por não vir em estado de poder-lho fazer.

Chegou S. Excellencia à barra do Rio das Velhas com melhora na faude, mas não tão firme, que não necessitasse de descansar alguns dias, para refazer-se da debilidade, em que o puzera a queixa, e curar numa inflammation, que lhe occasionou a sangria com tanta gravidade, que lhe não consentia calçar-se, pelo qual motivo não podia chrismar naquella povoação. Porém o muito povo, que em S. Romão, de distancia de sincoenta leguas, esperava ao Excellentissimo Bispo na praia do Rio de S. Francisco com Pallio, e as mais honras devidas (as quaes se lhe fizerão em todas as partes, por onde passava) com huma descupavel emulação de os mais moradores haverem conseguido o beneficio, que elles não pudérão alcançar pela indisposição do dito Senhor, o seguiu à barra do Rio das Velhas,

lhas, e em huma manhã lhe cercáão a casa, em que residia, com tão humildes, e repetidas supplicas para os chrismar, que ainda que S. Excellencia antecedentemente estava resolvido a não lhes deferir, como querião, por não se achar convallecido de todo, o moveo a compaixão a mandar-lhes dizer, que chrismaria, se se fizesse huma casa sufficiente com oratorio perto daquella, em que estava, visto que esta não tinha a commodidade necessaria para aquella acção, e o dito Senhor não tinha forças para poder ir mais longe; e este offercimento foi agradecido de todos em altas, e repetidas vozes com muitos vivas.

De tamanha alegria se encheo todo aquelle povo, que mancomunando-se todos para o preciso apparatus, e ajudando-se huns aos outros, no mesmo dia fizerão huma grande baraca com hum rico, e bem ornado Altar, muito sufficiente para a função da chrisma, que houve logo na noite do mesmo dia, e para ella foi S. Excellencia vestido em habito Episcopal; mas encostado a huma bengála, por não poder firmar-se no pé inflammado. Chrismou muitas almas na mesma noite, e no dia seguinte acudio tanta gente, que para os não descon-

fo-

solar , lhe foi preciso continuar a mesma graça em mais dous dias.

Recebido por todos os que o necessitavam , e erão capazes deite , o Sacramento da Confirmação , o Excellentissimo Bispo já melhorado , e prompta a nova equipagem , que naquelle lugar era necessaria para se concluir a derrota , ordenou S. Excellencia , que as muitas pessoas Ecclesiasticas , e seculares , que do novo Bispado das Minas Geraes o forão buscar ao do Maranhão , e outros , que o encontrárão até àquelle lugar da barra , se adiantassem , retrocedendo na marcha , que tinham feito , pois o amontoar gente a sua comitiva era impossibilitar os commodos necessarios para todos , e o paiz não era abundante de commodidades.

Com esta prevenção continuou o dito Senhor com a sua familia a jornada a 20. de Setembro em direitura à Cidade Mariana ; e como não se poupava ao trabalho , veio chrismando por todas as Capellas , por onde passava , como até alli fizera. Por cuja razão todos aquelles habitadores do sertão com mimos , e regalos dos mais deliciosos frutos , que produz aquella terra , demonstravão o affecto ,

E

que

que se devia à sua benignidade , e a obrigação , em que os deixava a graça , que lhes fizera , fazendo-se mais distinctos , que todos , na profusão destes presentes , e no estrondo de caixas , clarins , e salvas militares , com que o applaudião , quando o avistárão das suas fazendas , que tem à margem do rio de São Francisco , os moradores de huma , e outra parte do mesmo rio.

Entrou S. Excellencia no proprio Territorio , e logo o encontrou hum proprio com cartas do Doutor Ouvidor Geral , Juizes Ordinarios , e mais Officiaes da Camera de Villa Real do Sabará , os quaes lhe rogavão com urbanas supplicas , e instantes rogos quizesse honrar aquella Villa , fazendo por ella caminho , e descançando nella de algum trabalho da jornada , já que alli não podia repoufar de todo. Não assentio o dito Senhor àquellas rogativas , por evitar as muitas despezas , que havião de fazer os moradores da dita Villa com o fasto , que preparavão para a sua entrada , e assim respondeo às cartas , escusando-se politicamente daquella jornada.

Desde que chegou ao seu Bispado , o acompanhárão os soldados de cavallo , que por

or-



ordem do Excellentissimo General daquelle Capitania já o esperavão, e recebeo carta do Ajudante de Tenente Bernardo da Silva Ferrão, que por aulência do mesmo General tinha o governo, na qual lhe dizia ter commissão do seu Superior para pôr tudo prompto na sua entrada, e que para melhor execução das ordens, que tinha, lhe pedia o fizesse certo do dia, em que a poderia fazer.

Respondco que de mais perto faria o aviso; mas foi com o desígnio occulto de não o avisar, senão na vespera da sua chegada, para não dar lugar aos excellivos gaitos da pompa, e lustre, com que os habitadores daquelle dourado Emporio da America costumão ostentar-se em semelhantes funções, sem embargo de ser tanta a decadencia do mesmo paiz, que por acaso se acha nelle quem possa com o dispendio neccssario para a conservação da sua pessoa, e fabricas.

Não teve por então effcito aquella resolução de S. Excellencia, fazendo a sua entrada pública em acto viatorio, porque antes de chegar à freguezia da Itaubira, padeceo molestia grave, procedida do trabalho, e incommodidade do caminho, e da imperfeita con-

valeçença da enfermidade ; que padeceo no rio de S. Francisco.

Por esta causa se demorou trez dias na sobredita freguezia , attliçto com a demora , e occasião della ; e animado com o pequeno alivio de alguma melhora , se poz o dito Senhor ao caminho , sendo conduzido em huma cadeira de mãos atè o Passa-déz , sitio distante de Villa-Rica hum quarto de legua , ao qual chegou em 14. de Outubro de 1748. e ahi o visitarão logo todas as pessoas de distincção da dita Villa , que tambem tihão sahido a esprello tóra do dito sitio , e outras da mesma jerrarquia , que vierão da Cidade a comprimentar o dito Senhor.

No dia 15. do dito mez sahio S. Excellencia do Passa-déz às nove horas da manhã na dita cadeira de mãos , acompanhado de hum numerofo , nobre , e luzido concurfo , e seguido de hum regimento de cavallaria da reparição de Villa-Rica.

Diante de S. Excellencia , immediatos à cadeira , hião o Reverendissimo Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra , Fidalgo da Casa de S. Magestade , Vigario collado da freguezia de N. Senhora da Conceição de Vil-

la-Real do Sabará, e (como já se disse) Governador deste Bispado por nomeação, e poderes, que o mesmo Senhor, ainda do caminho, dignamente lhe tinha commettido, o Doutor José Antonio de Oliveira Machado, Ouvidor de Villa-Rica, o Doutor Luiz Cardoso Metello Corte-Real e Cunha, Provedor da Fazenda Real das Minas, o Doutor Francisco Angelo Leitão, Juiz de fóra da Cidade Mariana, o Doutor Domingos Pinheiro, Intendente da Fazenda Real da mesma Cidade, e sua Comarca Antonio de Sousa Machado, Secretario do Estado, e do Governo, além dos mais Ministros Ecclesiasticos, e pessoas dos primeiros empregos da Républica, e da Camera da mesma Villa-Rica.

Entrou S. Excellencia na dita Villa, e supposto que por alguma indisposição, e molestia da jornada, tinha determinado passar muito particularmente, com tudo à instancia dos Ministros permittio que todo aquelle povo satisfizesse o desejo de o ver, mandando muitas vezes parar a cadeira, para communicar ao mesmo tempo tantas graças com a sua santa benção, como jubilos com a sua agradavel presença.

Acha-

Achava-se formada a Ordenança na praça desta Villa, e ao passar S. Excellencia lhe fez as continências militares. a que se seguíram trez descargas de mósquetaria, cujos ecos suavemente se confundião com os dos clarins, tambores, e vivas, que em todo o povo se ouvirão, com hum desufado, ou nunca visto prazer.

No sitio, onde se dividem os termos de Villa-Rica, e o da Cidade Mariana, ahi a Camera da dita Villa se despedio de S. Excellencia. e no mesmo lugar foi recebido pela da Cidade. Pouco distante largou a Cavallaria a retaguarda à da repartição da Cidade, que em bem formada, e luzida fileira estava disposta para succeder naquella acção, como fez.

Da huma para as duas horas depois do meio dia entrou S. Excellencia na Cidade, cujos moradores se felicitavão huns aos outros com mutuos parabens de verem completas as suas esperanças com a venturosa posse do seu Excellentissimo Prelado. Estavão as ruas viftofosamente armadas, e na praça se achava formado hum regimento de Infanteria, que correjou a S. Excellencia com as suas costumadas politicas militares.

Re-



Recolheu-se S. Excellencia ao seu Palacio, que por ordem sua se lhe tinha preparado custosamente; e como necessitasse de usar de alguns remedios pela moieitã, que lhe causára a jornada, justamente se escusou de receber visitas públicas.

Ordenou o Senado da Camera, que nas trez noites successivas houvesse luminarias por toda a Cidade, o que se executou com lustrosa grandeza, especializando-se huma notavel illuminação, que se admirava por toda a circumferencia da Igreja da Sé, e guarnição das suas torres. Via-se na primeira noite no alto do frontispicio huma grande estrella formada dos mesmos lumes, e por baixo della huma letra com igual arte, a qual cercando as trez faces do edificio sagrado, dizia: *Novum sydus emicat.*

Na segunda noite se observou exactada sobre outra estrella huma Cruz, e nos lados huma Mitra, e hum Bago Episcopal, rodeando a distancia da Igreja o nome de S. Excellencia, tudo por architectura luminosa: Na terceira se divisava em outro semelhante luzeiro huma coroa Imperial com esta letra: *Dara est illi corona.*

Cer-

Certamente que no compendio de tantos reíplandores se vio nestas occasiões estender-se a esfera das luzes sobre o dilatado dominio das sombras , brilhando igualmente em toda esta engenhosa producção a ioea do M. Reverendo Domingos José Coelho de S. Paio , Cura encommendado da mesma Sé , executada a mesma acção profusamente a effeitos do liberal dispendio da sua grandeza : esta applicou do mesmo modo para o ornato interior do Templo com a gravidade , e decencia competente à solemnidade , que nelle se havia de celebrar.

Isto continuou variamente alegre , e luzido espectaculo em agrado dos olhos ; e em lisonja dos ouvidos se offerencia ao mesmo tempo a contenciosa harmonia dos sinos , e concertos de musica , que publicamente pelas ruas , e casas competião com as metricas vozes dos Poetas , os quaes , principalmente debaixo das janellas , e junto ao Palacio de S. Excellencia , explicavão em discretos metros o elevado motivo de tanto jubilo.

Em breves dias principiou S. Excellencia a experimentar melhorias na sua indisposição ; e quando já se achava inteiramente restituído  
a hu-

a hũa faulde perfeita, determinou fazer a sua entrada pública no dia 24. do mez de Novembro, para o que se aprestarão logo com rigorosa diligência os preparos, que já se prevenião.

Pelo decurso de oito dias successivos, e precedentes ao da solemnidade, sahião de tarde pela Cidadê toda varias mascaras, diferentes nos trajes, e na jocofidade dos gestos, os quaes em graciosos bandos, e poezias, que espalhavão ao povo, avisavão por celebre estylo a futura festividade.

Esta noticia se divulgou por toda a Capitania das Minas; e como ao feu alvorço accrescia a fama de hum apparatus de figuras, e carros triunfantes, que (a empenhos dos seculares, os mais briosos da Cidade) havia de exornar o acompanhamento na dita entrada de S. Excellencia, deo maior occasião, para que no dia prefixo se ajuntasse, como ajuntou, hum numerofo concurso de gente, tanto da principal, como da plebe de todas as Comarcas.

Havia S. Excellencia de paramentar-se na Capella de S. Gonfalo, a qual se achia situada no principio da Cidade, e para a dita ac-

ção tomou à sua conta a armação da dita Capella Francisco Gomes da Cruz, Vereador da Camera no mesmo anno, e verdadeiramente no primor, e asseio do ornato bem desempenhou o zelo da empreza, passando a ser tão efficaz a sua demonstração, que em hum largo immediato à Capella, e casas, onde he morador, fez illustrar a noite da vespera com hum artificiozo fogo do ar, concorrendo no mesmo tempo com hum estupendo carro triunfante, que à sua custa mandou preparar para a função, e delle se dará em seu lugar muito individual noticia.

Amanheceo o dia 24. de Novembro com defengano total de se não fazer nelle a função destinada, por causa de huma grande, e continuada chuva, que houve, ficando desta sorte frutradas as diligencias dos Cidadãos, e os desejos do povo, que na maior parte delle tinha concorrido de fóra, e no mesmo dia se retirou com delgosto geral de não lograrem o prevenido apparatus.

Via-se na entrada da rua principal da Cidade hum primoroso jardim de bella architectura, levantado da rua em pavimento de cinco palmos, com oitenta de comprimento, e fin-



fincoenta de largura. Guarnecião-fe as partes posterior, e lateraes de frondosas arvores sylvestres, e de entre ellas sahião no circuito de todo o jardim vinte e duas Nyntas de commua estatura, recortadas em madeira, e levantadas em pintura de varias, e alegres cores, e nas diversas acções, em que se offerenciao à vista, mostrarão ferem humas alumnas de Bellóna, e outras assistentes de Flora.

Enchia-se o campo de hum bem delineado lavor de murtas, matizadas de fragrantas flores, as quaes tambem ornavão hum alegre te mais levantado, que cercava o mesmo jardim. Estava no meio d'elle hum alto, e formoso chafariz, ao qual servia de remate hum estatua de Neptuno, e a toda esta machina communicou a pintura tanta naturalidade, que elevada a vista nos accidentes dos artificios, facilmente se deixava persuadir que era fabricada aquella estructura da melhor pedraria.

Lançava o chafariz quatro bicas de agua, que levantada por hum repucho, cahia depois em hum lago com suavissimo murmureo. Mal se pode lograr o recreio deste artefacto com a chuva daquelle dia; e supposto esta lhe fizesse

se alguma destruição, com effeito se renovou para o dia da solemnidade, causando não menos geral admiração; e agrado esta reforma, que o primeiro prospecto:

Era a estação do tempo nadora de certas, e continuadas aguas no paiz, e por isso não se podia affinar dia certo para a desejada função, antes era preciso aproveitar-se aquelle, que melhor favorecesse o intento. Apparecerão no dia 27. do dito mez de Novembro menos nublados os ares, e no mesmo dia se resolveo, que no seguinte; que erão 28. se effeituasse a celebridade. Divulgou-se esta noticia, e o seu rumor fez com que tornasse a concorrer infinita gente das povoações de fóra, donde a distancia dava opportunidade à concurrencia.

Amianheceo o dia pouco seguro; nias postos todos os sustos de partè, e a sorte do acerto nas mãos de Deos, foi elle servido de serenar a manhã, em que se pode fazer, e fez a função com aquelle asseio, que todos desejavão.

Por ordem do Senado da Caméra se prepararão as ruas de todo o necessario: armá-rão-se nobremente as janellas de ricas tapessarias,

rias, e cobrião-se as ruas de arêa, espadana, e flores. Bordavão as mesmas ruas as companhias Infantes das Ordenanças, as quaes servião não só de ornato, e obsequio, mas também de reprimir as desordens do povo.

Disposto todo o referido em boa ordem, sahio S. Excellencia do seu Palacio das nove para as dez da manhã em huma liteira, e fôï para a Capella de S. Gonçalô, onde o recebeu toda a nobreza Ecclesiastica, e secular, que o esperava: A' porta da dita Capella o Reverendissimo Doutor Governador, revestido de capa pluvial, lhe administrou a Cruz, a qual S. Excellencia de joelhos sobre huma almofada recebeu, e osculou reverentemente; e conduzido ao Altar Mór, ali orou, passando depois a assentar-se debaixo do docel, que estava armado no Presbyterio.

Logo o Mestre de Ceremonias com varios Capellães de sobrepelizes presentou os paramentos ao Reverendissimo Doutor Governador, que servindo de Presbytero assistente, os ministrou a S. Excellencia, o qual se revestio de Sobrepeliz, Amicto, Alva, Cingulo, Cruz peitoral, Estola, Capa; Pluvial, Anel, e Mitra. A este acto assistirão obsequio-  
fa-

famente os MM. RR. Antonio Pêreira da Cunha, e Manoel de Pinho Cardido, Conegos da Cathedral do Rio de Janeiro, e então assistentes nestas Minas, e o M. R. Doutor Francisco Fernandês Simões, Conego Penitenciario da mesma Cathedral, que por occasião de ter vindo visitar a S. Excellencia em nome do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo daquela Cidade, se achava nesta de Mariana ao tempo da função, o M. Reverendo Doutor Geraldo José de Abranches, Arcipreste da Sé de S. Paulo, e assim mais os MM. RR. Manoel Ribeiro Soares, e Vicente Gonçalves Jorge de Almeida, Conegos da Sé do Maranhão.

Desceo S. Excellencia do throno, e lhe tomou a cauda o Doutor José Antônio de Oliveira Machado, Ouvidor desta Comarca, até chegar à porta da dita Capella, onde estava preparado hum formoso cavallo branco, cuberto todo de damasco branco, guarnecido de galão, franja, e borlas de ouro. Sustentava o estribo da parte direita o Doutor Luiz Cardoso Metello Corte-Real e Cunha, Picador da Fazenda Real de Villa-Rica, e da outra parte o Doutor Domingos Pinheiro, Intenden-  
te



te da Real Fazenda desta Cidade. Governavaõ os dous fiadores Antonio de Sousa Machado, Secretario do Estado, e o Coronel Caetano Alvarès Rodrigues, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, todos de conhecida nobreza, alèm dos empregos, que os fazem distinctos.

Posto S. Excellencia a cavallo, se encaminhou debaixo do Pallio, em cujas varas pegavão seis Cidadãos, que tinham feryido de Vereadores na Camera desta Cidade, e crão o Guarda Mór Maximiliano de Oliveira Leite, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, o Doutor João Dias Ladeira, o Capitão Antonio Gonçalves Torres, o Capitão Bento Lopes de Araujo, João Pinto Alvares de Carvalho, e o Licenciado Bernardo da Costa.

Precedido S. Excellencia por fórma processional (cuja ordem se descreverá em titulo separado, por não perverter a serie desta noticia) das figuras, carros triunfantes, Confrarias, Nobreza, e Clero, chegando ao lugar, pouco affastado da dita Capella, onde estava o Serado em hum grandioso theatro, armado de damasco carmezim, o Vereador mais velho fallou a S. Excellencia em nome da Cidade

de em huma breve , e discreta oração , a que o mesmo Senhor correspondeo com a sua benção , e outras demónstrações de grande urbanidade ; e sahindo o mesmo Senado daquelle lugar , se foi encorporar no que lhe he destinado em semelhantes funções.

Acompanhado de extraordinarios applausos , chegou S. Excellencia à Sé , a cuja entrada da parte exterior estavam em duas alas as figuras de cavallo , e as duas carroças triunfaes , e na importante riqueza , de que se compunha tão vistoso concurso ; já pelas muitas joias de diamantes , e mais pedras preciosas , que ornavaõ as figuras ; já nas melhores sedas de ouro , prata , e matizes , que preciosamente trajavão ; já nos varios toucados de plumages ; e outras galantarias , em que o enfeite se esmerou ; já nos briosos cavallos , cobertos de preciosos jaezes , tendo cada figura dous pagges às estribeiras , vestidos com alegres , e diferentes eleições ; já na admiravel , e soberba architectura dos carros ; e já finalmente na suave melodia da musica , que de hum , e outro se ouvia , ficavão os sentidos em tanto passo , que na gostosa attracção , em que se elevavão , só rendião admirações à magnificen-

ficencia, e esplendor de tão glorioso objecto.

Apeou-se S. Excellencia à porta da Sé; servido da mesma forma, que quando montou, sustentando-lhe a cauda o Doutor Ouidor. Logo o Reverendissimo Doutor Governador lhe administrou o Asperforio, e depois a Navicula, e o incensou trez vezes; e cantando-se o *Te Deum*, foi acompanhado debaixo do Pallio à Capella do Sacramento, e desta ao Altar Mór, onde, estando no genuflexorio, se lhe entoárão as costumadas Antifonas, e versiculos do Pontifical Romano. Subio ao throno, e nelle recebeo geralmente a obediencia de todo o estado, assim Ecclesiastico, como secular; e rezando S. Excellencia as orações na parte da Epistola, tomou a Mitra, e Bago, e no meio do Altar deo a benção Pontifical ao povo, e se publicárão pelo Reverendissimo Doutor Governador, Presbytero assistente, as costumadas Indulgencias.

Em quanto S. Excellencia se restituiu ao throno, onde se despio dos paramentos, e tomou a capa magna, e barrete, as Ordenanças, que estavão formadas no largo da Sé, derão trez salvas reaes de mosquetaria, mostrando

do na boa ordem , e disciplina deste ; e dos mais mandamentos a grande politica , e direcção , com que o Sargento Mór desta Cidade José da Silva Soares Brandão dispoz acertadamente as acções militares daquelle dia.

Sahio S. Excellencia acompanhado de toda a Nobreza , e povo ; e entrando no seu Palacio , na primeira antecamara deo as graças , e a benção a todos.

No resto do dia continuárão as muitas , e festivas demonstrações de alegria , tanto nas varias farças dos mascaras , e bailes pelas ruas , como nos concertos de musica , e instrumentos públicos , e particulares.

No mesmo dia principiou logo S. Excellencia a receber geralmente as vilitas de toda a Cidade , e de fóra della , cortejando a todos com notavel agrado , e urbanidade. A' noite se repetirão univérfaes luminarias com repiques , outeiros , e outros muitos sinaes de contentamento , com que todos se empenhavão em appláudir solemnidade de tanto gosto.

No dia seguinte , em que se contavão 29. do mez de Novembro , se celebrou com grande pompa na mesma Sé huma acção de graças , a que assistio S. Excellencia debaixo do seu



seu docel , o Senado , e toda a Nobreza da Cidade , e povo. Officiou a Missa o Reverendissimo Doutor Governador , à qual deo principio S. Excellencia , e fez todas as mais solemnidades , segundo o Ceremonial , e concurso da sua assistencia. Era a solfa da musica da melhor composição , e executada pelos mais particulares cantores de todas estas Minas. Acreditou o primor da acção o M. Reverendo Domingos José Coelho de S. Paio , que em hum alto Sermão Panegyrico desempenhou elegantemente o assumpto da festa.

Na noite deste dia se recitou no Palacio de S. Excellencia huma grande obra Poetica , composta pelo Reverendo Padre Manoel da Cruz e Mello , e dirigida em obsequio de Sua Excellencia , do inerecimento , e dignidade do seu caracter , do acerto da nomeação , e de varias circumstancias bem combinadas , tocantes à criação deste novo Bispado. Explicavão a idéa do Author Apollo , as nove Musas , e Mercurio , competindo todos em varios metros , conforme as cadencias do particular influxo de cada hum , qual engrandecia mais dignamente os cultos , que se devião à Excellencia do objecto. Estavão estas figuras vestidas à tra-

gica de riquissimas roupas, sentadas em lugar alto, e com maior superioridade Apollo, como Presidente, que sempre julgava com louvor o argumento, que qualquer das Musas fazia da sua empreza, mediando entre humas, e outras hum coro de musica, com que o acto se inculcava mais alegre, e suave.

Na seguinte noite, e no mesmo Palacio se representou hum acto comico, dedicado ao feliz nome de S. Excellencia na allegoria da exaltação da Cruz de Christo, a que se dirigião as heroicas acções, e lances da obra. Em hum dia, e outra noite esteve o mesmo Senhor publico na entrada da primeira antecamara, recebendo benignamente as assistencias, que lhe fazião os Ministros, e principaes pessoas da Cidade.

Tinha S. Excellencia cuidado maduramente na nomeação dos Conegos para a sua Santa Sé, e logo no dia 30. do mesmo mez de Novembro do dito anno mandou publicar na sua Secretaria a eleição, que justamente fizera do M. R. Doutor Geraldo José de Abranches para primeira Dignidade de Arcediago, por ter mostrado na cadeira de Arcipreste da Cathedral de S. Paulo o raro talento, e exemplares virtudes, de que he dotado.

Para

Para segunda Dignidade de Arcipreste constituo o M. R. Doutor José de Andrade e Moraes , cujas relevantes virtudes ; e prendas ha muito o tem feito distincto nestas Minas , e em outras partes ; onde se tem divulgado a sua fama pelo elevado estylo da predica , e pelas doudas consultas da jurisprudencia.

Nomeou para terceira Dignidade de Chantre o M. R. Doutor Alexandre Nunes Cardoso , em que se vê germanada a justiça do merecimento com as qualidades do emprego.

Proveo para quarta Dignidade de Thesoureiro Mór o M. R. Doutor João de Campos Lopes Torres , varão conhecidamente benemerito

Nas duas cadeiras Doutoral , e Magistral occupou os MM. RR. DD. João Martins Cabrita , e João Rodrigues Cordeiro , ambos perfeitamente sabios , e prudentes.

Nas duas de Mestres em Artes promoveo os MM. RR. Manoel Ribeiro Soares , e Vicente Gonçalves George de Almeida , que na Sé do Maranhão derão claras provas das suas capacidades , para serem segunda vez creaturas da attenção de S. Excellencia.

Para

Para Conego Penitenciario elegeo o M. R. Simão Caetano de Moraes Barreto, com propriedade correspondente aos predicados da sua sciencia.

Para os mais Canonicatos chamou os MM. RR. Antonio Freire da Paz, Francisco Xavier da Silva, Francisco Ribeiro da Silva, Francisco Gomes de Sousa, e Domingos Fernandes de Barros, todos de conhecidas letras, virtudes, e louvaveis procedimentos; e sendo os meritos destes a coroa dos primeiros, constituem todos huma Cathedral tão distincta, que talvez nas Cidades mais abundantes de Ecclesiasticos benemeritos não se achão sujeitos tão merecedores da Dignidade Canonical, como os Prebendados da nova Sé Marianense.

Nomeou mais S. Excellencia doze Capellães, a saber:

○ Reverendo Padre Caetano José juntamente Mestre das Ceremonias do mesmo Senhor.

○ Reverendo Padre Francisco Cardoso de Faria tambem com o emprego de Mestre de Ceremonias do Reverendissimo Cabido.

○ Reverendo Padre Floriano de Toledo Piza Sochantre.



O Reverendo Padre Gregorio dos Reis de Mello com o Mestrado da Capella.

O Reverendo Padre Manoel da Costa Dantas Organista.

O Reverendo Padre Simão Peixoto de Faria.

O Reverendo Padre João Coelho Gato de Amorim.

O Reverendo Padre Antonio Neto da Costa.

O Reverendo Padre Rodrigo de Faria Peixoto.

O Reverendo Padre José da Cunha Nogueira.

O Reverendo Padre Antonio de Faria Mendes Carneiro.

O Reverendo Padre Domingos Martins Xavier.

Dous Sacristães, hum maior, outro menor.

Quatro Meninos do Coro.

Hum Porteiro da maça.

No dia 6. do dito mez de Dezembro foram os Reverendos Conegos a Palacio, e publicamente na casa do docel os collou S. Excellencia em seus Beneficios, e no seguinte dia de

de manhã forão à Sé tomar posse, e de tarde tornarão juntamente com S. Excellencia, que depois de orar subio ao throno, e com huma prática gratulatoria, doutrinal, e elegante exhortou ao nobre Cabido o quanto era para honra, e gloria de Deos a exaltação daquella Sé, dando juntamente os parabens ao Senado da Camera, que estava presente, pela alta mercê, que S. Magestade fez a esta terra, de a elevar de Villa do Carmo à Cidade Mariana.

No dia 8. em que o Senado da Camera festejava o Mysterio da Purissima Conceição da Virgem Maria N. Senhora, como Padroeira do Reino, e especialmente da Matriz desta Cidade, antes de ser nomeada para Cathedral, quiz S. Excellencia dedicar tambem naquelle dia a sua Sé à mesma Senhora com o titulo da Assumpção, em hum triduo continuado, com o Santissimo Sacramento exposto, o que assim se executou com todo o primor, e asseio, pontificando S. Excellencia no primeiro dia, em que prégoou o M. R. Domingos José Coelho de S. Paio, combinando com o seu costumado engenho as distinctas circumstancias, que occorrião naquella acção.

No

No segundo dia do triduo cantou a Missa com assistencia de S. Excellencia o M. R. Arcediago o Doutor Geraldo José de Abranches, e fez a oração Panegyrica o M. R. Arcipreste o Doutor José de Andrade e Moraes com o desempenho, que se poderá ver no seu singular discurso, que vai impresso no fim desta Relação.

No terceiro dia, em que tambem esteve presente S. Excellencia, e o Senado em todos os trez dias, disse a Missa o M. R. Doutor Arcipreste, e orou o M. R. Doutor Arcediago, sendo com grande mysterio o ultimo Panegyrista, porque soube com o seu subtil engenho preparar a melhor coroa para remate de tantas glorias.

Ainda não satisfeitos os animos com as successivas demonstrações de affecto, que geralmente tributavão a S. Excellencia, se convocárão novamente empenhados na primeira noite do triduo com hum oiteiro debaixo das janellas de Palacio, e certamente que a alta dignidade do objecto inspirava cada vez mais novas influencias para o louvor. Glossárão-se muitos motes, e repetirão-se algumas elegantes obras em hum, e outro idioma, fazendo-se

se entre todos distinguir o M. R. Doutor José de Andrade e Moraes, que depois de glossar sem imitação, repetio com allusão propria aos dous Bispos de S. Excellencia o successo de Jacob no seguinte Soneto Acrostico, e glossa a elle na fórma, que se segue.

## T E X T O.

Ditoso Peregrino abençoado  
 Foi Jacob procurar duas esposas,  
 Mui diferentes são em ser formosas,  
 Ambas porém merecem seu cuidado.  
 Na fé de Lia colhe o fruto amado,  
 O bello de Raquel lhe offerece as rosas,  
 Elle rende a Raquel acções mimosas,  
 Lia sente em Jacob menor agrado.  
 D'ecorosa Raquel na tua sorte!  
 O conforto cativas docemente,  
 Conservando-o amante além da morte.  
 Rainha pois de Jacob no peito ardente,  
 Viva estatua do amor, constante, e forte.  
 Zelos causando a Lia mal contente.

GLOS-



## G L O S S A.

## I.

**A** Origem sempre amada , o patrio berço  
 Deixais , D. Fr. Manoel da Cruz , Illustre ;  
 Mas em quem nasceo Sol do Universo ,  
 Não deixar o Oriente era deslustre.  
 Febéo resplendor , em luz disperso ,  
 Gyrais dous mundos com flammante lustre ,  
 Estrangeiro na terra , astro exaltado ,  
 Ditoso Peregrino abençoado.

## II.

Luminoso Pastor o Sol se acclama ,  
 Quando o aprisco de Admeto guarda Apollo ;  
 Vós fois Sol dos Pastores , que derrama  
 Luz de doutrina em hum , e outro polo.  
 O Maranhão , e as Minas sacra rama  
 Vos tributão com ouro do Pactólo ,  
 Como àquelle , que por acções famosas  
 Foi Jacob procurar duas Esposas.

## III.

Representa a Esposa a Igreja Santa,  
 Jacob a hum Prelado cuidadoso,  
 Atè na pedra, que em Haran levanta,  
 Com o chrisma o consagra glorioso.  
 Duas Dieceses pois com gloria tanta  
 Venturosas em vós achão Esposo;  
 Se bem que desiguaes estas Esposas,  
 Mui differentes são em ser formosas.

## IV.

Forão Lia, e Raquel as doces prendas,  
 Que o querido Pastor amou constante,  
 O Maranhão, e as Minas em contendas  
 Este sacro Pastor buscão amante.  
 Tributario de amor, da alma em offrendas,  
 Ambas o encontrão Argos vigilante,  
 Ambas não tem em si o mesmo agrado,  
 Ambas porèm merecem seu cuidado.

## V.

O Maranhão he a Lia sempre inculta,  
 Sem alinho, e primor, do tedio agouro;  
 Raquel, que em ser gentil Venus se avulta,  
 He a Mariana linda, como hum ouro.

Mas

Mas não como no Ida o pomo occulta  
 O Pastor à mais fea com desdouro ;  
 Pois cultivando a fé Jacob sagrado,  
 Na fé de Lia colhe o fruto amado.

## VI.

Esta primeira Esposa já fecunda  
 Deixa o Mitrado Paris, sabio, arguto ;  
 Por colher em Raquel, como segunda,  
 Em solidas doutrinas, de ouro o fruto.  
 Sem tão santo Pastor era infecunda  
 De virtudes Raquel, da culpa em luto ;  
 Mas no exemplo de acções mais gloriosas  
 O bello de Raquel lhe offerece as rosas.

## VII.

Foi a candida rosa flor da graça,  
 Esta nos traz Manoel no lenho izento,  
 Porque outro paraíso sem desgraça  
 Cultive a Mariana em santo intento.  
 Destas rosas Raquel tece com traça  
 Ao seu Pastor coroas cento a cento ;  
 Obras ellá a Jacob dá virtuosas,  
 Elle rende a Raquel acções mimosas.

Em

## VIII.

Em mimos paternaes o Pastor puro  
 Sem espinhos a rosa em nós cultiva,  
 O Maranhão se pica em zelo duro,  
 E os espinhos lhe deixão magoa viva;  
 Porque vê que o Pastor flores seguro  
 A Mariana dá, quandô o cativa;  
 E sendo esta a Raquel, que o tem mudado,  
 Lia sente em Jacob menor agrado.

## IX.

Ceda Lia a Raquel esta victoria,  
 O Maranhão a palma a Mariana;  
 Mariana, es a Raquel, do amor gloria;  
 Maranhão, es a Lia, triste, infana.  
 Essa Lia não fique na memoria,  
 Esta Raquel se immortalize ufana:  
 Desconsolada Lia em teu mal forte!  
 Decorosa Raquel na tua sorte!

## X.

Veste a gala em virtudes, que te ensina  
 Do teu santo Pastor o vulto amado,  
 Em seus olhos modestia, e paz benigna  
 Te dá em raios de luz o teu Prelado.

Nova



Nova Espoſa te inculcas peregrina ,  
 Se te ornar a virtude ao ſeu agrado ;  
 Se aſſim for , Mariana , certamente  
 Ao conſorte cativas docemente.

## XI.

Effê Adonis do Ceo , que o Ceo te inveja ,  
 He hum Sagrado Leandro para amar-te ;  
 Pois porque a ſua Hero em ti ſó veja ,  
 Por longas terras , e agua amante parte.  
 Tambem morto em caminho o finge a inveja ,  
 Mas foi do ſeu amor iſto ſó arte ,  
 Porque morto de amor venha em tal porte ,  
 Conſervando o amante além da morte.

## XII.

Vivo eſtá o bom Paſtor , e te dá a alma ,  
 Porque morre de amor por te dar vida ;  
 E ſe morto o choraste em triſte calma ,  
 Serás no prazer Fenix renaſcida.  
 Troca os ramos da pyra em vital palma ,  
 Pois o vivo Paſtor vives unida :  
 Vive pois de Manoel na excelsa mente ,  
 Reina pois de Jacob no peito ardente.

## XIII.

O peito, que na Cruz se vio ferido,  
 Em D. Fr. Manoel da Cruz contemplo,  
 Trapassado das settas de Cupido  
 Aquelle coração de Amor no Templo.  
 He Pelicano amante, enternecido,  
 Os filhinhos criando em santo exemplo,  
 Porque fino se ostenté desta sorte,  
 Viva estatua do amor, constante, e forte.

## XIV.

E tu, Maranaense Esposa, triste  
 Paga à tua saudade a dor forçosa;  
 Pois o Esposo, que em braços teus já viste,  
 Ao peito o vês da Marianense Esposa.  
 E se do mal no exemplo o alivio assiste,  
 Olha, como ao Pastor já Raquel goza,  
 Do amor idolo, ao collo o traz pendente,  
 Zelos causando a Lia mal contente.

Entre outros, que merecedores da estampa não se imprimem, por não avultar o volume, repetio o Reverendo Padre Gregorio d'os Reis e Melló este Canto Heroico, fundado

no Cantico de Simeão: *Nunc dimittis servum  
tuum Domine, &c.*

**A**gora deixarêis nesta ventura  
Em paz os vossos servos, porque crêrão,  
E a possessão seus olhos tão segura  
Ver depois claramente merecêrão.  
Do vosso povo a gloria mais seapura,  
Porque o lume da Fé viva tiverão,  
A origem sendo da immortal bonança  
O venturoso ternio da esperança.

## II.

Não pois implore de Aganippe o metro,  
Influencias de Apollo defestime;  
Que se là no Parnaso empunha o sceptro,  
O assumpto se remonta por sublime.  
Porque não se exalta o humano plectro,  
Sem que sacro furor o peito intime;  
Para de excelsa causa illustre effeito  
Só seja humilde a voz, alto o conceito.

## III.

O conceito fó quer fabedorias,  
 Sem ser de fabulosa Divindade,  
 Que em continuas suaves melodias  
 Se anime o canto pela Magestade.  
 Quer a voz em sonoras harmonias  
 Mais alto influxo ter na suavidade,  
 Que alentados os languidos assentos  
 Conceito pasmos dá, a voz portentos.

## IV.

O vosso auxilio implora mais subido  
 Prelado, Pai, e Principe sagrado,  
 Clara expressão alente o percebido,  
 Alta impressão anime o imaginado.  
 Seja o plectro, Senhor, comprehendido,  
 Tendo tão grave impulso anticipado,  
 Para que clara a voz, subido o canto,  
 Por vós écos retumbe, ao mundo espanto.

## V.

Só se termina a fé, quando começa  
 A ver-se, o que antes de se ver se cria,  
 Porque não tem já mais para onde cresça  
 O bem, que amando, e crendo appetecia.

Hoje



Hoje pois flossa fé he bem conheça,  
 Que por vista melhor em vão porfia,  
 Pois nesta, e no amor do emprego amado  
 Vive o desejo ao premio vinculado.

VI.

Quando ao desejo a posse já se segue,  
 He de huma alma a feliz gloria excessiva,  
 Quem o bem, que anhelou, feliz consegue,  
 Huma victoria alcança successiva.

Na vontade às delicias já entregue,  
 A posse da esperança mais se aviva,  
 Pois onde a gloria ao bem todo prefere,  
 Não tem quem a possue mais, que espere.

VII.

Sempre certo o temor, dubia a esperanças,  
 Sem que do fim consiga o complemento,  
 Era no coração cada tardança  
 Hum verdugo cruel do soffrimento.

Duvida o entendimento esta mudança,  
 A vontade não dá consentimento,  
 Dando-lhe da firmeza a valentia,  
 A gloria de alto bem, que appetecia.

## VIII.

Quando a amar a vontade mais se inclina,  
 E ao mesmo tempo os meios difficulta,  
 Já no amoroso affecto se termina  
 O primitivo excesso, com que avulta.  
 Se o discurso lhe falta para fina,  
 Acerto no esperar não lhe resultá,  
 Porque só poderá na Divindade  
 Ser mesmo o entendimento, que a vontade.

## IX.

Só quem sabe, mais ama, e firme espera,  
 Pois do conhecimento só procede,  
 Que a vontade na sublimada esfera  
 Dobrado impulso para amar concede.  
 Na distincção do ser do que antes era  
 A memoria total lhe não precede;  
 Mas dando-lhe, qual luz, conhecimento,  
 Toda a gloria se deve ao entendimento.

## X.

De dictames tão varios, que differão,  
 De tantas variedades, que dictarão,  
 Entre tantos, que tanto discorrerão,  
 Quaes melhor a verdade se ajustarão?

Só com entendimento os que expuzerão,  
 Melhor as razões justas conformarão,  
 Pois vião do inferior, que o summo extremo  
 Ao infimo se iguala do supremo.

## XI.

Deos hum raio de luz proporcionado  
 Aos homens dá na Fé, com que os sublima,  
 De que o discurso debil animado,  
 Depois de crer a investigar se anima.  
 As razões funda logo illuminado,  
 O mysterio, que alcança, mais se estima  
 Pelo esplendor da Fé, que senhorea,  
 Que ao discurso não haja cousa alhea.

## XII.

Vião pois dada já da mão Divina  
 Segura a salvação, das almas norte,  
 Regra infallivel, que ao discurso ensina  
 Emprego não haver, que tanto importe.  
 Faltar Prelado tal era ruina,  
 Pois nelle consistia a nosla sorte,  
 E não seria do discurso acerto  
 O que causava tanto desconcerto.

Para

## XIII.

Para o Ceo fabricar hum novo Templo,  
 A's almas pasto dar o mais fecundo,  
 Já dos Prelados ser hum vivo exemplo,  
 Na doutrina, e sciencia o mais profundo.  
 Ficando a terra todo hum Ceo, contemplo,  
 Causando inveja grande a todo o mundo,  
 Da mente a interna luz tudo regista,  
 Patenteando-se à corporea vista.

## XIV.

Quiz porèm a Divina providencia,  
 Que tudo prevenio alto, e profundo,  
 Conhecessemos já para advertencia,  
 Que nada he sem mysterio neste mundo.  
 Pois na sua infinita intelligencia  
 O governo se cifra mais fecundo,  
 Por quem todos os bens se distribuem,  
 E a quem obras creadas se attribuem.

## XV.

Do espiritual bem da nossa vida  
 Na falta vendo da irremediavel quèda,  
 Em hum Manoel Divino prevenida  
 Dispoz que a Redempção chegasse leda.

Para



Para a segunda quêda, ou recahida,  
 Outro Manoel dispõe, que lhe succeda,  
 Que se não hé Divino por effencia,  
 Para humano lhe sobra a excellencia.

## XVI.

Noé restaurador da humana gente  
 No vago lenho foi, que a Cruz retrata;  
 Mas esta nova Cruz mostra evidente,  
 Que a nossa Redempção segunda trata.  
 Dos montes pára aquellã no eminente,  
 Quando ao mundo o diluvio desbarata,  
 Esta (em outro diluvio o mundo absorto)  
 Já no monte do Carmo toma porto.

## XVII.

Fez Moysés na serpente, que exaltada,  
 Contra o fatal mortifero veneno  
 Se visse a Cruz no monte figurada  
 Com assombro do mundo não pequeno.  
 De Christo foi figura, que admirada  
 Da tempestade poz o mar sereno,  
 Tirando da victoria conhecida  
 Remedio d'alma, redempção da vida.

Ou-

## XVIII.

Outro Christo em figura decifrado  
 No monte exalta a Cruz, sendo o primeiro,  
 Por mais clara expressão do figurado,  
 Que foi da serpe exemplo verdadeiro.  
 Nella o remedio mostra vinculado  
 Com assombro tambem do mundo inteiro;  
 E se as glorias vão já de monte a monte,  
 As palmas cante já, e os triunfos conte.

## XIX.

Quando de abrir o mar tomou o emprego  
 Na vara, que ostentou tão elevada,  
 Que era a Cruz, não dirá, só quem for cego,  
 Que a Igreja para os bons poz socegada.  
 A nova Cruz tambem traz o socego  
 Para a Igreja no mar representada,  
 Que daiido aos Faraós fatal castigo,  
 He do povo fiel seguro abrigo.

## XX.

Melquisedech supremo Sacerdote,  
 E tambem Rei da paz se intitulava,  
 E da justiça junto tinha o dote,  
 Justo pois nas virtudes só reinava.

Por-

Porque o discurso a semelhança note  
 Da mortal guerra, em que o Bispado estava,  
 Hum Prelado na paz, que o mal desterra,  
 Contra os vicios se vê já fazer guerra.

## XXI.

Ao Filho de David tão desejado  
 Promette, e jura Deos, quando contemplo,  
 Da Escriitura o oraculo sagrado,  
 Descanço achar tambem no novo Templo.  
 E porque Salamão accommodado  
 De assombros se vê já hum vivo exemplo,  
 Só póde Manoel esclarecido  
 Ser o tão desejado promettido.

## XXII.

Em fim a nossa Fé por mais discreta  
 Expoz estes Mysterios tanto à vista,  
 Que o successo ao profetico iinterpreta,  
 Sem que haja opposição, que lhe resista.  
 Esta gloria, que ha tanto o Ceo decreta  
 Com ansias, e temores já prevista,  
 Nos mostra nesta vista soberana,  
 Que a Fé Divina he luz, que desengana.

## XXIII.

Na Cathedral feliz, que senhorea,  
 Já gozamos da paz no sacrificio.  
 De tão alta ventura, estando alhea,  
 Ameaçando terrivel precipicio.  
 Já quanto a terra inunda, e o Ceo rodea,  
 Os parabens nos dê deste edificio,  
 Que torna Deos, porque o poder confirme,  
 O duvidoso certo, o vario firme.

## XXIV.

Tivemos na esperança permanencia,  
 Por mais que quem espera não descança,  
 Pois a gloria nos deo sem resistencia,  
 Triunfo do desejo, que não cança.  
 Venturoso he já com evidencia,  
 Quem quanto mais anhela, mais alcança,  
 Porque em Deos esperando permanente  
 Do fim vive seguro eternamente.

## XXV:

Ao rigor de huma guerra vinculado  
 Se imaginava já o bem perdido;  
 Porque hum bem, que se perde imaginado,  
 He pena rigorosa do sentido.



Porém hoje no gosto duplicado  
 O socego nos traz o mais crescido  
 Tanta vista, que a dúvida desfata,  
 Na pessoal distincção, que só relata.

## XXVI.

Já todo o nosso bem em ver consiste,  
 De contrarios discursos sem dispendio,  
 Pois mostra o objecto, que presente existe,  
 Ser de todas as glorias hum compendio.  
 Com ventura hoje o nosso amor assiste  
 No summo estado de seu vivo incendio,  
 Porque às acções o ser da gloria unindo  
 Está do amor na vista subsistindo.

## XXVII.

Sendo pois tudo bemaventurança  
 Amor, poder, imperio, e magestade,  
 Tudo posse feliz, nada esperança,  
 Justiça, rectidão, benignidade.  
 Conseguindo na sorte sem mudança  
 Hum imperio, hum dominio, huma vontade;  
 Luz sem receio, vida sem mais pena,  
 Bem firme, gloria certa, paz serena.

## XXVIII.

Myfteriosa Cidade, que adornada  
 Aquellotida imitais do Ceo descendo!  
 Se aquella foi de Deos throno acclamada,  
 Vós de Maria o sois, se está dizendo.  
 De luzes já não mais necessitada,  
 Que hum novo Sol em vós estamos vendo,  
 Pois circumvallando-vos de alto muro,  
 Vos communica todo o bem seguro.

## XXIX.

Agora cante superior virtude  
 Este nascido Sol; que resplandece,  
 Que o Divino favor nunca se mude,  
 Pois tudo com tal luz mais se engrandece.  
 Mas trazendo-nos já tanta faude,  
 Quem duvida no ardor, com que apparece,  
 Que será incançavel na porfia,  
 Illuminando-nos de noite, e dia?

## XXX.

Formado o grande luminar primeiro,  
 O Monarca das luzes sem segundo,  
 Desde o primeiro folio ao derradeiro  
 Logo tratou de enriquecer o mundo.

Tudo

Tudo abundancias no dominio inteiro  
 Por toda a terra produzio fecundo,  
 Sendo-lhé a esfera toda destinada  
 De distancia em distancia dilatada.

## XXXI.

Affim o novo Sol tambem abrindo  
 Os thesouròs Celestes, que em si encerra,  
 O seu governo toma, e vem seguindo,  
 Enriquecendo sempre toda a terra.  
 As nuvens de embaraço resistindo,  
 Graças induz, e sombras vans desterra,  
 Tendo o mesmo poder na esfera toda,  
 Pois com distancias todas se accommoda.

## XXXII.

He o Sol Rei das luzes o mais digno,  
 Porque em perpetuo gyro ao mundo seive,  
 O nosso Sol, imagem do Divino,  
 De unico a gloria superior conserve.  
 Pois distancias medindo amante fino,  
 Anda sem que descanço algum reserve,  
 Se o Sol he, por benigno, Astro brilhante,  
 Já outro em tanto bem tem semelhante.

Pro-

## XXXIII.

Prodigo empresta o resplendor Divino,  
 Tendo por gloria unida ao nascimento,  
 Desde o folio da Lua ao de Saturno,  
 Dar a todos os Astros luzimento.  
 He dos mais Astros o esplendor nocturno,  
 Pois do nosso Sol tomão documento,  
 Para ser nessa luz, e ser, que informa,  
 Dos Prelados, e Bispos regra, e norma.

## XXXIV.

O Sol nascido, diligente trata  
 De descer pelo rumo do Occidente,  
 A luz sepulta em tumulos de prata,  
 Até que refuscita em novo Oriente.  
 Morreo o nosso Sol na ausencia ingrata,  
 Porém refuscitou resplandecente,  
 Que se no Maranhão luzes sepulta,  
 Com nova luz na Mariana avulta.

## XXXV.

Brilhante Sol, Senhor, já vos contemplo  
 Entre os faroes da Igreja superiores,  
 Pois na luz alcançais com vivo exemplo  
 Alta reputação entre os melhores.



A vossa fama no sagrado Templo  
 Aspira a cultos de immortaes louvores,  
 Que sendo tanto o que de vós se explica,  
 He muito mais o que em silencio fica.

## XXXVI.

Apollinares veção de Ravena,  
 Pasmem de Cantuaria os Edmuidos,  
 Dos Paulinos tambem de Nola a pena,  
 Os Clementes de Ancyra os mais profundos.  
 Fiel traslado sois, e copia amena  
 Destes originaes os mais facundos,  
 Os Marcellinos Doutoraes de Ancona,  
 E os Narcissos vos louvem de Girona.

## XXXVII.

A fama de Epifanios gloriosa,  
 Compendio de virtudes sem limite,  
 Dos mefmos Exuperios de Tolosa  
 Acharão já em vós quem os imite.  
 A gloria dos Thomazes portentosa  
 Vossa exemplar virtude hoje acredite,  
 Dos Martinhos tambem da Panonia,  
 E dos Cyrillos là de Alexandria.

Mas

## XXXVIII.

Mas que pondero eu tanto portento,  
 Se vos vënero do discurso encanto?  
 Confusa a luz do meu entendimento,  
 Desmaia à vista de prodigio tanto.  
 Graças tribute humilde o pensamento,  
 Que só poder, assombro, amor, espanto  
 Nos communica a dadiva subida,  
 Efeito da grandeza esclarecida.

## XXXIX.

No throno excelso, com real presença,  
 Todo o povo feliz ver-vos alcança,  
 Sendo a gloria infinita, sendo immensa,  
 Pois o novo Bispado em paz descança.  
 Sendo a dita, que goza, a recompensa  
 De tanta viva fé, tanta esperança,  
 Resplandecendo sempre o vivo lume,  
 Que hoje nos revelou o immortal Nume.

## XL.

Ao voluvel do largo tempo exceda  
 Vosso nome, Senhor, por excellencia  
 Perenne manancial, de que proceda  
 De graças successivas a affluencia.

Pois

Pois para que infinitas as conceda,  
 Tem com o immenso o eterno alta coherencia;  
 Para incremento do Bispado novo,  
 Para gloria immortal do vosso povo.

Com semelhante obsequio se encheo a segunda noite do Triduo.

Na terceira noite dentro do Palacio se fez hum nobre Academia, na qual foi presidente, e Orador o M. R. Doutor Arcipreste José de Andrade e Moraes; e sem duvida que no acerto, com que eruditamente discorreo, conseguiu o applauso da primazia. Recitarão-se varias obras poeticas, assim Latinas, como vulgares, nas quaes se virão excedidos os engenhos mais graves, e profundos, como attestão algumas das ditas obras, que tambem vão impressas com a Oração Academica depois desta noticia.

A este tempo ainda o Reverendissimo Doutor Lourenço José de Queirós Coimbra exercitava os mesmos poderes de Provisor, e Vigario Geral deste Bispado, depois da chegada de S. Excellencia. Precisava este Ministro de recolher-se à sua Igreja, e para o fazer pedio faculdade a S. Excellencia, que lha

concedeo com o caracter de Vigario Geral da grande Comarca da Villa-Real do Sabará, e das Villas do Cayté, Pitanguy, e seus distritos.

Sahio desta Cidade no dia 17. de Dezembro, tendo-se despedido geralmente de todos os moradores della, mostrando na bizarrria deste seu cortejo a candidez, e urbanidade do seu agradável genio. A todos deixou saudosos a sua ausencia, mas igualmente contentes, e satisfeitos o exemplarissimo governo, que exerceo pelo tempo de nove mezes, e dezenove dias.

Era excessiva a bondade do seu tratamento; sem faltar ao decoro da authoridade, benigno sem deixar escrupulosa a rectidão da justiça, e prudente sem o defeito da frôuxidão. Mas que muito, se na illustre distincção da sua qualidade, e famoso conhecimento das heroicas virtudes, que o exornavão, tem efficaz estymulo para distinguir as suas acções com o realce da perfeição? E por isso foi mais mysteriosa, do que casual a eleição, que S. Excellencia fez deste insignè varão; se bem que a fama do seu merecimento, transcendendo as remotas distancias, em que S. Excellencia se



se achava , sem duvida teria já proposto no conceito do mesmo Senhor as singulares circumstancias , que o abonavão para o desempenho de tão importante nomeação.

Finalmente foi cumprimentado este Ministro por muitos Ecclesiasticos , e seculares , que o acompanhárão muito fóra da Cidade ; mas o Doutor Juiz de fóra , e o Doutor Intendente o conduzirão até Villa-Rica , e no dia seguinte com outro concurso de particulares o levárão até o Passa-déz , onde seguiu a sua jornada para o Sabará.

Tinha S. Excellencia provido os lugares do seu Auditorio para quando vagassem por ausencia daquelle Ministro , e logo no mesmo dia entrou a servir de Provisor , e Juiz das Justificações de *genere* o M. R. Arcipreste o Doutor José de Andrade e Moraes. De Vigario Geral do Bispado , Juiz dos Casamentos , e Resíduos o M. R. Arce-diago o Doutor Geraldo José de Abranches. De Promotor , Procurador da Mitra , e Examinador Synodal o M. R. Conego Doutoral João Martins Cabrita , sendo tambem nomeado para o mesmo ministerio de Examinador o M. R. Conego Penitenciario Simão Caetano de Moraes Barreto.

Para Escrivão da Camera nomeou S. Excellencia o M. R. Conego Mestre em Artes Vicente Gonçalves George de Almeida.

Creou mais hum Escrivão do Auditorio do geral, e Residuos, e hum Meirinho Geral.

Todos os subditos de S. Excellencia incessantemente rogão a Deos, que lhes conserve tão santo Prelado, pois no acerto, prudencia, e virtude das suas acções promette hum felicissimo governo a este Bispado. He muito particuilar o agrado, com que trata a todos, e por isso universalmente se tem feito amavel com tanto extremo, que até os proprios pretos em final do seu sincero reconhecimento, e obediencia se tem convocado com galantaria a virem dos Arraias de fóra, e de partes distantes, repartidos pelos dias Santos, a trazer cada hum seu esteio de lenha.

E he para admirar o concurso, que se ajuntã de cada repartição, entrando pela Cidade formados em duas alas, com bandeiras, tambores, e instrumentos, e cantos a seu modo, e se encaminhão ao Palacio de S. Excellencia, e em hum pateo largão a lenha, que em grande quantidade tem conduzido. He inexplicavel o contentamento, que recebem, em

Sua

S. Excellencia lhes apparecer , a cuja vista se põem todos de joelho debaixo das janellas , e com as mãos levantadas ao Ceo pedem com grandes vivas , e alegrias a benção , que Sua Excellencia lhes dá , mandando tambem repartir por todos muitas veronicas de Santos , que elles aceitam com grande devoção.

*Ordem da Procissão.*

**D**Avão principio a esta dous guiões de Irmandade. Logo em sua distancia seguia-se huma dança de doze figuras mascaradas uniformemente , as quaes em bem compassados tripudios lifonjeavão a vista com a variedade de mudanças.

Seguia-se hum carro triunfante do comprimento de vinte e sete palmos , e na popa dez de largo , e com altura na mesma de quinze. Era levantado em fina pintura de bem metidas cores de azul , e branco , recortado com bella airosidade em serêas , delfins , e outros relevos de primoroso engenho , entre os quaes se vião varios Anjos , huns pegando em tarjas , que servião de trofeo ao louvor pelas letras , inscripções , e epigrammas , que nellas se lião ,

lião, e outros occupados com Mitra, Chapeão, e Bago. Era sorrado de seda encarnada, perfilando o recorte varios tofos da mesma seda, das quaes nascião muitos ramos de diversas flores naturaes, que ao movimento do carro tremolavão com mimoso garbo, e fragrançia.

Mostrava a effeitos da pintura fahir de huma concha, e esta de huma nuvem, que tocava o chão. Conduzia-se por quatro rodas, a que dava movimento hum artificio occulto. Levava no alto da popa hum Sol mitrado, exaltado sobre huma gloria de Anjos, e Serafins, e da mesma entre resplandores fahião o Bago, e Cruz Episcopal. Dentro do dito carro hião doze figuras, que compunhão hum coro de vozes, e instrumentos: vestião todos à tragica com igualdade, assim nas preciosas sedas, como nas cores, que não passavão de azul, e branco, cuja eleição muito acreditou o bom gosto, e idéa de seu Author pela alegria, que causava tão vistosa perspectiva: coroavão-se de louro, e ornavão os peitos humas tarjas em fórma de justilhos, pintadas de prata, e azul, e no meio dellas se vião os emblemas, e letras seguintes.

Huma



Huma mão pintada , pegando em huma penna com esta letra : *Aulae splendor.*

Huma Mitra com a letra : *Optimè cer-  
tante.*

Huma Cruz Episcopal : *Salus Reipublicæ.*

Huma Mitra , Bago , e Chapeo : *Virtu-  
tis præmia.*

Huma Cadeira debaixo de hum docel :  
*Ubique Primus.*

Huma Mitra illustrada por hum Sol : *Luf-  
trans univèrsa in circuitu.*

Huma Cathedral : *Legum Cura.*

Huma Náo , e huma mão sahindo de hu-  
ma nuvem com as armas de Mercurio : *Ima-  
go Principis.*

Huma Arvore com ramos , e pomos pen-  
dentes : *Annorum pondere.*

Huma Mitra sobre huma almofada : *Col-  
latus honore.*

Na popa , e proa hião duas figuras sepa-  
radas das mais , trajadas porèm à mesma imi-  
tação , differençando-se só nas azas , que le-  
vavão. A da proa representava a Fama com  
huma trombeta na mão esquerda , de que pen-  
dia hum Estandarte de seda encarnada , guar-  
necido de franjões de ouro com a letra seguinte :

A

A fama deste Bispo já se acclama  
Muitas vezes maior, que a mesma fama.

Com a outra mão hia lançando flores,  
annunciando neste hieroglyphico os suavissimos  
frutos, que a esperança nos promettia pela fa-  
ma das justificadissimas virtudes de S. Excel-  
lencia. Na tarja, que no peito levava esta fi-  
gura, se via por emblema huma Igreja pinta-  
da, e sobre ella hum Sol com esta letra: *Ori-  
tur sicut Sol.*

A figura da popa (sentada em lugar mais  
baixo a empreza do Sol mitrado) levava pinta-  
da no peito huma palma com a letra: *Victoria.*

Alternativamente ao Coro commum com-  
petição estas duas figuras em hum dueto musi-  
co, cujas letras são as seguintes:

Maranhão de prata,  
Que outra Clyffea bella  
Segues por Estrella  
A teu Sol em flor.

Mariana de ouro,  
Que do Sol presente  
Es de Lyra ardente  
Orfeo com primor.

*Ambas.*

Nesta perda, e posse  
Dá-lhe peregrinas  
Consonancias finas  
Lagrymas de amor.

Tambem huma das figuras do dito Coro  
cantava às vezes o solo seguinte:

Mariana esclarecida,  
Vive, triunfa, impera, e reina,  
Pois feliz Astro te exalta  
No cruzeiro das Estrellas.

As Estrellas já no Carmo  
Te davão gloria suprema;  
Mas a Cruz, que hoje em ti brilha,  
Te dá hum Sol por empreza.

No ambito de todo o carro se lião os seguintes elegantes versos feitos pelo M. R. Conego Francisco Xavier da Silva, como expozição do emblema do Sol Mitra, cuja propriedade, e empreza se deve ao mesmo Author da Poezia, que se segue:

M

SO-

## SONETO.

**O** Peria, que no Sol a Divindade  
 Com o nome de Mitra reconhece;  
 O Egypcio, que no globo a Cruz lhe tece,  
 Sustendo-lhe no Bago a longa idade.  
 Deixe a do Bago annual solemnidade,  
 E o symbolo da Cruz, que resplandece:  
 Deixe a Mitra de luz, que lhe amanhece  
 No utilante oriente da Deidade.  
 Entre pelo Occidente de Mariana,  
 E verá que do seu ruinoso estrago  
 Se levanta outra luz mais soberana.  
 Pois no Sol de Manoel, Planeta vago,  
 Está com ella Deos, donde lhe mana  
 A Divindade, a Cruz, a Mitra, o Bago.

## OITAVAS.

## I.

**H**E sentença Platonica Divina,  
 E discrição do Seneca sincera,  
 Que a obra, que em grandeza se termina,  
 Tem sempre o exemplo na brilhante esfera.

Def-



Deſta arte a diviſão dos Biſpos trina  
 Semelhança fiel ſe considera  
 Do Celefté Biſpado tripartido,  
 Pelo Sol, Lua, Eſtrellas dividido.

## II.

Na ordem das Eſtrellas retratada  
 Obſervou o de S. Paulo a boa dita,  
 (Que he Eſtrela o Apoftolo Sagrada  
 No conceito do grande Sinaita.)  
 O rio-pois do mar admitte entrada,  
 No governo da Lua ſe acredita;  
 E Mariana; que gera o metal louro,  
 O Biſpado he do Sol, Planeta de ouro.

## III.

Se no Sol dignamente ſe figura,  
 (Por ſer filho da luz, Paſtor galhardo)  
 Do candido Prelado a formoſura,  
 Como prole da luz de S. Bernardo.  
 Porque o *Ber* ſignifica fonte pura,  
 Que ſe inflamma no amor do ardente *Nardo*,  
 Fonte Celefté, onde o Perſa arbitra,  
 Que deſce o fogo eterno do Deos Mitra.

## IV.

Este Sol nas virtudes, e na sciencia,  
 Como Elposo do thalamo fahia,  
 Para correr gigante de Excellencia  
 A dilatada, a perigosa via.  
 E ficando Sol sticio de prudencia,  
 Glorioso, mas pezado o coche fia  
 De Lourenço mais cláro, que Hyppocrene,  
 Mais illustre; que o filho de Clymené.

## V.

Com a Mitra Lourenço se entregava,  
 Do carro então de resplendor vazio,  
 Que Faetonte infeliz précipitava  
 Na rapida corrente do seu rio.  
 Nem o Numen, que já se appropinquava,  
 Da mão lhe tira o grato senhorio,  
 Porque intenta que a fama o cante, e conte  
 Filho do Sol; legitimo Faetonte.

## VI.

Mais já dos quatro brutos com decoro  
 O Sol se estriba no animal primeiro,  
 Mais brilhante, que o facil Brilhadoro,  
 E mais alvo, que o Pegafo ligeiro.

Se não he o de neve, que sonoro  
Sacrificava o Perfa ao seu luzeiro,  
Daquelles, que tirou (diz Jeremias)  
Do Templo do Senhor ElRei Jofias.

## VII.

Eis-aqui o quadrupede Celeste,  
Branco na cor, na indole benigno,  
Que o novo Sol conduz, sem que o moleste  
Pelo Signo de Leão de Virgo ao Signo.  
De tanta luz Mariana se reveste,  
De tanta exaltação o Sol he digno,  
Que ambos tem o retrato sem eclipse,  
Ella no Ceo, elle no Apocalypse.

## VIII.

Pelo orbe de Mariana, Ceo flammante,  
Pontifice entra o Sol, que o Sol desfoura,  
De alva o reveste a Aurora rutilante,  
Forma-lhe a capa a nuvem, que elle doura.  
A coroa he a Mitra mais brilhante,  
Arco Cruz, que mil graças enthesoura,  
Entra em fim vencedor, como sahira,  
Digno do Epithalamio, que elle inspira.

Ven-

## IX.

Vencedor, quando teve a bella Rhodas  
 Na insulã feliz Maranonienſe,  
 Onde as vontades sujeitando todas  
 Eſtatua lhe levantão Coloffenſe.  
 Rhodes, que Roſa nas primeiras bodas  
 O thalamo lhe fórma fluminenſe,  
 Roſa, que do ſeu Sol já Clycie canta  
 As ſaudades em flor, a auſencia em planta.

## X.

Tudo em fim por Mariana deixa Apollo,  
 Là vencendo com choro, aqui com riſo,  
 Para ſer no ſeu rio (outro Paçtólo)  
 Biſpo do Ribeirão, Paſtor de Anriſo.  
 Venha pois a illuſtrar o novo Polo  
 Com tão celefte ardor, com tal aviſo,  
 Que os raios do Sol Mitra ſejão aios  
 Da Mitra do ſeu Sol, e dos ſeus raios.



## SONETO ACROSTICO

D ominando a Sagrada Jerarquia  
 F reire de Cruz o Sol intelligente,  
 M ove o bruto gentil, que dignamente  
 A branca neve de candor vestia,  
 N o domicilio feu, no de Maria  
 O throno vai tomar mais eninente;  
 E reclinado alli, com gloria ingente  
 L ustra em nova de luzes Monarchia.  
 D elfos seja Mariana. seja agora,  
 A s irmans convocando, a quem ampara,  
 O amena do Parnaço, que melhora,  
 R etumbe do feu Sol na fertil Ara,  
 U nico o cante em voz alta, e sonora,  
 Z agal de Mitra, Bispo de Tiara.

Parecia exteriormente que puxavão, o dito carro sete figuras mascaradas por outros tantos listões de fitas encarnadas, que se prendião à proa; e ao tempo, que aquelle parava, se occupavão as taes figuras em varias danças, e cantos compostos ao modo dos pretos, que taes representavão nas feições, e cor das mascaras: vestião-se de branco, e azul com faio-  
tes

tes do mesmo , e bandas brancas guarnecidas de fendas aneladas. A mais passava a destreza dos ditos mascaras ; porque em outras occasiões formavão gravemente entre si hum Coro de musica , que a solos , e a cheios respondião , e acompanhavão o Coro superior.

No primor , e dispendio de todo este apparato se conheceo o grande zelo de seu Author Francisco Gomes da Cruz , hum dos mais empenhados na ostentação , e triunfo desta solemnidade.

Seguia-se o luzido acompanhamento das figuras a cavallo. Vinha a primeira vestida à tragica de seda vermelha , e ouro com trez ordens de marambazes , e capa do mesmo , tudo guarnecido de bordadura de prata , e varios allamares de prata enlascados com peças de diamantes ; o peito era de ramos levantados em canotilho de prata , fazendo em cima hum florão por remate de folhaje , onde estava hum broche de grande valor ; o fundo todo era cuberto de peças de diamantes , e topazios , unidas com igualdade ; e correspondencia : ornava-lhe a cabeça huma cabelleira de fios de ouro , com que mais realçava a gravidade do gentil parecer desta figura : cingia  
hum

hum laurel , sahindo das folhas muites diamantes , e topazios com hum broche na frente , e outro na parte posterior , do qual nascia hum penacho de pennas finas cor de perola ; das mangas sahião huns ricos punhos de rendas finissimas , os pulsos cingidos com braceletes de pedras preciosas : calçava borzeguins de marroquim com ramos soltos de ouro , e prata.

Levava esta figura na mão direita hum Sol , sahindo dos raios a letra seguinte : *Ortus est.*

No braço esquerdo huma tarja com esta letra : *Congregati sumus in splendore suo.* Reg. i. cap. 8. Ecclef. 6.

Montava em hum cavallo castanho , malhado de branco , as crinas erão guarnecidas de fitas vermelhas , matizadas de branco com duas ordens de cada parte , rematando no fim das tranças huma alcachofra das mesmas fitas , que lhe cahia nos peitos ; todos os mais laços erão das mesmas fitas com topazios no meio ; os arreios de marroquim , ferraje , estribos , e bocado dourado , a sella forrada de veludo verde xairel , e bolsas do mesmo , bordadas de ouro , levava o cocar de flores sobre hum chuveiro de lata em fio.

Acompanhavam às estribeiras dous pages vestidos à Mourisca com suas vestias de seda encarnada, fraldão do mesmo, guarnecido tudo de galões de prata, turbantes, e laços de fitas cahidos; calçados com meias vermelhas, e çapatos de marroquim com fivellas de pedraria.

Procedia a segunda figura com o mesmo traje, vestia trez fraldões, e capilar; era este de seda branca com ramos de prata, e matiz cor de rosa, e goivo, guarnecido de franções de prata crespa, e palhetão, todo salpicado de fitas de tela de varias cores com joias de diamantes, e no hombro esquerdo rematava com hum rico broche, prezo em laço de fita de tela de prata em campo azul, dous dos ditos fraldões erão irmãos da seda do capilar, e o do meio de brocado de ouro em campo cor de perola, todos guarnecidos de franjas de ouro com borlas do mesmo nos seus remates: levava manguitos de fina cambrai, e ricas reindas de França com pulseiras de diamantes, que correspondião ao affogador.

O peito guarnecia-se de diamantes, rubis, e topazios, levantado com boa idéa em relevo de canotilho de prata em campo azul,

fer-



servindo-lhe de remate , que mais o fazia sobrefahir , huma das mais importantes joias de diamante , que appareceo no acto.

Enfeitava-se a cabeça de pedraria fina , levantada em relevo de canotilho de prata , em campo de melanea de prata , cor nacar , e por cima cingia hum cocar redondo de plumas brancas , fechando na parte posterior com plumas mais elevadas , e no seu nascimento prendia hum especioso broche de diamantes em laço de fita de tela azul , e ouro ; o pescoço lhe ornava hum rico affogador de diamantes cravados em ouro , que prendia com hum laço de fita de tela de prata , e cor de rosa , em que assentava huma rica joia.

Calçava huns borzeguins de vivo marroquim guarnecidos de renda de ouro , e prata , em que entremettião laços de fita de tela azul , que prendião varias joias de diamantes.

Levava esta figura na mão direita trez gyrafoes , de que sahia esta letra : *Obsequium prestant.*

No braço esquerdo huma tarjá com a inscripção seguinte : *Faciem tuam semper requiram.* Psalm. 26.

Montava sobre hum cavallo ruço pombo , especial na mansidão , e formosura ; a sella

era de veludo carmezim com passamanes de prata, xairol, e bolsas do mesmo, bordadas de ouro; os arreios de marroquim com toda a ferrage de prata, as crinas de rendas de prata, e ouro sobre chamalote nacar, e pendião nas pontas com borlas de ouro; das orelhas até o arção da sella formavão segundas crinas de flores de seda, e canotilho de prata com faços de fitas lisas de varias cores; na testeira levava hum broche prezô em laço de fita de tela de prata, e azul: via-se elevado hum martinete formado de flores de canotilho de prata, e pennas finas de varias cores; ultimamente levava os cascos das mãos, e pés prateados.

Acompanhavão esta figura dous mulatinhos iguaes na estatura, que lhe servião de pagés à estribeira: levavão na cabeça barretes brancos com meia Lua azul, e clara, em que assentavão laços de fita de tela de prata cor de rosa com joias de diamantes, e avultados topazios: hião guarnecidos de rendas de prata com cocares de plumas brancas, azues, e encarnados, que prendião no seu nascimento com laços de fita de tela de ouro, e azul: vestião justilhos de olanda com alâmares de

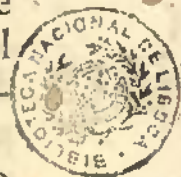
pra-

prata, com manguilhos de fina cambrai, e renda, dous fraldões brancos bordados de retró, e matiz guarnecidos de franja de prata: calçavão de branco com çapatos prateados, e saltos dourados, nas fivellas topes de fita azul com varias pedrarias cravadas em prata, dragonas nos hombros, e bastões nas mãos.

Seguia-se a terceira figura, cujo toucado da cabeça se compunha de huma peruca loura com varias flores de diamantes, laço no pescoço, de que pendia hum rico affogador; o capilar era de seda amarella com ramos de prata, e matiz, guarnecido em roda com rendas de prata; o peito em campo verde, guarnecido em boa ordem de ricos diamantes, e topazios, cercado em roda com rendas de prata crespa: vestia dous fraldões, hum immão do capilar, e outro de borcado de prata, e cor de rosa, ambos perfilados de bordadura de prata, manguitos de finas rendas, e com pulseiras de diamantes: calçava borzeguins de chamalote nacar, guarnecidos de rendas de prata com laços de fita de tela de ouro.

Na mão direita levava huma meia Lua rodeada de Estrellas com a letra seguinte: *Ut praeesset.*

No





O braço esquerdo huma tarja , em que  
 lêtia : *Sic ille effulsit in Templo Dei.* Eccl. c. 50.

O cavallo , em que montava , era de boa  
 figura , de cor murzello , a sella de veludo azul ,  
 xairol , e bolsas da mesma cor , bordado tudo  
 de ouro , os arreios de marroquim com ferra-  
 ge dourada , entrançado com fitas azues , e  
 amarellas : levava na testeira hum rico broche  
 assentado em hum laço de fita de tela cor de  
 rosa , e ouro , rematava na cabeça hum mar-  
 tinete de plumas brancas.

Acompanhavam dous pages com turban-  
 tes à Mourisca , em que entremettião cordões  
 de ouro : vestião justillos , e fraldões encar-  
 nados , guarnecidos de galão de prata , meias  
 da mesma cor , e servilhas de marroquim , e  
 nas mãos com seus bastões.

A quarta figura era hum mancebo de gen-  
 til presença ; o seu asseio muito especial , por-  
 que toda hia de branco correspondendo à pro-  
 priedade do emblema : vestia-se de melanea  
 de prata , guarnecida de franjões do mesmo ,  
 os fraldões de ló branco salpicado de Estrel-  
 las , que se vião brilhar entre muitas flores ver-  
 melhas , e azues , e ramos de ouro ; servia de  
 capilar outro ló da mesma qualidade , cujas  
 flo-



flores, e o mesmo ló parecia fugir com o vento, a não estar prezo com trez broches sobre os hombros, e com outras prizões de diamantes, que em suas distancias fazião sahir, e recolher as ondas da capa, que tomada no braço esquerdo com huma volta, sahia por cima delle a finalizar quasi junto do chão com huma borla de ouro pendente na ponta, e tudo franjado de ouro.

O peito tinha por campo melanea branca de prata, sobre que se levantavão varios ramos, e relevos de aljofares, embrechados com diamantes com tal proporção na riqueza, e arte, que ficava duvidoso à vista, e comprehensão, se a obra vencia à materia, ou a materia excedia à obra; mas ficou sem controversia, que entre todos se ostentava unico no feitio, pois se deixava lograr todo cheio de diamantes, e outras pedras preciosas, com igual largura do peito até à cintura, acabando retalhado em sete linguas com outras tantas rosas de ouro, ou rosiclères, a que servião de espinhos de diamantes, e de folhagem as fraujas de ouro, que tinhão em guarnição.

Calçava botinhas formadas de rendas de prata, no revizilho duas ordens de cordões de ouro,

ouro, que apertavão no meio outra de diamantes; os quadrados, e ponteados dos çapatos erão de cordões de ouro, só os saltos differençação em serem de prata batida, em que encaixavão humas esporas de prata; a volta dos canhões vinha rodeada de roscleres de ouro, e prata, e diamantes, perfilada nas extremidades com cordões de ouro.

Levava cabelleira branca com grande proporção, e ar do rostro: eingia a frente huma coroa de louro, cujas folhas feitas de nobreza verde deixavão equivocada a natureza; entre as esmeraldas das folhas sahião como frutos topázios, que davão maior graça, e lustre ao eirculo: fechava na testa com huma joia de diamantes, que se esmaltava com huma coroa de ouro, e pedras preciosas: rematava a parte posterior hum broche da mesma pedraria, que apertava hum cocar de plumas brancas.

Do braço da redea pendia hum escudo de prata massiça, e lavrada com todo o primor, sendo de fosco nas conchas, e ramos; o peito della tão lizo, como crystal, que servindo de espelho aos olhos, mettia invejas ao Sol, pelo que lhe furtava em raios, sem que a mui-

ta luz eclypfasse as letras, que de fosco se deixavão ler no meio : *Dabo tibi stellam.* Apoc. cap. 1.

Na mão direita huma Estrella de prata batida de esfera de palmo e meio , tão brilhante , que com os reflexos do buril cegava ; da mesma mão sahia para fóra lançada ao vento huma fita da mesma prata da largura de quatro dedos , retorcida nas pontas , e ondeada no meio com esta letra : *Ad dirigendum.*

Finalmente sustentava esta rica fígura hum cavallo pombo , altivo , fogoso , e soberbo ; a sella era de veludo verde bem lavrada , e guarnecida , os xaireis de veludo azul primorosamente bordados de prata , os estribos , e toda a ferrage de prata , e os arreios forrados de fitas azues , freio , e cascos do cavallo prateados ; sobre a cabeça se levantava hum martinete de plumas brancas por entre chuyas de lata ; na testeira hum grande laço de lita de matizes de ouro com duas pontas calidas , e franjadas de ouro , e no meio della hum formoso rubi , que feria fogo ; junto dos olhos tinha outras duas pedras iguaes no meio de duas rosas de fitas brancas , e azues , junto ao bocado outras duas com topazios ; das mesmas

O

fitas

itas se ornavão a cauda , e crinas , as quaes cubria huma donosa cachaceira de seda vermella guarneçada de azul , cheia toda de bellas rendas de prata crespas , que cahia com muito ar atè quasi os pés do cavallo com dous laços , e borlas nas pontas.

Acompanhavão esta figura dous pages de pé , vestidos igualmente de branco , os çapatos brancos com fivellas de pedras , calções , e vestias brancas finas , os saiotes de caça lavrada de ramos , nos hombros dragonas de fitas brancas , e azues tomadas em hum laço , que prendia huma peça de ouro : cubrião-se com hums barretes de olanda branca levantados ao alto , sobreexcedendo-lhes hum cocar branco prezo atrás com broche de diamantes , e com seus bastões.

Por se não fazer fastidiosa esta noticia contra larga descripção das figuras , se expõe por resumo , que as mais , que se seguião , na riqueza , e primor dos adornos tinham igualdade , e imitação ; supposto que mutuamente se vencião humas às outras nos exquisitos das sedas , quantidade , e valor das joias , e varias galantarias de gostosa eleição , e arte.

Differençavão-se porèm nas emprezas ,  
que



que levavão, significativas do emprego Pastoral de S. Excellencia.

Era a empreza da quinta figura hum ramo, ou pequena arvore, e no alto della hum ave branca, a que os Naturaes chamão *Ave luzida*, e do corpo da mesma sahião humas penas douradas: cercava o dito ramo hum letreiro, que dizia o seguinte: *In lucem Gentium.*

No braço esquerdo hum escudo com esta letra: *Emitte lucem tuam.* Psalm 24.

A sexta figura levava na mão direita hum bem imitado Pelicano feito de cera, coberto com pennas naturaes, e azas abertas, rasgando o peito, e com trez passarinhos vivos picando nelle, armado tudo em hum ninho de flores, e de varias pennas, do qual pendia o letreiro seguinte: *Reficiam vos.*

No braço esquerdo levava huma tarja com a seguinte letra: *Animam dat pro ovibus suis.* Joann. 10.

A setima figura levava na mão direita hum coração, sahindo delle varios fios de canotilho de prata com esta letra: *Virtus exhibit.*

Na tarja do braço esquerdo era a letra: *Post tunc curremus.* Cant. 1. cap. 3.

A oitava figura levava huma pequena ar-

voze com frutos pendentes, e com a letra: *Prævenio in maturitate.*

No braço esquerdo a tarja com a seguinte: *Salus, ubi multa consilia.* Prov. cap. 11.

A nona figura levava huma trombeta, de que pendia hum estandarte com esta letra: *In spiritu lenitatis.*

E no escudo a seguinte: *Spiritu labiorum suorum interficiet impium.* Isai. cap. 11.

A decima figura levava huma columna, e no alto della huma Mitra com o seguinte le-treiro: *Firmabitur, & non flectetur.*

No braço esquerdo hum escudo com outra letra: *Ad ostendendam viam in columna.* Exod. cap. 13.

A undecima figura levava huma Mitra exaltada sobre huma nuvem, e no alto da dita Mitra huma Estrella, cuja letra era a seguinte: *Contulit ei splendorem.*

É no braço esquerdo huma tarja com a seguinte: *Splendor ejus, ut lux, erit.* Habac. c. 3.

Seguia-se às sobreditas figuras huma dança de Carijós, ou gentio da terra. Era esta ajustada de onze mulatinhos de idade juvenil, nús da cintura para cima, a qual cingiãd varias plumas cinzentas cahidas até os joelhos, for-

man-

mando faiole : rodeavão as cabeças penachos das mesmas plumas , e outros fingidos de papel pintado , e latas crespas ; nos braços , e pernas tinham varias prizões de fitas , maravallhas , e guizos ; na variedade das mudanças usavão de huns arcos , com que formavão diversos enleios , cantando ao mesmo tempo celebres toadas ao som de tamboril , flautas , e pifaros pastoris , tocados por outros Carijós mais adultos , que na grosseria natural dos gestos excitavão motivo de grande jocosidade.

Seguia-se por admiravel extremo deste triunfante apparatus huma imperial carroça , em que hia em lugar eminente debaixo de hum nobre , e bem levantado pavilhão de damasco carmezim , guarnecido de franja , e borlas de ouro , a Igreja , cuja figura fazia hum mancebo de grave , e gentil semblante , vestia-se de capa Pontifical , de rica téla branca de ouro , Tiara bordada de importantes , e preciosas peças de diamantes , e de outras pedrarias finas de inestimavel valor ; levava na mão direita huma Cruz dourada do comprimento de oito palmos , e na esquerda , encostada sobre hum livro , hum Calis , e duas chaves douradas penduradas por cordões de ouro ; hião dentro seis

Anjos, que na riqueza do ornato tinham competência com as mais figuras : assentavão-se dous aos lados do throno , espalhando flores , e os quatro em lugar mais inferior compunhão hum Coro de musica acompanhado de varios instrumentos , que do Coro interior , e debaixo do pavimento do throno se ouvião ; levavão os ditos Anjos nos braços da parte de fóra suas tarjas , em que se lião as seguintes letras :

1. *Exiit sponfus de cubili suo , & sponsa de thalamo suo.* Joel cap. 2.
2. *Veni , & ostendam tibi sponsam.* Ap. 21. 9.
3. *Sponfus processit , & amici ejus cum tympanis , & musicis.* 1. Macab. 9. 39.
4. *Tenuisti manum dexteram meam , & in voluntate tua deduxisti me.* Psalm. 72.
5. *Quæsiui sponsam mihi assumere , & amator factus sum formæ illius.* Sapient. 8. 2.
6. *Nunquid possunt filii sponsi lugere , quandiu cum illis est sponfus ?* Matth. 9. 15.

Era a construcção da obra de primoroso engenho , tanto nas propriçdades , e preceitos da architectura , que lhe dera a fórma , quanto nos vivos accidentes da pintura , que lhe

com-



communicára a alma ; na parte posterior da popa se elevava hum formoso escudo com as armas de S. Excellencia, as quaes sustentavão dous Anjos, pegando juntamente em hum chapéo Episcopal com cordões, e borlas de ouro, que cubria o dito escudo.

Tinha este carro de comprimento trinta palmos, e na popa quinze de altura, sobre o qual se elevava o pavilhão com dez palmos de alto : estendia-se a mesma popa em doze palmos de largo, tanto na altura, como em largura, se declinava em proporcionado declivio, e airoso recorte em relevos, florões, e outros desenhos, que realçava a idea, e primor do artificio, em seis palmos de altura na proa, e finco de largo na mesma.

Acompanhavão seis pages por banda, vestidos de branco, e saiotes de seda encarnada, laços no pescoço, e barretes vermelhos, meias brancas, e çapatos de marroquim com mascarilhas nas caras, e seus bastões.

Movia-se por quatro rodas a beneficio de hum tiro de seis cavalloos, que o puxavão governados por hum sota, e hum cocheiro, assentadèl em lugar delineado para o mesmo intento : vestião estas duas figuras à tragica de  
rou-

roupas de seda de matizes : cubrião-se as guias ,  
 ou fiadores de fitas encarnadas , com as mes-  
 mas se guarnecião em muitas ordens as crinas  
 dos cavallos ; os martinetes se formavão de ro-  
 sas , e laços de fitas com chuveiros de lata em  
 altura de dous palmos ; hião cubertos de gual-  
 drapas , recortados em marambazes , e debu-  
 xados de matizada pintura.

Foi especial acerto do empenho ajustarem-  
 se seis cavallos de igual formosura , briosos , e  
 soberbos , todos castanhos , sylvados , e qua-  
 tralvos , sendo não menos para admirar a in-  
 venção da uniformidade , socego , e boa or-  
 dem , com que conduzirão aquella portentosa  
 maquina , sem mais exercicio do que aquelle ,  
 que pudérão ter com o ensino de oito dias ,  
 para em tudo ser maravilhosa huma fabrica  
 nunca vista neste Paiz , executada a impulsos  
 da grandeza , e generosidade do Doutor Ma-  
 noel Ribeiro de Carvalho , hoje Cavalleiro  
 professo na Ordem de Christo.

*Seguiu-se todas as Irmandades , e Confrarias da Sé.*

**P**ROcedia o estandarte da Camera acompanhado de muita Nobreza , em que se admiravão custosas galas. Illustrava-se este corpo com o concurso do Senado , a que presidia o Doutor Francisco Angelo Leitão , Juiz de fóra actual da Cidade , e Cavalleiro professo da Ordem de Christo. Vestião-se os Senadores de Corte com as bandas das capas , e das casacas , e vestes de diferentes , e ricos galacés de ouro , distinguindo-se entre todos aquelle Ministro pela opulencia , e gravidade da gala , com que appareceo naquelle dia , em pública demonstração do seu empenho , como origem principal do applauso , e triumpho , com que os moradores della gostosamente recebêrão a S. Excellencia. No que teve igual parte o Doutor Intendente Domingos Pinheiro ; que revestido de sua actividade , efficacia , e respeito , cooperou com o Doutor Juiz de fóra , sendo ambos instrumento inseparavel de tão nobre triumpho.

Seguiu-se debaixo de huma Cruz varios Religiosos , que se achavão nestas Minas ; o

numeroſo Clero de todo o Biſpado, aſſim de Capellães das Capellas, Vigarios encomendados, e collados, como os das varas do meſmo Biſpado, o Reverendo Cura da Sé, e os MM. RR. Congegos da Sé do Maranhão, e do Rio de Janeiro, já nomeados neste manifeſto.

Pelo meio deſta Communitade Eccleſiaſtica hia immediato à Cruz hum Coro de muſica, cantando a Antifona: *Ecce Sacerdos magnus.* Seguião-se Luiz de Mendonça Cabral, Theſoureiro da Real Intendencia deſta Cidade, o qual em huma ſalva de prata levava o barrete de S. Excellencia, Joſé Caetano Rodrigues de Horta, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e filho do Coronel Caetano Alvares Rodrigues, o chapeo Episcopopal, e o Doutor Manoel Ribeiro de Carvalho a capa magna, todos de diſtincta nobreza, e qualidade.

Seguião-se duas preciosas Mitras, que levavão dous Capellães de ſobrepellizes, e véos.

Logo o M. R. Doutor Geraldo Joſé de Abranches, Arcipreſte da Sé de S. Paulo, i  
vestido com capa de Aſperges, com o Bag.  
de S. Excellencia, e o Reverendiſſimo Dou-  
tor Governador Lourenço Joſé de Queirós Co-  
imbra



imbra , Presbytero assistente , e revestido da mesma fôrma. Todo este apparatus dirigia o M. R. Doutor José de Andrade e Moraes , que , como Prometor que era do Bispado , e Procurador da Mitra , levava a vara de Vigario Geral por impedimento deste Ministro , que era o Reverendissimo Governador , e o Meirinho Geral , e seu Escrivão compunhão a Procição nos lugares , em que lhes tocava.

Procedia S. Excellencia debaixo do Pallio na fôrma , que já fica exposto , a c. e se seguia o Doutor Ouvidor da Comarca , montado nobremente em hum brioso cavallo , e depois huma companhia de soldados Infantes , que do sitio da Capella de S. Gonfalo vinhão fazendo a retaguarda , unindo-se à mesma as mais milicias , que ao tempo , em que S. Excellencia hia passando pelas ruas , desfilavão das alas , e marchavão em boa fôrma , a c. e o mesmo Senhor recolher-se para a sua Santa Sé.

Assim se celebrou a solemne entrada de S. Excellencia ; e no desvelo daquelle glorioso triunfo , para que privativamente concorrêrão os honrados seculares desta povoação , se veio no conhecimento da Christandade , e

veneração , com que elles costumão receber os Prelados da Igreja , desvanecendo o diverso , e injusto conceito , que em outro tempo os pertendeo desluzir.

FIM DA RELAC,ÃO.

ORA-

ORACÃO  
ACADEMICA,  
E CONGRATULATORIA

A' felicissima, e desejada entrada do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor

D. FR. MANOEL  
D A C R U Z,

*Primeiro Bispo do Bispado de Mariana,*

Feita publica, e solemnissimamente na sua Capital a  
28. de Novembro de 1748.

Foi Presidente da Academia, e recitou a mesma Oração, como  
temate de todos os applausos, que se fizeram a S. Ex-  
cellencia Reverendissima,

O M. REVERENDO DOUTOR

JOSE' DE ANDRADE  
E MORAES,

*Novamente creado Arcipreste da Cathedral do dito  
Bispado.*

Esta função academica se fez a 10. de Dezembro  
do dito anno, e assistirão a ella o dito Excel-  
lentissimo, e Reverendissimo Senhor com  
toda a Nobreza da mesma Cidade.

ORACAO  
ACADEMICA

CONGRATULATORIA  
D. F. MANOEL  
D. A. C. R. U. S.

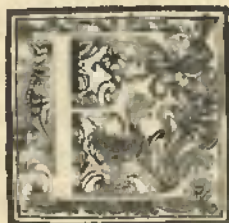
DR. JOSE DE ANDRADE  
E. MORAES

ALTO



EXCELL.<sup>mo</sup> E REVERENDISSIMO  
 Senhor. Illustres , e litteratissimos Magis-  
 trados: huns ornamento sagrado da Igreja;  
 outros brilhante coroa da Républica. Pre-  
 claros , humanissimos Hospedes. Nobre ,  
 sapientissimo Congresso

Feliz Mariana ,  
 Amante , triunfante  
 Na gloria , que tem ,  
 Festiva , e ufana ,  
 Em plectros , e metros  
 Se dá o parabem.



ESTA breve letra , que em ca-  
 dentes harmonias , e numero-  
 sas cadencias de Apollo , e Or-  
 feo repetio com suave modula-  
 ção o Coro Musico , he a gran-  
 de alma , que anima a decan-

tada empreza deste gratulatorio obsequio. Esta felicissima Cidade , a nossa Mariana , mil  
 vezes venturosa , e mais affortunada que as ur-  
 banas Jovoações Marianenses , famigeradas na  
 Historia , como são : a Marien cabeça de Bis-

pa-

pado na Ilha de Corfega , a Mariemberg de Alemanha na Saxonia alta , à Mariemberg dos Paizes baixos nos confins de Hainaut , e Luxemburgo , a Mariemberg do Reino de Polonia , cabeça da Prussia Real , a Mariemberg de Irlanda , e a Mariana em huma das Ilhas da Asia ; à nossa Mariana (digo) mais feliz , que todas essas Cidades Marianenses , se dão hoje os parabens da excelsa ventura , que goza com a posse pública , e luzida entrada do tempo Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , primeiro meritissimo Bispo deste novo Bispado.

Este jubilo , que depois de redundar nos corações acordes , e concordes na causa , e nos effeitos de tanta alegria , tem tocado cordas mais afinadas ; que às da cithara de Arion , e as da lyra de Cadmo , para explicar em harmonias o alto conceito de seus prazeres ; este alvoroço , que não cabendo na esfera do peito , chegou a abrir as portas da eloquencia , publicado , mais que em voluntarios periodos da prosa , em numerosos , e medidos preceitos da Poetica , cujos sublimes Authores , se não excedem , igualão nos seus Rithmos ac ; Mēandros Athenienses , e aos Pindaros Thebanos ;

nos ; este alvoroco pois , este jubilo he o jucundo estymulo , o alegre instrumento , que agora apara as plumas de Cicero , e Demofthenes , para que voe nas azas da centilingue , e tubicinante Deosa por beneficio da Oratoria a fama do excessivo , justo contentamento de Mariana.

Alegra-te sim , ò Mariana illustre : congratula-te , ò Cidade famosa : dá-te os parabens a ti mesmo , ò nobilissimo povo ; pois na desejada possessão ; na suspirada companhia do teu sagrado , excelso Principe , só tu conheces a completa felicidade , que te resulta da sua honorifica assistencia. O teu Excellentissimo , e amabilissimo Prelado , ò Mariana , he justo sem os excessos da justiça , he pio sem as frouxidões da piedade , he urbano com inteireza do respeito , he respeitoso com agazalho de affabilidade , he desejado , e temido , he amavel , e magestoso , magnifico sem affectação , munifico sem jaectancia. He santo , sabio , sóbrio , prudente , ornado , casto , caritativo , Doutor , abstinente , brando , modesto , pacifico , desinteressado , e perfeito pai de familias Juangelico.

Assim queria S. Paulo que fosse o seu Bispo

Q

po

po Timotheo, e assim logras tu a fortuna de ter, ò Mariana, o teu Preclarissimo primeiro Bispo o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, que Deos profpere. E na invejada posse de tão glorioso Principe, na intuitiva noticia de suas heroicas virtudes, como não has de exultar, e jucundarte, ò Mariana feliz? Mas, oh! que a nossa Cidade em públicas; e festivaes demonstraões mostrou triunfante a sua alegria tão superior, como a causa della.

Não vistes, Senhores, o solemnissimo triumpho, com que esta Cidade recebeu em 28. do mez passado ao seu summo Sacerdote? Pois por certo que não vio Jerusalem nos seus triumphadores Tito, e Vespasiano tanta gloria. Não vio a antiga Roma entre os triumphos de Tarquinio, que foi o primeiro, que logrou este vitoso aparato; o de Paulo Emilio, que foi de todos o mais solcmne, e magnifico, e entre os outros cento e vinte, que diz Paulo Orosio, que se celebrarão naquella Cidade desde a sua Fundação até o tempo do mesmo Author. Não vio (digo) tanta magestade como ostentou a nova Mariana naquell' fausto dia, em que levantou vivas, e preciosissimas esta-



estatuas , as quaes derão a ler a presente , e futura , perenne felicidade , com que se coroa o seu jubilo neste triunfo. Nos triunfos Romanos precedião os instrumentos bellicos : seguia-se a estes diferentes carros com os despojos dos vencidos ; e era só hum o carro triumphal , tirado por quatro cavallos brancos emparelhados , e nelle hia o vencedor triunfante. No pomposo espectáculo Marianense teve o triumphal apparatus outra ordem , para se differenciar dos triunfos militares o da Igreja.

No vistoso triunfo de Mariana precedião trez engraçadas choréas , as quaes , acompanhando alegrias ao som de harmonicos instrumentos , mostravão que o gosto de receber ao seu Principe sagrado fazia saltar toda a terra de contente. Erão trez os harmoniosos bailes , porque he o numero temario o mais perfeito , por isso não devião ser menos os tapudios , para se inculcarem os da maior perfeição. Fizerão airozas voltas , para que formando rodas o contentamento , gyrasse o gosto em moto contínuo até se fazer o prazer perpetuo.

A estas alegres danças seguia-se o primeiro carro triumphante tão cheio de primor , e lustre , que o seu Author empenhado , fazendo-

do-o andar pelos ares entre nuvens de diafanas safiras, parece que quiz despojar a quarta esfera do carro de Apollo. E não me engano; porque aquêndê andante, ou movido solio sustentava a Mitra do Sol, ou o Sol Mithren, como glorioso jeroglyfico do Preclaro Pontífice Marianense. Luzido retrato para tanta gloria! Prodigiosa Metamorfose de luz para os auspíados, brilhantes progressos da nossa Mariana! Tinha esta Cidade no Carmo o timbre das Estrellas para luzir, agora augmenta-se-lhe o esplendor; porque hum Sol mirrado né o que illustra, e coroa a sua grandeza. Sim, que he todo Sol nos luzimentos, e na claridade das virtudes o Excellentissimo Prelado o sagrado Pastor, que a illumina.

Seguia-se a soberania deste luminoso espectáculo outro alegre, pueril tripudio. Era de meninos o baile, para ser o amor a guia do festejo; pois para se fazer gigante do prazer, nunca passou Cupido da infantil estatura, nem pôde deixar o amor de ser sempre menino para se perpetuar o seu gosto. Se já não he que por isso os meninos dançam neste applauso; porque como S. Excellencia Reverendissima he quem anima este alvoroco publico,

signi-

significação os pueris dancadores, que nunca hã de envelhecer: o gozto, antes será perenne a alegria com a assistencia de tão illustre Principe. Antecedia, e seguia reproduzido o jubilo nas choréas ao brilhante emblema do nosso excellentissimo, e Reverendissimo Prelado; porque a alegria he a precursora das suas virtudes amaveis, e as suas heroicas luzidas prendas levão, e arrastrão (mas sem violencia) apôs si os jubilantes corações. Não se mudava este affecto nas voltas do baile, antes as mudanças do tripudio indiciavão a firmeza do contentamento.

Ao saltante Coro da referida aprazivel farça se seguião onze magestosas figurãs, as quaes subjugavão a outros tantos generosos brutos: Se se pudesse ver o Ceo a cavallo, ver-se-hião as suas onze esferas, que admittem alguns Filozofos, montadas na terra nas onze figuras, que illustrião o nosso triumpho. Tudo nellas era celeste; o ouro, e a prata, entretecido nas primorosas sedas, que vestião, ou competião com a Via lactea no brilhante, ou com os reflexos do Sol no refulgente. Os diamantes, os rubis, e outras pedras preciosas, de que se ornavão, erão emulação das Estrellas, com que se



se adorna o Firmamento. Toda esta luzida tropa ostentava em finissimas tarjas de prata, e de outras materias, em que se esmerou a arte, onze profundos, e subtis emblemas Episcopaes, os quaes vaticinão as innumeraveis felicidades, que terá esta Diecese com a inestimavel posse de Prelado tão excelso, como he o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz. Por isso forão onze os faustos, augurantes enigmas do triumpho.

De doze foi o numero da primeira idea para este alegre espectaculo: faltou huma figura, mas crelceo o mysterio do algarismo nesta falta daquelle primeiro destinado numero; e numero duodenario, como considerão muitos Theologos, he universal, e explica hum tudo, ou hum todo perfeito: erão jeroglyphicos das heroicas virtudes do nosso Marianenle Pontifice, e das completas felicidades, que com elle gozamos aquelles Pontificios emblemas. Pois não cheguem a doze, que he numero completo, e universal, sejam somente onze, que he numero incompleto, e diminuto, para explicar hum todo, ou hum tudo; pois para significar o tudo de perfeições, que tem o nosso inclyto Prelado, e o todo das venturas,



ras, que nelles temos, não ha algarismos, que cheguem, he defeituoso todo o numero.

Se bem que neste defeito de numeros descubro eu o excesso do mesmo algarismo com perfeição, se he que póde caber a perfeição no excesso. Erão onze as vaticinantes Semideosas nos enigmas do Marianense, Episcopal apparato; e se forão só dez as Sybillas, que augurárão futuras felicidades ao mundo, como affirma Varrão, cresceo na presente ventura nossa o numero das fortunas, porque exceedem a todas as prosperidades preteritas as que se auspicião à Mariana com o seu Principe sagrado. O certo he que delineou a mão de Astréa este apparatoso obsequio; e o braço da justiça não havia de mover diminutos applausos a hum dignissimo Pretado, a quem de justiça se devem completos todos os louvores.

Atrás desta enigmatica, e brilhadora cavalcata rodava sumptuoso, e rico o segundo carro triumphal, tão magnifico, e magestoso, como o animo de quem o apromptou. Era elle o remate de tão glorioso apparato; não podia ter outro lugar para ser, como foi, a excelsa coroa de tão vistosa magnificencia. Neste, pois, throno portatil se via muito de assento

a ma-

a magestade da Igreja, a qual para parecer cousa do Ceo, se já não era triunfante, hia triunfadora e triunfando Igreja Mariana, por conseguir a venturosa companhia do seu novo, e amado Esposo espiritual. Ah! E quanto excedeo a todos os antigos este novissimo ovante triunfo! Naquelles era só hum o carro do triunfador, neste forão dous os carros triunfaes, para que em hum só se vissem muitos triunfos.

Competião-se os dous carros no primor do asseio, e no custoso da maquina; mas deixando indécito o arbitrio para avaliar a maioria, ambos tem huma grande singularidade para ostentação deste jubilo, e vem a ser; que triunfando igualmente o Excellentissimo sagrado Principe, e a sua nova Igreja de Mariana, não são iguaes os emblemas do triunfo: o da Igreja he figura viva; o do Principe enigmatica. Parece que devia ser pelo contrario. O Principe havia de representar-se em figura viva, porque he vivente; a Igreja em hum, ou muitos emblemas: porque he hum corpo mystico, e não natural. Mas, oh! que não seriam adequadas as figuras para o intento, se a da Igreja Mariana não fosse viva, e a do seu

Prin-

Principe la <sup>siros</sup> Bispo <sup>porq</sup>matica. A figura da Igreja he viva, porque tem nova vida, e espera novos vitas alentos da graça com tão illustre Principe, como he o seu novo, e Excellentissimo Prelado. A do Prelado he enigmatica; porque a tão santo, e virtuoso Principe, como he o Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, não póde haver, nem ha, quem o represente ao vivo.

Vive pois gloriosa, ò Mariana illustre: recebe os vivas no applauso dos teus, e na inveja dos estranhos. Parabem, parabem te seja, ò Cidade excelsa: seja-vos parabem, o nobilissimos Cidadãos Marianos, pois no vosso eminente primeiro Prelado tendes quem faz a primeira das Cidades a nossa Mariana. Mas quem não dirá que he paradoxo o vaticinio de tanta ventura? O Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, ainda que he o primeiro Bispo de Mariana, com tudo na jerarquia de Prelado já he segundo, pois primeiro que de Mariana foi Bispo do Maranhão. Na ordem dos Bispado tambem o Maranhão foi primeiro. Obede do notorio Principe Ecclesiastico, e esta de Mariana he segunda. Pois se a Igreja, e o Prelado são segundos, como podem ser primeiros? Por

RR

isso



isso mesmo : são prime , a qual são segun-  
dos.

Eu bem podia satisfazer à difficuldade de-  
te fausto agouro , se dissesse , que o Excellen-  
tissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Ma-  
noel da Cruz , ainda que agora se acha em se-  
gundo lugar de Bispo , sempre tem o primei-  
ro lugar entre os Prelados mais benemeritos ,  
porque entre todos he primeiro sem segundo ;  
e por isso mesmo , porque merece segundo Bis-  
pado , e Bispoado , que he primeiro pela sua  
nova creação , e por não ser ainda occupado  
de outro Bispo depois da sua divisão , he se-  
gundo sem primeiro. Porém tenho melhor sa-  
tisfação , que dar , senhores , à vossa critica ;  
e digo , que por essa mesma razão , por que  
S. Excellencia Reverendissima occupa duas Ca-  
deitas Pontificaes , he a segunda primeira , e  
mais nobre que a primeira ; e fica em primei-  
ro lugar , que todos , o seu preclarissimo Bis-  
po. Toda esta felicidade tem a sua idea no  
primeiro Bispo , que conheceo o mundo Ca-  
tholico.

Quiz eu averiguar quem foi o primeiro  
Principe da Igreja , que teve o nome de Bis-  
po , e achei que foi o primeiro de todos , que  
he



ne S. Pedro <sup>seus</sup> Bispos <sup>ou</sup> Bispos a todos os  
 Apostolos, depois que Christo lhe deo o po-  
 der das chaves; mas ao receber as chaves, e  
 o poder, foi Pedro creado, e ordenado Bispo  
 pelo mesmo Christo. Assim o dizem Turre-  
 cremata, Bellarmino, e outros Authores Ec-  
 clesiasticos. Teve este primeiro Bispo duas Ca-  
 deiras, ou duas Igrejas, para mostrar que quem  
 merece duas Sedes Episcopaes, he só quem  
 se faz primeiro pelo merecimento entre todos  
 os Bispos. A primeira Cadeira de Pedro foi  
 Antioquia, e alli teve sete annos a sua Sede  
 Pontificia, como affirma o Padre Ribadenera;  
 a segunda foi Roma. Mas sendo Roma a  
 segunda, se levantou com o Principado, e Pri-  
 mazia de toda a Igreja. Este he, o Mariana,  
 a tua sorte feliz; para que sendo segunda ei-  
 posa do teu Excellentissimo Bispo, te facas pri-  
 meira com o teu inclyto primeiro Prelado. O ri-  
 meiro foi S. Excellencia Reverendissima Bis-  
 po do Maranhão, e tambem teve naquelle Bis-  
 pado a Cadeira Pontifical sete annos, como  
 Principe dos Apostolos em Antioquia. Sim,  
 sete annos foram cabaes os do seu Pontificado  
 na Diocese Marananiense; pois sendo con-  
 grado Bispo nos fins do anno de 1738. e par-

tindó de Lisboa a 4. a qual no anno de 1739. a exercer os poderes Prelaticios no seu primeiro Bispoado, ao qual chegou em 15. de Junho da mesma eia referida, foi absoluto do vinculo espiritual daquella Igreja em 15. de Dezembro de 1745. dia, em que o Oraculo Vaticano lhe poz o *Fiat* na Bulla de Bispo Marianense. E vindo o teu Bispo depois de sete annos do governo Episcopal de outra Igreja a crear-te, ò Mariana, serás como Roma a segunda na creação; mas es na realidade a primeira pela primazia, e principado, como outra Roma.

Oh! Vive, e triunfa tão duravel nesta tua regalia, como te assegurão nos escudos do teu novo Pontificè os timbres da sua grandeza, que são verdadeiro prognostico, de que se elle não he immortal para amparar-te, vivire (ao menos) os annos de Nestor para te felicitar. Que querem dizer no escudo bipartido das suas armas, em huma parte aquellas duas serpentes, merecido blasão dos Illustrissimos, e em outra as flores de Liz, timos e reire ~~origuar quem foi o primeiro~~ insignias, que da antiga Real Casa de Borgonha tomou S. Bernardo, soberano Patriarca do nosso Excellentissimo Bispo? No avelho de

muitas meas. <sup>siros Bispos</sup> Os Imperadores (refere Pierio Valeriano) le via a effigie de huma Deosa, tendo na mão huma flor de Liz com este mote: *Esperança publica*. Esta se anima para toda a nossa felicidade no Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz, a quem o grande Patriarca Bernardo deo as flores de Liz para empreza de tão bem fundada esperança; mas a nossa esperança não murchará em flor, como as Lizes de Borgonha, porque lhe asseguraõ a perpetuidade as emblematicas serpentes no brasão dos Freires.

Bem sei que não faltara quem diga, que para dar luz ao vaticinio de tantas venturas, seria a constellação Serpentario mais propria, que as serpentes effigiadas no escudo de S. Excellencia Reverendissima, porque em fim sempre influirão para os faustos successos do mundo os astros do Ceo, e não os reptis da terra; porèm para o prognostico presente, que faço, he mais symbolica a serpente, que o Serpentario. O Serpentario, ainda que he hum monte de luzes, pois consta de setenta e trinta e sete Estrellas, todas são da natureza de Saturno, e Venus, e por consequencia de nocivos influxos; e astro tão maligno, não póde ser-



fervir ao horoscopo da qual esta, que todo he de influencias benificas, como o nosso Excellentissimo; Sagrado Principe. No Joelho da mesma Constellação no anno de 1604. appareceu huma nova Estrella, a qual, depois de luzir por espaço de dous annos, desappareceu; e hum fulgor, que se desvanece, não póde ser emblema para o lustre perpetuo de Mariana com o seu Preclarissimo, primeiro Prelado. As serpentes sim, porque tem algumas qualidades occultas para o feliz presagio da nossa (como indefectivel) expectação.

Serpentes na tao domesticas, e trataveis em Africa, que vem às horas do jantar a comer o que lhes deitão debaixo da meza, e depois se vão sem fazer mal a ninguem, como diz Razilly; e Buteau affirma, que em Malta, Candia, Irlanda, e outras terras as serpentes não mordem, nem tem veneno. Destas são as serpentes; que formão o escudo de S. Excellencia Reverendissima, aquelle Principe urbano, tratavel, amoroso, suave, candido, uncel. e tanto, que sendo huma cobra sem fel, tem nas lerpentes o jerglyfico de sua incomparavel prudencia; pois part. serem prudentes, e singelos, mandou o Divino Mestre



tre aos pri<sup>os</sup> Bisps, que fossem serpen-  
tes, e pombas. Oh! Logra eternamente de  
tanto bem, Mariana feliz. Mas fim lograrás,  
porque a serpente com a cauda na boca tam-  
bem fórma hum circulo, que he symbolo da  
eternidade, para fazer hum emblema da per-  
petuidade da tua fortuna com a assistencia do  
teu Principe Sagrado.

Por isso tu, Sagrada Mariana, suspiravas  
tanto pelo teu espirital Esposo o Senhor Dom  
Fr. Manoel da Cruz. Ainda o não conhecias,  
e já te custava suspiros a sua falta; ainda o não  
tratavas, e já te devia lagrymas a tua memo-  
ria. Que chore Constantinopla o desterro do  
seu Chrysofotomo, e a ausencia do seu Nazi-  
auzeno? Que lamente Alexandria os trabalhos  
do seu Athanasio, e Cesarea os incommodos  
do seu Basilio? Vá embora; porque em fim  
erão Prelados já conhecidos, como pais da po-  
breza, destruidores da culpa, edificadores da  
graça, exemplares da virtude. Porém tu, Ma-  
riana, que razão tinhas para chorar pelo teu  
Excellentissimo Pastor, a quem ainda não co-  
nhecias? Mas, oh! que a laudade de Maria-  
na foi roureira do bem, que esperava no Se-  
nhor D. Fr. Manoel da Cruz.

Baf-

Bastava-lhe, habendo <sup>auspicio</sup> o nome do seu desejado Pontifice, para suspirar justamente por elle. Manoel quer dizer: *Deos comnosco*; e como em Deos está todo o bem, e todo o bem vem de Deos, Deos nos deu todo o bem, e tudo bom com o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz, no qual temos hum espelho das virtudes, e das felicidades, que communicarão aos seus Bispos os Basilios, os Athanasios, os Nazianzenos, os Chrylostomos, e outros muitos Bispos Santos. Nem querem insinuar-te, o Mariana, outro tim menos glorioso os acafos, com que o Cco te certificou esta ventura.

A 10. de Agosto de 1747. te chegou à mão a primeira Carta de S Excellencia: naquelle dia fazia a Gentilidade Romana sacrificios a Ceres, Deosa da abundancia, como vaticinio da profusão de todos os bens, que Deos te havia de dar, e dá com effeito no Sagrado Principe, a quem sacrificavas a tua laudade. No mesmo dia triunfa a Igreja com a coroa, ou laurel de Lourenço, como prognostico de que outro Lourenço illustre te havia de fazer triunfante, pondo-te a coroa, e o lau-

O lauro de *Diocese*, que talvez não faltava quem te quizesse tirar da cabeça.

Em 4. de Fevereiro deste anno te chegou a suspirada noticia, de que o teu amavel Pastor te buscava para te possuir, como a sua amada Esposa: dedica a Igreja naquelle dia gloriosas memorias a Santo André Corsino, Bispo de Fesula, para te fazer lembrada de que mandava tomar posse de ti hum Bispo santo.

Viste em fim entrar o teu santo Bispo neste Palacio a 15. de Outubro. Não ha dia mais fatidico, que este para a tua fortuna. Ao dia 15. de Outubro chamáráo fausto, e feliz Macrobio, e Bungio. Não o podias receber mais propriamente em outro dia, para se te imprimir hum caracter indelevel da tua ventura: porque não ha bemaventurança, nem felicidade, como teres por teu Preclarissimo Bispo o Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, que Deus guarde para teu amparo.

Ah! Como estás ufana, ò Cidade triunfante, com tão nobres motivos de pararem *que nos dá e te damos!* O *luz*, que trazes *é* final da alegria, que tens; mas tens ainda mais lustre, do que inculca o teu victorioso traje. No carro do teu triumpho já eu te vive-



vestida de gala, ostentando fozento, e festa no vestido. Trajavas huma roupa branca, recamada de flores de ouro. Neste resplandecente metal mostravas o teu esplendor, na cor da seda o teu jubilo; mas em tanta festa eu te retratára melhor no quadro do Céu para demonstração da tua gloria.

Es aquella Matrona do Apocalypse, a quem fazem luzida os resplandores de todos os astros, como symbolo da boa Estrella, que tens com o teu Sagrado Principe. Doze Estrellas te formão a coroa; não ha no Zodiaco mais Signos, em que se estampem as fortunas do mundo, nem no mundo ha mais fortuna, que esta, que tens, ò Mariana, no Excellentissimo Prelado, que te coroa de luminosas felicidades. Dos raios do Sol he a gala, que vestes porque hum Sol benigno te faz clara, e preclara em todo o Orbe. Até a Lua com fer astro defeituoso serve de throno à tua grandeza; porque como exemplo das virtudes do teu amabilissimo Prelado, não haverá defeito, que não meca debaixo dos pés. Oh! Seja-te parabem tamanha felicidade, a qual não mais que se retrate em luzes, não pode mostrar-se huma sombra de tua ventura. Coroa, e o lau-



Conto, que não sei dar vivas cores a esta lamina; mas se a pintura se realça nas sombras, vede, Senhores, na sombra de Mariana o realce da imagem das suas virtas. A sombra de Mariana he o Maranhão, no seu nome Latino, que he *Maranania*, está a Mariana com anagramma perfeito. Maranania com as letras transpostas quer dizer *A Mariana*. Sombra, ou typo da alegria de Mariana foi sempre o Maranhão, agora da luz de Mariana he a ella a Maranania huma triste, e escura sombra. A sombra segue ao corpo, que caminha, buscando a luz; à luz de Mariana se avizinha.

S. Excellencia Reverendissima. A Maranania, como sombra, o seguia chorosa, porque neste Prelado se ausentava a luz dos seus olhos; e esta privação da luz bém vem em os Filozofos, que he o que se chama sombra.

E se assim he, Senhores, olhai como esta sombra está triste, quero dizer, olhai para o Maranhão. Olhai, que a distancia não impede a potencia aos olhos da alma. Vedes já? *Si. Lá se divisa o Maranhão encerrado em huma* *alameda de funebres ciprestes, coroado* *de flores, como usavão os Gregos nos seus* *trajes, cantando saudades ao cadente som*

de suas lagrymas, gemendo a pe<sup>na</sup>, que lhe  
causa a ausencia do Excellentissimo, e Reve-  
rendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz,  
para dar gloria a Mariana com a sua assisten-  
cia tão fausta, como desejada, este Principe.

Mas ao querer proseguir esta figura da  
tristissima, e saudosa Maranhania, não sei que  
novo pasmo me embarga os alentos. Suffoca-  
re a voz balbuciente na garganta: não acerto  
a pronuncia das palavras, tremulas nos labios:  
palpita o coração na sua esfera, e a acção não  
se anima vigorosa para continuar o paraléllo da  
pena, e da gloria do Maranhão, e de Mari-  
ana. Que será este lethargo, em que me vejo?  
Que ha de ser? He profundo respeito, he me-  
do reverente a hum superior Numen; pois fu-  
ribundo Apolo me manda callar, por não po-  
der o indouto Geometra do meu discurso to-  
mar a medida ao jubilo de Mariana, e à sau-  
dade do Maranhão, quando esta sublime ma-  
teria he digno assumpto da nossa Academia.

Eu reconheço o meu arrojio, e já o sacri-  
ficio nas aras de Delfos à Deidade que me  
reprehende: seja agora no silencio holo-  
da obediencia o que foi temeridade, e  
cto no elogio. Cessão pois para que se  
o lau-

do plectro Académico jante o infulso de na  
 profa. Sim, ó Carménianas Comenas, ó Ne-  
 reidas Marianenses, Sacras Músas deste novo  
 Parnaso, descrevei em elegantes Poésias as  
 glorias de Mariana com as penas, ou dores  
 do Maranhão, em quanto eu em nome de to-  
 da esta feliz Diecese descanso à sombra daquel-  
 la excelsa Arvore a Excellentissima Cruz, que  
 ao nosso sempre Illustre, e Sacro Manoel dá  
 o renome; aquella Arvore, (digo) de cujas  
 altivas ramas pendem para saciar-se o nosso  
 gosto, para sustentar-se a nossa fortuna, huns  
 frutos tão doces, suaves, e sazonados, como  
 da raiz de Bernardo brotão neste seu preclaro  
 Ramo, e Filho; aquella Arvore, a quem de-  
 pois de beijar a planta a sua nova Esposa, do-  
 brando o joelho em sinal da reverente ve-  
 neração, lhe escreve ao pé em huma targa de  
 ouro, como epitome do seu venturoso, e me-  
 gre epithalamio, esta letra, que cahio da boca  
 a outra Esposa tão feliz, como ella: *Sub um-  
 bra illius, quem desideraveram, sedi, & fru-  
 ctus ejus dulcis gutturi meo.*

Disse.

*In laudem Reverendissimi, ac Sapientissimi  
Præsidis.*

DECIMA.

**P**rimum locum sapientiæ  
Jure scandis occupatum,  
Habeas eum principatum  
Omnis penitus scientiæ:  
Tuae ratiis prudentiæ  
Phæbæas dantis delicias,  
Quæ veras promunt divitias,  
Impletur omnis recessus;  
Quales, dic, erunt processus,  
Si tales donas primitias?

*Do Rev. do Conego D.º Francisco Xavier da Silva.*



QUINTO  
SONETO.

**T**U pluma , que elevada en alto buelo ,  
 Tu discrecion propone a los oidos ,  
 Cuya dulçura en écos esparcidos  
 De tu ingenio es authentico modelo.  
 Buele sublime hasta el Empyreo Cielo ,  
 Docta discurra en todos los sentidos ,  
 Cante sonora , aunque en agenos nidos.  
 Subtil invente lo que admira el suelo.  
 Pues que en Parnaso tienes domicilio  
 (Positiva lisonja del Dios Genio)  
 Admitte emulaciones de Virgilio.  
 No desprecies Terencio . ni Parthenio  
 De-le a Propercio , y a Menandro auxilio.  
 Tu pluma , discrecion , dulçura , ingenio.

*De mesmo Reverendo Author.*

## SONETO JOCOSERIO.

**E** Stê louvor, por ultimo remate,  
 Vos faço, Doutor Andrade, em sonfonete,  
 Que houvera de ser feito em minuete,  
 Se pudéra esforçar-me de gasnate.  
 E podeis entender, sem que me jacte,  
 Que sei repinicar nos Signos sete;  
 Mas não vos louvarei nunca em falsete,  
 Poroue he do peito meu fino o quilate.  
 Se te houver todavia quem me escute,  
 Subirei com a voz em tal limite,  
 Onde voar não possa hum tagarote.  
 E para que este apolauso se execute,  
 Nos doze S. G. S. s, tem que a'lguem mo quite,  
 Hum repique darei, e hum repicote.

*Do mesmo Reverendo Author.*

ACADEMIA  
 SUMPTU  
 SONETO.

**C**on principio feliz dorada llave  
 Los thesoros abrió de las sciencias:  
 O' prodigio fatal en eloquencias,  
 Y primor màs subtil del arte suave!  
 Tu lengua llave fué, que dulce, y grave  
 De la mente soltó las affluencias,  
 Donde se acquire vivas influencias  
 Todo el docto Muséo, todo el conclave.  
 Pero si en corta esfera te cõtempio,  
 Quedándo a nuestra fé nuestra memoria  
 Arquetypo, y farol, norte, y exemplo.  
 Despues te copiará con larga historia  
 La fama heroica en su perpetuo exemplo,  
 Por milagro, y trofeo, por tymbre, y gloria.

*Do Rev.<sup>do</sup> Doutor José Philippe de Gusmão e Silva.*

## S. D. N. E. T. O.

**A** Quella , que al de Delfos fué tormento  
 Esquiva Nynfa , transformada en rama ,  
 Y usurpa el laurel de quien nõ ama ,  
 Y la coroná os pone en esse assiento.

Aquella , que remonta al Firmamento  
 Inclytos Heroes , pregonera fama ,  
 Es la misma , que vuestro honor derrama ,  
 Vivo a la memoria , al olvido esento.

¡Eya eterno vivid , Andrade , solo ,  
 Aguila singular , que desde el suelo  
 La pluma remontais al quarto Polo.

Que nõ es mucho tan alto sea el buelo ,  
 pues vuestras emprendas dizen , sois Apolo ,  
 Que oy del Parnaso buela al quarto Cielo.

*De João Coelho Gato de Amorim ; Capellão da  
 Cathedral de Mariana.*



## FOI ASSUMPTO DA ACADEMIA

A pena , e saudade do Maranhão na ausencia do Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , Bispo que foi daquella Diecese , he a gloria de Mariana na posse do mesmo Excellentissimo Senhor , seu primeiro dignissimo Bispo.

*Ao assumpto fizeram-se as obras seguintes.*

## EPIGRAMMA.

**S**olvitur in querulos Tellus Maranhonia fletus,  
 Dum te Pastorem tristis abire videt. (plens,  
 Flet, dolet, atque gemit singultibus athera cõ-  
 Pauperiem dives quod tua dextra  
 Gaudet, & exultat, plaudit secus Aurea Tellus,  
 Dum videt ad munus te subiisse tuum.  
 Quis, Pater, in toto, quis te felicior orbe,  
 Te notum quando dextera sola facit?  
 Ferrea nunc noscit Tellus Maranhonia sacra,  
 Aurea nunc fatis Aurea terra videt.

*De Antonio Dias Cordeiro.*

## EPIGRAMMA.

**A**Nxia, quid teneros ducis, Maranonia, fle-  
 Corde quid in tacito flebilis angor inest?  
 Quid, Mariana tuum pertentant gaudia pectus?  
 Quidve tuo splendor lætus in ore sedet?  
 Duplicis effectus est una, viator, origo;  
 Fundit amor fletus, gaudia fundit amor.

*Do Sochantre Floriano de Toledo e Piza.*

## ALIUD.

**T**Ristia Romulidis Ayo Deus omina quon-  
 Dixerat, ~~non~~ illi plebs pia thura dabat.  
 Hoc Mariana colit, pariter Maranonia numen;  
 Quod sibi signa canit tristia. læta simul.  
 Convenit ambabus, si uomen scinditur Ayo,  
 Ominibus certis Ai, & Io resonans.  
 Ai sibi pro tanto sumit Maranonia casu,  
 Et Mariana hilari carmine cantat Io.

*Do mesmo Author.*

EPI

D.

## E P I C P A N M A.

**H**eu fuge, Dilectus, clamat Marianus amæ-  
 Euge veni, Sponsus, cum Mariana canit.  
 Hæc risit flente illo, semper amore triumphas;  
 Ipse dolet, si exis, si petis, ipsa canit.

*Do Rev.<sup>do</sup> D.<sup>or</sup> José Philippe de Gusmão e Silva.*

## E L E G I A.

**I**am novus Auriferas Sol' inspiratus ad oras  
 Niluxit tandem, lux nova jamque patet.  
 Optimus ecce petit dilectum Pastor: vile,  
 Emmanuel Præsul maximus ecce venit.  
 Jamque benignus adest. ~~U~~ ~~re~~ ~~per~~ terra beata  
 Qua lauro exornat tanta corona caput!  
 Non jactet famulos Roma superba triumphos,  
 Antiqua at silcat gloria, fama, decus  
 Urbs nova confurgit tanto sub Præsule maior:  
 Alta trophæa patent, gloria summa subit.  
 A mea Calliope jubet hinc descendi

II

itos

SO-

Sed quæ causa datur? Cur fors diversa repugnat?

Una dat effectus (credite) causa duos.

Præsident hîc sacer, Urbe Marananiense relicta,

Maximus Emmanuel, comprimit iste dolor.

Hîc venerandus adest Antistes: jure triumphat,

Extollitque ingens Urbs Mariana caput.

Nec mirum: Liam Urbs namque illa relicta figu-

Rachel dilectam se Mariana facit. (rat,

Se Emmanuel Jacob: (Pastor quis amantior illo?)

Ergo quid fiet? Sors sua cuique venit.

Eugeat illa Marananiensis, at ista triumphet,

Sponsoque exultet condecorata novo.

Noiter & Emmanuel tantum qui ostentat amoré,

Pro merito accipiat præmia digna tibi.

Rachel fungatur, felices vivat in annos,

Auspiciisque bonis semper ovile regat.

Sic Marananiensis Ecclesia surget,

Sic nobis semper gloria, semper honos.

*De João Coelho Gato de Amorim, Clerigo em me-*

*moros, Mellão da Cathedral de Mariana.*



## SONETO DIACROSTICO.

D	o seu pranto nas ondas fu	B	meigido
F	luctúa o Maranhão em tr	I	ste estado;
M	anoel pois o seu Bispo mai	S	amado
A	usente em Mariana tem	P	erdido.
N	os seus mesmos crystaes já c	O	nvertido
O	tem na urna a dor	D	epositado:
E	à faudade tributa em cru	E	l fado
L	iquido argento e	M	perolas naiciao.
D	este pois lucto atroz a atr	M	emoria
A	Mariana da gala t	A	z o agouro:
C	orais pèrtae lhe dão de alt	I	va gloria:
R	utilo faz da prat	A	o throno dè ouro.
U	e na urna o obelisco à sua va	N	gloria
Z	enith do seu Prel		

*Do Reverendo Doutor Presidente.*

## SONETO.

**S**I quando nasce el Sol, la misma Aurora  
 Llora, y rie en un tiempo intercadente,  
 Rie en el Cielo, parpado luciente,  
 De aljofar paramo, en la tierra llora.  
 No es mucho la Titanea brilladora  
 En dos climas remotos se presente,  
 En Mariana, riendo alegremente,  
 En Maranon, llorando a cada hora.  
 Manoel del Maranon Sol claro sale,  
 Para Mariana sale con desvelo,  
 Porque una Aurora entre ambos solo iguale.  
 Una llora sus penas sin consuelo,  
 Otra cantando glorias sobrefale,  
 Una Aurora en la tierra, otra en el Cielo.

*Do mesmo Reverendo Author.*

## SONETO.

**A** Ncioso, triste, e afflicto se lamenta  
O Maranhão Diecese dilatada;  
A Mariana Diecese mais prezada  
Toda alegre, e festiva já se ostenta.  
De huma pois, oh que sorte assim violenta!  
Tambem doutra, oh que sorte desejada!  
Qual porèm a razão, se he procurada,  
He disso? Qual a causa, em que isso assenta?  
A causa he, se se observa attentamente,  
O Páitor, que a huma deixa mui faudosa,  
O Pastor, que à outra assiste mui contente.  
E assim huma infeliz, outra ditosa:  
Aquella em si demonstrá o mal, que teme,  
Esta publica em si o bem, que goza.

*Do Rever.<sup>do</sup> Conego Manoel de Pinho Cardido.*

## SONETO.

**M**aranhão, e Mariana são dous mares,  
 Que por mar cada hum delles principia:  
 Mariana mar de gosto, de alegria;  
 Maranhão mar de dores, de pezares.  
 De huma, e outra paixão, como exemplares,  
 Cada qual no seu nome traz a guia;  
 Eile a Mara passando, ella a Maria,  
 No amargor, na doçura singulares.  
 A inteireza do I figura he clara  
 Do insigne Bago do Pastor de Jetro,  
 Quando assiste em Mariana, e deixa a Mara.  
 E sem Bago, ou com elle soa o metro,  
 No maranhão de pena Lyra amara,  
 Em Mariana de gloria doce plectro.

*Do Rev.<sup>do</sup> Conego Francisco Xavier da S.<sup>ta</sup>*



## SONETO.

**I**Nfausto Maranhão, feliz Mariana,  
 Da Ave Fenis emblema prodigioso,  
 Já no excesso da pena doloroso,  
 Já no realce da gloria soberana.  
 Se o teu Planeta a pyra te profana  
 Na ausencia do teu thalamo oloroso,  
 Se o teu Sol no teu berço luminoso  
 Os raios de ouro prodigo dimana.  
 Dilata a duração, renova a scena,  
 Eternizando amante na memoria  
 A magoa triste, a alegria amena.  
 Ave do Sol serás de nova historia,  
 Immortal no symbolico da pena,  
 Rediviva na lamina da gloria.

*Do mesmo Reverendo Author.*

## SONETO.

**H** Um Agostinho excélso na sciencia,  
 Hum Ambrosio no zelo, em que se apura,  
 Hum Francisco de Sales na doçura;  
 Lourenço Justiniano na prudencia.  
 Hum Chrysofostomo no aureo da eloquencia,  
 Hum Nicoláo na profusão mais pura,  
 Chrysologo no amor, e na ternura,  
 E Thomaz da constancia na eminencia.  
 Este espelho de Heroes, pasmo do mundo,  
 He das Minas o Antistite primeiro,  
 Nas virtudes, nas prendas sem segundo.  
 Chore pois mudo o Maranhão ligeiro,  
 E cantê o Ribeirão sempre facundo,  
 Quando hum perde, outro ganha este luzeiro.

*Do Rev.<sup>do</sup> D.<sup>or</sup> José Philippe de Gusmã.*

## SONETO.

**S**epulta-se no mar com mar de pranto  
 O Maranhão soberbo, agora pobre;  
 Transforma o Ribeirão do Carmo nobre  
 Em riso a espuma, o susurro em canto.  
 Hum, porque lhe faltou thesouro tanto,  
 Quer que o seu cabedal já se çoçobre;  
 Outro, porque das ruinas se recobre,  
 Fenis dos rios resuscita em tanto.  
 Porém se nos affectos extremos  
 Se virão sempre effectos diferentes,  
 Mudem de estylo os rios cuidadosos.  
 Cante o Maranhão gostos ausentes,  
 E chore o Ribeirão alegre os gozões,  
 Se hum dá, outro recebe à gloria as gentes.

*Do mesmo Reverendo Author.*

## S O N E T O.

Q Uândo a Arca feliz do Testamento  
Do deserto chegou à Palestina,  
A Omnipotencia se ostentou Divina  
Em o mais singular novo portento.  
Saltão os montes de contentamento,  
Divide-se o Jordão com graça digna,  
Retrocedê huma parte, e sóbe fina,  
Outra morre no mar com louco intento.  
O mesmo assombro admiro decantado  
Na jornada de hum Bispo, ao qual adora  
Por arquivo de Deos da terra obrado.  
Morre no mar o Maranhão, que chora,  
Suspenso o Ribeirão sóbe elevado,  
Saltão os montes das Minas nesta hora.

*Do mesmo Reverendo Author.*



*Invocatória a S. Excellencia Reverendissima.*

## S O N E T O.

**B**ispo primeiro, que em Carmelo Monte,  
Qual Moyfés, como Sol, no Sina ardente,  
A Mitra cinge, como Presidente,  
Cheia de raios na brilhante fronte.

Fazei que hoje meu verso se remonte  
No louvor voffo tanto, que altamente,  
Nunca passando as leis de reverente,  
Por atrever-se a hum Sol morra Faetonte.

Para que vos respeitem as Monarquias  
Do mundo tanto, que as estatuas noffas  
Em trez montes colloquem voffas vias.  
Pois sendo hum só, enchem as graças voffas,  
Como Apollo, Moyfés, e como Elias,  
De luz, raios, e fogo, a trez carroças.

*Invocatoria ao Sapiëntissimo Presaente.*

S O N E T O.

**E** Vós Vice de Apollo, excelsó Nume,  
 Deste coro de Musas Presul grave,  
 Inspirai em meu plectro hum som suave,  
 Com que harmonico chegue à quarta Cume.  
 Porque sem vós, meu verso, que presume  
 Subir à esfera da região mais grave,  
 Ao ir fazendo o voo ferá Ave,  
 A quem derreta a cera oitavo lume.  
 E se eu hei de morrer Icaro leve,  
 Por querer transcender as Musas nove,  
 Fazendo em voz tão grave obra tão breve;  
 He melhor implorar, quando ella sóbe,  
 Vosso auxilio, Senhor, pois quem se atreve  
 A subir sem Apollo, abraza Jove.

*Ao assumpto.*

## S O N E T O.

**S**Ahio de Mara o Bispo de Maria  
 Irmão, della buscando a fiel ventura;  
 Mas ficou Mara alli, mar de amargura,  
 Pois Maria vio ser mar de alegria.  
 De contente a Irmã saltava, e ria,  
 De Moysés na presente conjectura:  
 E Mara cada vez mais triste, e escura  
 Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.  
 Porém Mara querendo haver victoria,  
 Da gloria de Maria em tal violencia,  
 Que lhe faz a saudade na memoria;  
 Lhe diz: O' Moysés sacro, alta Excellencia!  
 Em Maria he mui grande a sua gloria,  
 Mas mais amarga em Mara a vossa ausencia.



## G L O S S A.

## O T I.

Sahio do Maranhão o Bispo augusto  
 De Mariana a buscar Carmelo Templo;  
 Mas ao contallo a lingua tem tal fulto,  
 Que o dedo de Harpocrates lhe he exemplo.  
 Pois como se hum Moysés fosse vetusto  
 Tanto mysterio no extase contemplo,  
 Que balbuciente só dizer podia:  
 Sahio de Mara o Bispo de Maria.

## II.

Mas que ardor me perturba? A voz, que espera,  
 Que a D. Manoel da Cruz já não pregoa?  
 Pois a Irmã de Moysés copia não era  
 Da Virgem, que Maria o nome soa?  
 Moysés de Christo imagem não he vera,  
 Manoel tambem a Christo não entoa?  
 Pois venha Manoel, da graça pura  
 Irmão, della buscando a fiel ventura.



## III.

Maranhão, e já Mara não se chame,  
 Ou seja Maranhão, já Mara embora;  
 Pois quem perdeu tal Bispo, aguas derrame,  
 Assim como a Moysés Mara inda chora.  
 Quando Moysés lhe dava alto dictame,  
 Era Mara o pensil bello de Florá,  
 Retirou-se Moysés de sua cultura,  
 Mas ficou Mara alli mar de amargura.

## IV.

Vio Mariana a Manoel, e fez Mariana  
 O que Maria a seu Irmão fizera:  
 Pegou na doce frauta, orgão de cana,  
 Sem que ouvidos Moysés faça de cera.  
 Nunca já tão risonha, e tão ufana  
 A Maria elle vio, como hoje era,  
 E creio que a Irmã muito amaria,  
 Pois Maria vio ser mar de alegria.

## V.

Nunca cuidou Maria que escapasse  
 Seu caro Irmão às iras da impia gente,  
 Nunca já presumio que elle chegasse  
 A calcular triunfante a Lybia ardente.

E por isso era fozza que mostrasse  
 O quanto estava ja de o ver contente  
 Pois pelo ver passar tal travessia,  
 De contenté a Irmã saltava, e ria.

## VI.

Muitos motivos teve a Soror bella  
 Para cantar do Irmão a nova vinda,  
 Assim como risonha o faz aquella,  
 Que o Sol lauda, quando infante aiada.  
 Entre muitos o gosto, que a desvela,  
 He ver tem a jornada quasi finda,  
 Pois não há maior bem, maior ventura  
 De Moysés na presente conjcctura.

## VII.

E não só festejar o Irmão intenta  
 Com ligeiros tripudios, bellas danças;  
 Mas mais o applauso inda lhe accrescenta  
 De mil choréas, destras nas mudanças.  
 Alli o que maior gosto lhe augmenta,  
 He ver taes bens, depois de taes tardanças,  
 De sorte, que Maria he gloria pura,  
 E Mara cada vez mais triste, e escur.

## VIII.

De saudade triste os olhos fontes  
 Contão chorando a causa de seus males,  
 Dando suspiros mesticos aos montes,  
 E defluentes lagrymas aos valles.  
 São sombras de tristezas os horizontes,  
 Que nuvens chorão já, de prantos callés;  
 Assim a triste Mara de hoje em dia  
 Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.

## IX.

Huma, e outra contendem, quaes primeiras  
 Devem sentir, gozar taes alegrias;  
 E rasgando dos olhos as bandeiras,  
 Dão de lagrymas ambas baterias.  
 Maria deixa as suas prizioneiras,  
 Pois lagrymas não quer, que amor faz trias,  
 E a entre ambas influe a pena, e gloria,  
 Porém Mara pertende haver victoria.

## X.

E diz Maria pela parte sua,  
 (Por tem de gostos já bellos ensaios)  
 Alegre nasce o Sol, e triste a Lua,  
 Porém no Sol só vejo chorar raios.

Latona como triste em fluctua,  
 Porém não morre de fataes desmaios;  
 Pois quem se atreve a tirar a essencia  
 Da gloria de Maria em tal violencia?

## XI.

Eu não choro, e mais morro de contente,  
 Tu choras, e mais vives, terna amante:  
 Morro, porque só alma o gosto sente;  
 Vives, por quanto a dor passa inda adiante.  
 Vê tu qual he mais fina, e mais urgente,  
 Se Maria, a quem mata hum só instante,  
 Ou se Mara, que póde co a victoria,  
 Que lhe faz a saudade na memoria.

## XII.

Querria Mara pela sua parte  
 Expôr já de sua magoa a dor diffusa;  
 Mas o destro clarim, trompa de Marte  
 Toca a callar, a recolher a Musa.  
 Mara sem modo já, tino, e sem arte,  
 Assombrada, medrosa, hirta, contula,  
 Querendo-a atalhar co a impaciencia  
 Lhe diz: O' Moyses sacro, alta Excellencia:  
 Vós,



## XII.

Vós, quando exponho o que amante sinto,  
Mandais gèmer da tuba alto concento;  
Pois de minha saudade sois requinto,  
De meu prazo fereis alto instrumento.  
Maria só protesto, e só consinto  
Do que callo, que leve o vencimento,  
Pois neste dia por razão honoria  
Em Maria he mui grande a sua gloria.

## XIV.

Porèm, Senhor, eu morro de soffrida,  
Seja já de Maria embora a palma:  
Vós podeis no dizer tirar-me a vida,  
Porèm não no sentir conter-me a alma.  
A obediencia seja a homicida,  
Que o defabaço meu sepulte em calma:  
Maria terá summa complacencia,  
Mas mais amarga em Mara he vossa ausencia.

*Do Reverendo Padre Diogo Alvares da Silva.*

## CANTO HEROICO.

## I.

**C**Atastrofe fatal do Sol luzido,  
 Já para o Sul fazendo o gyro eterno,  
 Hoje o Maranhão chora opprimido,  
 Pois nas sombras ficou do negro Averno.  
 Que o dia luminoso repetido  
 Perdeo em seu benefico governo,  
 Vendo mudada a gloria em triste pranto,  
 Da vista affombro, do cuidado espanto.

## II.

Tem ao rigor das sombras vinculado  
 O da imaginação do bem perdido,  
 (Sempre o bem, que se perde imaginado,  
 Foi pena rigorosa do sentido.)  
 Na memoria o queixume duplicado  
 Lhe faz inda o tormento mais crecido,  
 Sendo-lhe o mal maior, a dor mais fera.  
 De que outrem logre o que infeliz perdeu.

Pois

## III.

Pois vendo a Mariana clara, e bella  
Com tal Sol entre immensos resplandores,  
De que he menos que hum raio cada Estrella  
Dessas, que vestem luzes superiores.  
Quando da luz perdida se querella  
De huma ausencia cruel entre os horrores,  
O bem, que ha de gozar, lhe certifica,  
E com sentida voz assim se explica.

## IV.

Acaba o bem no mal sorte adversario,  
O mal no bem, porque he mudar forçoso:  
Variou para mim o ser contrario  
O tranquillo voltando a procelloso.  
Para ti, Mariana, o tempo vario  
No mesmo ser se fez mui venturoso ;  
Pois sendo a gloria, e a pena transitoria,  
Minha pena te deo principio à gloria.

## V.

Tua luz me atormenta esclarecida,  
E justamente a minha escura sorte ;  
Esta tyranna foi minha homicida,  
E quella me ordenou o duro corte.

Y

Esse;

Eñe, que logras, bem me tira a vida;  
 Este, que sinto, mal me ordena a morte.  
 Julgando em tanta dor, que me condena,  
 Ter o mesmo valor a gloria, e a pena.

## VI.

Não permittio a eterna Providencia  
 Pudesse gozar mais de claridade;  
 Porque parar tal Sol era violencia  
 Contra os livres imperios da vontade.  
 Pois verás dessa luz, dessa influencia  
 Tanto bem, tanto amor, tanta bondade,  
 Fazendo, quando ao Carmo se remonte,  
 De immensas luzes elevado monte.

## VII.

Já o Septentrião perde a Coroa,  
 Constellação, que triste o Arcturo segue;  
 Onde o Cysne celestial entoa,  
 Maior dita em morrer hoje consegue.  
 Sem troféos immortal fama pregoa.  
 Que a Perseo a victoria já se negue,  
 Pois o rico de Andromeda thesouro  
 Fecha o Boreal sem luz, sem chave d'ouro.

Por-



## VIII.

Porque na parte Austral se vem distinctos  
 Com maior luz luzir a corpos tantos,  
 Differentes no ser, mas indistinctos,  
 Mais vizinhos ao Sol, mostrando encantos.  
 De immensos resplandores labyrinthos,  
 E raros Prometheos do mundo espantos,  
 Brillhando com fulgor tão verdadeiro  
 O governo do Sul esse Cruzeiro.

## IX.

Tua esféra se ostenta alegre toda  
 De luzes refulgentes guarnecida,  
 Que tão Divino Sol, cercanda em roda,  
 Gala será do Ceo, da terra vida.  
 Ao socego essa luz não se accomoda,  
 A gloria lhe provém de tanta lida;  
 Pois no Regio exercicio não descança,  
 O que mais dignamente o sceptro alcança.

## X.

No Zodiaco circulo fulgente  
 Ofereça o Sol Real benignidade,  
 Mostrando aos Signos doze inteiramente  
 O imperio universal da claridade.

Pois d'esse melhor Sol o fogo ardente  
 A's almas luz dará com piedade,  
 Gyraõdo do Bispado a estancia toda,  
 A quem com seus influxos accomoda.

## XI.

No Ariete, no pasto de Zafiro,  
 Onde o Equinocio assombra, e luz reparte,  
 Quando costuma o Sol fazer seu gyro,  
 Ao bello dia as nuvens põe de parte.  
 Pois esse Sol porá sempre em retiro  
 A nuvem da discordia em toda a parte,  
 Tanta na alta grandeza por abono,  
 Na paz cdificar excelso throno.

## XII.

O Aries deixando o Tauro senhorea  
 Luzes mostrando em abundante copia,  
 A quem o pasto dá bella Amalthea  
 Na suave, e florída cornucopia.  
 A culpa desfazendo, que a alma enlea,  
 Também effc do Ceo mais bella copia  
 Fará com tantas luzes se apascente,  
 Quando em Divino pasto se alimente.

## XIII.

Vibrando mais ardentes resplandores,  
Quando busca a de Geminis morada,  
No Ceo brilhante symbolo de amores  
Faz a gemina luz de outra abraçada.  
Aos subditos porá com seus ardores  
Desse Pastor a luz mais sublimada,  
Em hum composto tão recopilados,  
Em unico Individuo vinculados.

## XIV.

Mas entrando no Cancro o Sol esticio  
Os augmentos das luzes desfazendo,  
As violencias lhe soffre, que por vicio  
Costuma caminhar retrocedendo.  
Pois da inveja cruel contra o exercicio  
Esse Sol claras luzes dispendendo,  
Será nas perfeições inacessiveis  
Sobre imaginações, sobre impossiveis.

## XV.

No Leão folicita o desaggravo  
O angusto Luminar, que impera o dia;  
Voraz o não consente fero, e bravo,  
Quando em campo tambem o desafia.

No

No debil esse Sol não yinga o agravo,  
 Emprega na fereza a valentia,  
 Pois o perdão merece em Regio assento  
 Mais constante o humilde, que o violento.

## XVI.

No alto folio de Astrea virgem bella  
 Faz que os bravos incendios não profiga  
 O Sol, movendo-o a cãndida Donzella  
 Do furioso ceder, que tanto obriga.  
 Esse brilhante Sol o casto anhela,  
 Que ardores sensuaes sempre mitiga,  
 Pois com virtude do benigno rogo  
 Transforma santo tão violento fogo.

## XVII.

De Astrea, que ó mais justo só cobiça,  
 O Sol retrocedeo para a Balança,  
 Attenta a que a igualdade he só justiça,  
 Igual imperio noite, e dia alcança.  
 Não permite esse Sol a injustiça.  
 Porque da rectidão não faz mudança,  
 Que bem o têm mostrado em toda a esfera,  
 O equilibrio ostentando, em que nascêra.

Dei-



## XVIII.

Deixa de Libra a luminosa Praça,  
 Seguindo aonde Escorpio predomina,  
 Que a Ceres, e a Pomona despedaça,  
 Sempre inclinado à fatal ruina.  
 Quando aos perversos esse Sol abraça,  
 O mal habituado ao bem se inclina;  
 O que era contumaz por natureza,  
 Mui brando o torna da cruel fereza.

## XIX.

Vai o Sol procurando o tempo vario,  
 Quasi propinquo à derradeira meta,  
 Quando entra no Signo Sagittario,  
 Que a esfera põe de luzes inquieta.  
 Quem a Igreja perturba temerarios,  
 Desse Sol da censura sente a setta;  
 Porque ter compaixão da tyrannia  
 He piedade cruel, clemencia impia.

## XX.

Já Capricornio com velocidade  
 Por montanhas de luzes dando saltos,  
 Augmenta com soberba, e iniquidade  
 Da estação congelada os sobrefaltos.

Pois

Pois a luz desse Sol na humildade  
 Aos soberbos porá de razão faltos,  
 Patenteando na vaidade acerba,  
 Que gera muitos males a soberba.

## XXI.

Outra vez para o augmento caminhando  
 Pelo Signo de Aquario o Sol rodea,  
 Em pelagos o mundo naufragando,  
 Sem que turbe benigna a luz Febea.  
 Esse Sol tantas culpas devastando,  
 Que as almas mais naufraguem não recca,  
 Pois se veráo com repetida fragua  
 Dos Sacramentos os diluvios de agua.

## XXII.

No Circulo brilhante mais se emprega,  
 Quando seguir ao aurco Peixe trata,  
 Que ao liquido thesouro não se nega,  
 Fazendo o socegado mar de prata.  
 Sempre os corações esse Sol socega,  
 Nas lágrymas contritos os resgata,  
 Conhecendo por bem fundado emprego  
 Ser de todas as almas o socego.

## XXIII.

Affim em cada Signo o Sol entrando,  
Raios mitiga, ou embravece ardores,  
De todos por igual participando,  
Ou das benignidades, ou rigores.  
Esse Sol com os benignos se põe brando,  
Com os crueis cruel arde em furores,  
A todos repartindo as influencias,  
Ou das serenidades, ou violencias.

## XXIV.

Este he o bem, que eterno applauso acclama,  
Quanto mais se consegue, mais se estima,  
Hoje o teu coração a posse inflamma  
Immortal premio, que ao desejo anima.  
E se no conseguir tiveste a chamma,  
O termo da esperanza o bem sublima,  
Que feliz possuidor amante fino  
Só pôde ser quem tem hum Sol Divino.

## XXV.

Pois eu, que fui o throno tão luzido  
Desse Sol no Zenith brilhando augusto,  
O bem melhor direi como entendido  
Do governo, que fez tão santo, e justo,

Z

No

No luzimento affonoro esclarecido,  
 Sem que já mais tivesse eclipse injunto;  
 E de hum ser ineffavel, d'alma encanto,  
 Só quem o vio terá que dizer tanto.

## XXVI.

Mas goza, ò Mariana, essa ventura  
 De encomios sempre digna mais que humanos,  
 Para o que levantei esta figura,  
 Que o fado occulta tinha em seus arcanos.  
 Retrato singular, imagem pura  
 Do Sol, que influxos dá tão soberanos,  
 Será esse immortal farol da Igreja,  
 Da idade suspensão, do mundo inveja.

## XXVII.

Eu era grande mar nos seus altares,  
 Com quem os teus Athlantes não confrontes;  
 Porém fiquei chorando os meus azares,  
 Quando esta sorte fez, que fortes contes.  
 Eu nas sombras terei penas a mares,  
 Tu nas luzes terás glorias a montes,  
 Eu sempre ferei mar na saudade,  
 Tu Colosso do Sol na eternidade.

*De Gregorio dos Reis de Mello, Mestre da Capella da Cathedral de Mariana.*



## SILVA JOCOSERIA.

**D**ifferão-me outro dia, (mia  
 Meus Senhores, que a nossa Acadê-  
 De hum assumpto agro-doce só consiste,  
 Como *verbi gratia* a ausencia triste  
 Do nosso Protector esclarecido  
 Là desse Maranhão sempre sentido,  
 E a sua feliz chegada  
 A esta leal Cidade celebrada.

Se o caso he verdadeiro,  
 Botemos limonada no tinteiro,  
 Que escrever alegrias, e tristezas,  
 He guizar de agro-dulce as taes finezas.  
 Estes claros, e escuros com effeito  
 Entre lo verde, y roxo tem seu geito,  
 No roxo pinto a ausencia,  
 No verde da esperanza a excellencia.

Mas entre riso, e pranto  
 Temperar estas gaitas temo, ò quanto!  
 Só se fizer compasso a bella Aurora;  
 Que quando nos Ceos ri; nos campos chora.  
 Em fim na Cantimplona deste empenho  
 Mil finezas direi por desempenho;

Com tudo irei servindo,  
Por hum olho chorando, e outro rindo.

E para mais ajuda  
Duas Musas invoco, huma fezuda,  
Que nunca do seu pranto mais affroxre,  
Outra, que sempre ri a troxe moxe.  
Esta será Thalia dançadeira,  
A outra Euterpe triste, e carpideira;  
Ou chamo os dous Barbados,  
Sempre em rir, e chorar tão decantados.

Mas vá fora de graça, (ça;  
No assumpto hei de fallar, por mais que fa-  
lsto não tem remedio, eu bem queria  
Ir-me esgueirando agora da folia. (nhas,  
Não cuidem que isto em mim são caramu-  
Roí no espaço imaginario as unhas,  
E gastei de tabaco  
Mais de hum jacá, ou mais de hum faco.

O caso contarei:  
Valha sem sello a historia a toda a lei.  
Sentado em hum tripó  
A's margem de hum botete estava eu só;  
Era tempo, em que Apollo no Nadir

Candeas às avéssas, qu'èr luzir,  
 Quanto eis que hum velhação  
 Fez-me c'um papirote ir logo ao chão.

Este velho cançado

Todo o vivente tinha então prostrado;  
 Morfêo lhe chama o Cavallino tono,  
 Mas em bom Portuguez chama-se sono.  
 De repente me vi em outra esfera,  
 Onde tudo de véras he quimera.  
 Oução o Apocalypse,  
 Perdoem, se disser muita tolice.

Na raiz de hum oiteiro,

Que visagens ao mar faz sobranceiro,  
 E as ondas empoladas, e escumando,  
 Mordem-lhe o pé, e aréas vão tragando.  
 Recostado estava eu na fresca relva,  
 Que serve de tapiz à verde selva,  
 Quando eis que a vista pasma,  
 Salvo tal lugar, he huma fantasma.

Hum gigante tremendo,

E mais tremendo eu só de o estar vendo,  
 Cara de Carijó, na cor adusto;  
 Mas eu não lhe perdoe tão grande susto.

Cof-

Costas largas, hum forte Briarêo,  
 Porque mais de cem braços tem de feu,  
 De espadanas coroadas,  
 Barbas de junco, se de musgo ornado.

Senta-se mui trombudo,  
 E cabeceando muitas vezes mudo,  
 Com hum suspiro fez recuar os mares,  
 Abrir a boca a terra para os ares.  
 De medo recolhêrão-se as Estrellas,  
 E affustando-se o Sol chega às janellas:  
 Trovão de qualidade,  
 Que deo diluvios de agua na verdade.

Dois foi tal o seu pranto,  
 Que fez crescer o mar hum tanto, ou quanto,  
 Dos olhos sahem dous rios caudalosos,  
 E mil fontes em suores copiosos.  
 Mas ao fogo voraz das suas maguas  
 Não podem dar alivio tantas aguas,  
 Donde, se bem suspeito,  
 Ainda he maior a causa, que o effeito.

Quiz eu medroso então  
 Perguntar dos extremos a razão;  
 Mas vejo là descendo pelo ar



Hum moço tão gentil , que isso he pasmar.  
 A ser mais pequenino hum nada , hum til ,  
 Seria o Deos do amor com graças mil ;  
 O pelo de ouro tem ,  
 Que sobre hombros de prata cahe-lhe bem.

A bom tempo chegou ,  
 Pois as furias ao velho lhe quebrou ,  
 Que nos termos o vi de se enforca ,  
 Ou ao menos de se ir lançar ao mar.  
 Como tão boa companhia achei ,  
 Cobrei animo logo , e me cheguei ,  
 E do moço inquiri ,  
 Quem era , e a que vinha então alli.

Respondeo magestoso :

Sou das Minas o rio mais ditoso ;  
 Pois além de encubrir arêas de ouro ,  
 Possuo agora o mais rico thesouro ,  
 Que ao velho , que vês alli chorando ,  
 Se tirou por decreto venerando ;  
 Razão , por que aqui venho  
 A consolallo agora com empenho.

Cahi então na historia ,  
 E vi logo por cousa bem notoria ,

Que

Que o velho era o Maranhão sentido  
 Na ausencia de hum Prelado o mais querido,  
 E o moço o Ribeirão, que em gloria ufana  
 Lava os pés à Cidade Mariana;  
 Fiquei então irado  
 Para comer o velho de hum bocado.

Vou-me a elle com ira,  
 E grito-lhe: Que tem? De que suspira?  
 Ora não tem vergonha, tamanhão?  
 Chorando como criança hum barbadão?  
 Olhe o ranhólo. Folgue, cante, e dance,  
 Ninguem lhe tira a gloria, vá, descance;  
 Pois deo às ricas Minas  
 Thesouro de riquezas as mais finas.

Abrio em fim os olhos  
 O velho, que a paixão lhe poz antolhos,  
 E eu tambem abrindo os meus, admiro,  
 Que sendo sonho a farça do retiro,  
 Andou o Deos Morfêo mui verdadeiro,  
 Pois se cumprio o assumpto todo inteiro,  
 Se co a Academia  
 Andão sonhando os Poetas noite, e dia.

*Do Sancho Pansa de Apollo.*

MC

## M O T E.

Hum homem d'além do mar,  
 Outro cà do nosso Ofir,  
 Vellos ambos competir,  
 Hum faz rir, outro chorar.

## G L O S S A.

## I.

**S**enhor, que enigma em espelho  
 Traz hoje aqui a Heraclito,  
 Pois melancolico, e afflicto  
 Vem chorando como velho?  
 E por mais que o aconselho,  
 Queira o pranto aliviar,  
 Já mais o posso abrandar  
 Do tormento, em que se vê;  
 E perguntado diz que he  
 Hum homem d'além do mar.

## II.

Outro ha, que não descança  
 De rir, Democrito he o nome;  
 Ou se alivie, ou se affome,  
 Sempre ri, como criança.  
 Indo a dizer-lhe o que alcança,  
 Quem o chega a advertir,  
 Sempre está firme a bom rir;

E perguntado também  
 Quem he, diz: Eu sou d'aquém,  
 Outro cá do nosso Ofir.

## III.

De forte, que ambos estão  
 Chorando, e rindo à porfia,  
 De Mariana a alegria,  
 E pena do Maranhão.

Hum diz, que he justa razão  
 Ao nosso Bispo applaudir;  
 Outro, que custa a sentir  
 De Maranhão se ausentar;  
 E he gosto a rir, e a chorar  
 Vелlos ambos competir.

## IV.

Mas com que mais defadora  
 Heraclito, he que o farol  
 De Manoel dê riso ao Sol,  
 Lagrymas à sua aurora.

Esta pena, esta ansia agora,  
 Com que hum está a gozar,  
 Outro a sentir, e a penar,  
 He o verdadeiro assumpto,  
 Que a ambos n'hum tempo junto  
 Hum faz rir, outro chorar.

*Do Reverendo Padre Diogo Alvares da*



M E S M O M O T E.

Hum homem d'alem do mar,  
 Outro ca do nosso Ofir,  
 Hum sempre está posto a rir,  
 O outro sempre a chorar.

G L O S S A.

I.

**D**ous varios de condição  
 Entre si andão rem, rem,  
 Hum cara de inverno tem,  
 Outro cara de verão:  
 Hum quer prégar a Paixão,  
 Outro a Pascoa quer prégar.  
 Mas quem poderá casar  
 Dous genios de tal feitio?  
 Hum homem d'aquém do rio,  
 Hum homem d'alem do mar.

II.

D'aquém, e d'alem deviso  
 Estarem: ambos oppostos;  
 Mas olhar-lhes para os rostros  
 Isso he lastima, isso he riso;  
 E se por força he preciso,  
 Onde morão, referir,  
 Direi nisso o meu sentir,  
 Não que a não alguém me vá:

Hum he de junto ao Pará,  
Outro cá do nollo Ofir.

## III.

Ri-se hum do que o outro chora;  
Mas são cousas desta vida,  
Que a luz, que hum chora perdida,  
O outro consegue agora.  
Zombe da fragata embora  
Quem assim sabe luzir,  
E quem ló cuida em carpir:  
Vá-se já daqui çurrando,  
Pois não faz bom papel, quando  
Hum sempre está posto a rir.

## IV.

Na marinha sem maranha  
O Maranhão chora ausente,  
Mas cá de riba contente  
Canta o Ribeirão sem manha.  
Se a differença he tamanha,  
Ninguem se deve admirar  
De tal esturdia encontrar:  
Teimem por final sentença  
Hum a rir, pois tem licença,  
O outro sempre a chorar.

*Do Sancho Pansa de Apollo*

FIM DA ACADEMICA.

SERMÃO  
NO SEGUNDO DIA  
DO  
TRIDUO,

Com que se celebrou a  
CREACÃO, E DEDICACÃO

Da nova Cathedral de Mariana com quatro Dignidades, Arcidia-  
go, Arcipreste, Chantre, Thesoureiro Mór, e dez Con-  
cegos, mudado pelo Summo Pontifice o titulo da Con-  
ceição, que tinha a Igreja Paroquial antiga, nó  
da Assumpção da Virgem Santissima,  
que deo à nova Sé.

Foi este Sermão a 9. de Dezembro de 1748. e esteve  
exposto o Santissimo Sacramento,

PREGOU-O

O M. REVERENDO DOUTOR

JOSE' DE ANDRADE  
E MORAES,

*Arcipreste da mesma Cathedral, e Provisor do  
seu Bispado.*

SE R M A O

NO SEGUNDO DIA

TRIDUO

GRACIA E DEDICACION

JOSE DE ANDRADE

L. MORAES

FIM DA ABNIF





*Jacob autem genuit Judam, & fratres  
ejus. Matth. 1. 2.*



E a Gloria celeste o fim da graça santificante; por isso a sublime graça, que hoje celebravamos, veio a parar na maior gloria, que hoje applaudimos.

(Amoroso Senhor Sacramentado.) He a Gloria celeste o fim da graça santificante; por isso a sublime graça, que hoje celebravamos, veio a parar na maior gloria, que hoje applaudimos. Applaudimos hoje aquella immensa gloria; com que Maria Serenissima no Myſterio de ſua glorioſa Aſſumpção ſe elevou triunfante ao Empyreo. Celebravamos hoje aquel-

aquella sublime graça, com que a Mãe de Deos, preservada dos estragos da culpa original, se concebeo pura, immaculada, e santa no primeiro instante do seu ser. Logo tinhamos de antes applaudida hoje a maior graça, qual foi a da Conceição Mariana: e temos hoje que celebrar a maior gloria, qual he a da Assumpção da mesma Senhora; porque entre as puras creaturas não houve, não ha, nem ha de haver gloria, e graça igual à que Deos communicou, e communicá a sua Mãe Santissima. Assim o dizem communmente os Santos Padres.

Sim. Mas se a graça, e gloria de Maria têm seus tempos determinados; a graça o da Conceição, que he agora; a gloria o da Assumpção, que foi a 15. de Agosto, como se póde mudar a graça deite dia da Conceição na gloria da Assumpção da Senhora? Por duas razões; huma natural, e outra allegorica. Attendei.

A razão natural he esta. Entre as divisões da graça, que fazem os Theo-

rogos, he huma, a que chamão antecedente, concomitante, e subsequente: esta foi a graça da Conceição Mariana. Antecedente; porque antes de operar a natureza para a sua geração, estava a graça esperando anticipada para a preservar da culpa. Concomitante; porque a graça acompanhou a natureza na animação da Senhora de forte, que a natureza não lhe deo o ser racional, sem que a graça lhe dêsse a fórma santificante. Subsequente; porque em toda a sua vida purissima se seguiu nas acções da Mãe de Deos aquella graça, com que se concebeo immaculada, em tal maneira, que affirmão muitos, e graves Doutores, que em Maria Santissima esteve extinto o *fomes* do peccado.

Esta graça muda-se em gloria depois da morte; e como a Virgem Serenissima já triunfa no Empyreo com gloria igual à sua graça, por isso a graça da sua Conceição immaculada se muda hoje em gloria da sua Assumpção triunfante. Mas deixemos o litteral dos myf-



terios , e vamos à sua allegoriã , pois ja he tempo de darmos a sêgunda razão .

Dividio o Papa Benedicto XIV. o Bispado do Rio de Janeiro em trez partes, em huma conservou o Bispado antigo , em outra erigio o de S. Paulo , e em outra a nossa Diecese Marianense , fazendo sua Capital esta Cidade. Na Cidade era Orago desta Igreja o Mysterio da Conceição purissima da Senhora : creou o mesmo Pontifice a Paroquial em Sé com quatro Dignidades , e dez Conegos , que por todos fazem quatorze Prebendados , e mudou-lhe o titulo da Graça em Gloria , isto he , o da Conceição em Assumpção. Assim o diz o *Motu proprio* de Sua Santidade , expedido a 15. de Dezembro de 1745. nestas palavras : *Relicta denominatione hujusmodi* ( falla da invocação antiga desta Igreja ) *in Cathedralem pariter Ecclesiam , sub invocatione ejusdem Assumptionis Sanctissimæ Virginis , pro altero Episcopatu Marianensis respectivè nuncupandis.* Logo a graça deste dia toda se muda , e redundã em gloria.

Isto



Isto he o que affirma o Oraculo do Vaticano na sobredita clausula da Bulla da creação desta Cathedral, e isto he o que fez S. Excellencia Reverendissima agora; que a creou.

Sim. Creou o nosso Excellentissimo Prelado esta Igreja Cathedral, e dedicou-a como Sé a Maria Santissima em dia da Conceição da mesma Virgem, dia sem duvida proprio para esta creação, por ser dia da graça. Fez S. Excellencia huma, e mil graças aos quatorze dignamente eleitos para as Prebendas; e que havia de resultar de tanta graça, senão muita gloria? Gloria para os novos eleitos, porque se achão condecorados com a dignidade, que não tinham; gloria para S. Excellencia Reverendissima, porque os fez creaturas suas com mais regalia, do que deo Jacob a Judas, e aos mais filhos, que gerou: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus*; e gloria para a Virgem Mãi, porque vê parar em honra, e louvor seu, e de seu preciosissimo Filho a graça da sua Concei-

ção gloriosa. Mas, oh ! que não seria graça da Mãe de Deos, se não se convertesse nesta gloria, que celebramos. O meu thema he hum epitome deste successo mysterioso ; mas antes que o explique na minha empreza, deixai-me ver (por não saltar à obrigação precisa de germanar o Euangelho do dia com as circumstancias da festa,) deixai-me ver, se descubro a allegoria, que figo, no Euangelho, que se cantou.

Trata o Euangelho de Maria Santissima: *Vivum Marie*, e em Maria temos a Igreja de Mariana, como nova Cathedral, e cabeça de Bispado ; porque a Senhora metaforicamente não só he Igreja, como lhe chamou Alano: *Maria est Ecclesia*, mas Igreja Cathedral, ou Sé com seu Bispo: *Sedes sapientiae* ; a sabedoria encarnada he o Bispo, e o Pastor da Cathedral Mariana: *Pastorem, & Episcopum*, diz meu Padre São Pedro. Occupou aquelle Santissimo Prelado da Sé de Maria a Cathedral da Conceição Mariana ; pois tendo a

Igre-

Igreja Marianense a graça da Conceição por titulo, a graça da Conceição se repetio na Encarnação do Verbo Divino: *Ave gratia plena*; e a Encarnação foi o mysterio, em que o sacrosanto Bispo Manoel, que he Christo, tomou posse da Cathedral Mariana: *Maria est Ecclesia, Sedes sapientiae: Gratiâ plena... habebis in utero Filium Dei, Pastorem, & Episcopum.*

De sorte, que he o Euangelho tão fertil para as circumstancias, em que estamos, que só em duas palavras do seu Texto temos o successo todo da nova Sé de Mariana, e o seu Bispo com a posse, e muito de assento na Cathedral. A Sé em Maria: *Maria est Ecclesia, Sedes sapientiae*; e Sé tão nova, que de novo (diz Jeremias) a creou Deos: *Creavit Dominus novum super terram.* O Bispo em Christo: *Pastorem, & Episcopum*; a posse na graça da Conceição da Senhora, repetida na Encarnação do Verbo humanado seu Filho: *Gratia plena... habebis in utero Filium Dei*, e tudo re-

copilado nas breves clausulas , com que S. Mattheus no Euangelho chama , e publica Mãe de Jesus a Maria: *Mariæ , de qua natus est Jesus , qui vocatur Christus.*

Temos decifrado no Texto Evangelico a nova Cathedral de Mariana com o seu Bispo no throno. Mas os Conegos onde estarão ? Em quanto à qualidade , eu os mostrarei logo no meu thema ; a quantidade , ou o numero , profetizou-o o Euangelho em trez partes. Téce o Sagrado Chronista a genealogia de Christo Senhor nosso , e divide-a em trez partes , cada huma dellas de quatorze gerações : a primeira he desde Abrahão até David , e nella se contão quatorze progenitores ; a segunda de David até à transmigração de Babylonia com outros quatorze ascendentes ; e a terceira com outros quatorze Avós , desde a transmigração de Babylonia até Christo. Pois se o Evangelista quer fazer trez partes , ou tesseradecadas , e que todas contemphão quarenta e duas gerações , poi que  
nãe



não compõe huma parte de treze , outra de quatorze , e outra de quinze , ou de outros numeros desiguaes , que constituão aquelle todo ? Por força ha de ler de quatorze cada parte ? Não ha de ter nem mais , nem menos de quatorze cada tesseradecada ? Não , Senhores. E por que ? Porque não são nem menos , nem mais de quatorze os Conegos , com que se cria esta santa Cathedral ; e para que se visse que na dedicação desta Sé não havia circumstancia , que o Evangelho não tivesse prevenido , por isso não menos que em trez partes por todo o Evangelho se ajusta o numero quaterdenario , para symbolizar o numero dos Prebendados de Mariana.

Mais difficil me parecia a mim achar no Texto Evangelico a Conceição mudada em Assumpção ; porém depois de o ler attentamente , vi que isso no Evangelho era o mais facil. Fui eu a reparar , em que contando S. Matheus no presente Evangelho os Progenitores de Maria descendo , S. Lucas os refere subindo :  
o pri-

o primeiro descendo , porque desce de Abrahão atè Jacob , filho de Mathan ; o segundo subindo , porque sóbe de Heli ; filho de Melchi , atè Deos. E qual será o mysterio de tão notavel differença ? He o querer demonstrar o Euangelista a gloria da Assumpção de Maria na graça da Conceição da mesma Senhora , ou que a graça da sua Conceição immaculada se muda em gloria da sua Assumpção triunfante.

Olhai. A Conceição he descer , por isso a geração , ou conceição de hum filho se chama descendencia de seu pai ; a Assumpção he subir , por isso a Igreja diz , que a Senhora subio aos Ceos na sua Assumpção : *Maria Virgo Caelos ascendit.* Suba pois hum , e desça outro Euangelista : desça hum desde o Ceo , ou desde o seio de Abrahão atè Jacob , figurando a graça , com que Maria se concebeo , porque a graça da sua Conceição toda veio da gloria de Deos : suba outro desde Heli atè Deos , para significar que a gloria , a que subio Maria na Assumpção , lhe proveio da graça , com que

que Deos a preservou da culpa. Seção os mesmos os degrãos, por que se sóbe, e se desce nesta escada, ou arvore da sua geração, para que se veja que nos mesmos grãos da descendencia, e ascendencia da Senhora estava figurada a gloria, com que no dia da sua graça se lhe dedica esta Cathedral. Esta he a gloria, que resulta à mesma Senhora da sua graça: esta he a graça de Maria convertida na sua gloria; e esta será a empreza do meu discurso, no qual mostrarei que só se faz patente, manifesta, e palpavel a graça da Conceição Mariana, quando no dia de sua immaculada Conceição se lhe consagra esta Cathedral Marianense à invocação da sua gloria. O norte do discurso será a gloria de Jacob na geração de Judas, e seus irmãos: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus*; mas a luz, e guia para o desempenho; só pôde ser aquella Estrella de Jacob, que nasceu tão pura, como luzida, para emblema da graça da Conceição da Senhora: *Orietur stella ex Jacob.*

*Ave Maria.*

Cc

Ja-

*Jacob autem genuit Judam , & fratres ejus. Matth. suprâ.*

**E**Ntre os Progenitores de Christo , dos quaes tambem descende Maria Serenissima , por ser Mãi do mesmo Senhor , Jacob gerou a Judas , e a seus irmãos : *Jacob autem genuit Judam , & fratres ejus.* Isto he o que diz S. Mattheus no presente Euangelho , como epitome do glorioso objecto , que hoje celebramos. As palavras são breves , mas compendiosas ; porque não temos circumstancia neste plausivel , e solemnissimo Triduo , que não esteja resumida na brevidade do thema. Consagramos applausos à pureza da Conceição de Maria , este he o primeiro motivo dos cultos deste grande dia ; e assim devemos principiar o discurso pela immaculada Conceição da Senhora. Senhores , quereis conhecer , como a Conceição de Maria foi pura ? Pois olhai para a geração de Jacob.

Ja-



Jacob gerou doze filhos, que são Judas ; e seus irmãos : *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus* ; mas sendo terrenos os pais , que gerárão , e os filhos gerados , tanto os filhos , como os pais , parecem cousa celeste. O pai he hum Sol ; porque assim como o Sol he o maior astro , e a todos communica lustres , assim Jacob foi o maior Principe entre seus filhos , e os encheo de lustre a todos. As mãis destes filhos são como a Lua ; porque assim como a Lua , sendo creada da mesma materia lucida , que o Sol , a respeito do Sol he a Lua menor Planeta : *Luminare minus* , assim as esposas de Jacob , ainda que procreadas do mesmo tronco , na razão de mulheres são menos que elle : *Caput mulieris vir*. Não ha semelhança , como a deste astro , para as duas esposas de Jacob ; e humadellas até no nome se equivocá com a Lua , porque se chamava Lia. Isto erão os pais ; e os filhos que serião ? Que havião de ser , senão Estrellas , os filhos da Lua , e do Sol ?

Erão Estrellas luzidas os filhos de Jacob; porque lhês communicava seu pai o esplendor, para serem tão illustres, e luzidos, como as Estrellas, nas quaes se representavão todos: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & stellas undecim adorare me.* Assim o dizia hum dos filhos de Jacob a seu pai, fallando de seus pais, e irmãos. Então pareceo sonho aquella brilhante elevação da familia de Jacob, hoje conhece-se que foi verdade profetica aquelle sonho. Sim. Jacob hê hum Sol, que espálhou immensos raios de luz na sua innumeravel, lustrosa descendencia; Lia he humia Lua minguante na belleza; Raquel outra Lua cheia de formosura; os filhos são humas Estrellas de incomparavel grandeza, e luzimento; porque nas Estrellas, na Lua, e no Sol tudo são luzes sem sombra, replandores sem mancha, candores sem mácula. Esta foi a geração de Jacob: *Quasi Solem, Lunam, & stellas;* e esta he a pureza da Conceição de Maria.

Maria na sua Conceição, foi candor  
sem

sem macula , resplendor sem mancha , luz sem sombra , ainda que gerada entre as sombras , ou quando occupavão o mundo todo as trévas da culpa original. Foi aquelle primeiro .luzeiro , que vio o mundo brilhar entre as trévas do seu principio ; como entendeo S. Vicente Ferrer : *Fiat lux , ecce* ( diz o Apostolo de Valença ) *ecce Conceptio Virginis Mariæ*. Grande symbolo da graça da sempre Virgem na sua Conceição!

Naquelle confuso embryão , de que se formarão os Orbes , quando nelle ainda não se distinguão partes , e o seu todo era o nada :

*Unus erat toto naturæ vultus in orbe ,  
Quem dixerè chaos. ----*

nesse chaos escuro , e informe , quando fó as sombras cubrião a face do abyfmo. *Tenebræ erant super faciem abyssi* , então creou Deos a luz. E nota o Sagrado Chronista , que a luz fora feita : *Dixit-que Deus : Fiat lux. Et facta est lux*. Por certo que parecia escusada esta advertencia

cia do Sagrado Texto , em quanto diz que a luz fora feita , depois de dizer Deos , que se fizesse a luz : *Dixitque Deus : Fiat lux. Et facta est.* Para Deos fazer tudo , basta que elle diga , que se faça : a regra , que nós temos , para conhecer que Deos fez alguma cousa , he sabermos que elle disse , que se fizesse ; porque tudo o que vemos feito , he porque elle o disse , e o mandou fazer ; porque o disse , he que se fez tudo : *Quia ipse dixit , & facta sunt* , diz o Psalmo-grafo. Pois se se faz indefectivelmente o que Deos disse , qual será a razão , por que depois de referir Moysés , que Deos disse , que se fizesse a luz : *Dixitque Deus : Fiat lux* , advirta que a luz foi feita : *Et facta est lux?* A razão he ; porque o que Deos fez na luz , ou o modo , com que a luz se vio creada , não se acredita , se o Espirito Santo não dissera , que se fez assim.

A luz he tão opposta à sombra , que não podem existir ao mesmo tempo , e no mesmo lugar a sombra , e a luz. Afim



sem o mostrou Deos , quando dividio a luz da sombra, dando à sombra o dominio da noite , entregando à luz o imperio do dia: *Divisit lucem à tenebris. Appellavitque lucem diem , & tenebras noctem.* Mas antes desta divisão fez Deos hum prodigio grande na luz , e foi , que existisse a luz com a sombra algum tempo. Entre o tempo , em que Deos creou a luz , e a dividio da sombra , houve outro espaço medio , em que a luz esteve misturada , e confundida com a sombra , sem que offendesse a sombra à luz ; e este he o portento , com que se diz , que a luz estava feita antes de dividida : *Et facta est lux* ; ou que a luz existio , e subsistio antes de separada da sombra : *Et fuit lux* : lê a versão Caldaica.

A sombra he privação da luz ; porém esta luz , que Deos faz , está brilhando entre a sombra : *Et lux in tenebris lu- cet.* A sombra ainda parece que tem o imperio do tempo , porque não está separada a jurisdicção da luz no dia ; porém a luz já se vê resplandecer entre o hor-

horror das trévas : *In tenebris lucet*. As trévas representam a malícia , e o mal ; porém entre toda a maldade , que cobrem as sombras , já Deos está vendo huma bondade , e pureza tão innata naquella primeira , luzente creatura , que a não podem occultar as sombras com toda a sua dominação : *Vidit Deus lucem , quòd esset bona*. Vedes aqui , Senhores , o que estava feito na luz , confundida com as sombras , e o por que se diz , que estava feita , e existia antes de se dividir das trévas : *Et fuit lux , & divisit lucem*.

Sim. Esta he a luz prodigiosa na sua criação , esta he a primeira producção maravilhosa de Deos : *Dixitque Deus : Fiat lux* ; esta he a primeira creatura da Omnipotencia creadora ; esta he a creatura , que sahio pura , e immaculada nos seus luzidos candores : *Facta est lux* ; esta he a que nos seus resplandores até ao mesmo Deos mostrava a sua bondade : *Vidit Deus lucem , quòd esset bona*. Não ha duvida que o principio da luz foi a sombra , porque das trévas nasceo a luz :

tam-

tambem he certo que a sombra pertendia escurecer a luz a claridade ; porque a malicia , que se representa na sombra , sempre presume offuscar a bondade figurada na luz ; porẽm a regalia daquelle primeiro candor esteve em que se visse o contrario no tempo , em que Deos a fez , e a deixou estar feita , sem a separar das trévas : *Fuit lux , & vidit Deus lucem , & divisit lucem à tenebris.*

E esta brilhante , innocente , candida creatura he o mais natural emblema da graça da Conceição Mariana. Pelo privilegio da preservação foi Maria a primeira creatura , que sahio da boca de Deos : *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita ante omnem creaturam* ; porque antes de previsto o peccado primeiro , que cubrio o mundo racional com a triste sombra da culpa , foi predestinada a Senhora no estado da graça para Mãe do Verbo humanado. He verdade que quando a Senhora se concebeo com effeito , tudo no microcosmo erão montaes assombros do tenebroso horror , do con-

fuso chaos do delicto original: *In tenebris*, & *in umbra mortis sedent*; e que os mesmos pais, de quem se concebeo, vivião nas trévas confusas do peccado de Adão; mas esse mesmo era o prodigio, esse era o privilegio, que das trévas nascesse o candor, que entre as sombras brilhasse a luz, para ser pura, e innocente na sua Conceição a Virgem Maria, como a luz primeira: *Fiat lux*, *ecce Conceptio Virginis Mariæ*, *lux in tenebris lucet*, & *vidit Deus lucem, quòd esset bona*. Pois se assim he, seja a geração luminosa, e resplandecente de Jacob o espelho da graça para a Conceição de Maria: *Fiat lux*, *ecce Conceptio*: *Vidi per somnium quasi Solem, Lunam, & stellas*, para que se patente a pureza da Senhora ao ver-se o luzimento da geração de Jacob: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus*.

E agora entendo eu o mysterio, com que o Euangelho numéra todos os filhos de Jacob, como progenitores da Mãe de Deos, que agora celebramos



concebida em graça. Dos mais progenitores de Maria só entrão no catalogo da sua geração os que concorrêrão para ella, e não os irmãos, que teve o mesmo progenitor. Abrahão gerou dous filhos, que forão Isaac, e Ismael; mas como só o primeiro foi ascendente da Senhora, por isso elle só entra na sua genealogia: *Abraham genuit Isaac*. Isaac tambem teve dous filhos Esaú, e Jacob; mas por este se tece a arvore da geração de Maria, porque aquelle não concorreo para a sua geração: *Isaac autem genuit Jacob*. Jacob, ainda que teve doze filhos, só deo hum para a geração de Maria, o qual foi Judas, pai de Farês: *Judas autem genuit Phares*. Pois se Judas continúa sómente a genealogia, como entrão nella todos os seus irmãos? He, porque todos são filhos de Jacob, e como filhos de Jacob todos são luz, e resplendor: *Quasi Solem, Lunam, & stellas*. E para que se veja que a graça da Conceição de Maria he tão clara, e perceptivel, como a mesma luz, e que a

todas as luzes se deve publicar immaculada .a sua Conceição , por isso se descrevem todos os filhos de Jacob no livro deste mysterio : *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus.*

Mas qual será o dia , em que se faz publico , qual será o tempo , em que se faz patente este prodigio da graça , nunca percebido pela ordem da natureza ? Digo que he agora : agora se revela claramente este segredo da Omnipotencia , agora se divulga este arcano da graça , agora se publica a altura da sua gloria. Agora ? E por que agora , e não antes ? Porque só agora se cria esta nova Igreja Cathedral Marianense , da qual para os prodigios , que celebramos , e suas circumstancias , não ha figura tão viva , como a geração de Jacob : *Jacob autem genuit.* Ora ouvi ; e se eu for mais diffusivo , do que devêra nesta demonstração , releve-me da censura de moroso a novidade da materia , pois no commum prometto não demorar-me.

Tudo na geração de Jacob he myf-

terioso para o nosso caso; mas hum dos maiores mysterios he o seguinte. Servio Jacob a Laban sete annos, para merecer por esposa a Raquel; e ao passo, que esperava em Raquel o premio das suas finezas, lhe derão por consorte a Lia. Sentio Jacob a troca, e a dispendio de novos serviços mereceo depois com Raquel a mesma sorte. Desposado com ambas o grande Patriarca, e amando mais a segunda, que a primeira, tiveram ellas entre si grande diffensão sobre humas mandragoras, hervas de pouco valor, que Ruben, filho de Lia, tinha trazido do campo. Ajustarão-se por fim amigavelmente as duas irmans, cedendo Raquel o commum esposo a Lia por huma noite para o thalamo nupcial; e assim que Lia aceitou o partido, que desejava, foy fervorosa de casa; esperou a Jacob, que andava no campo, contou-lhe o successo, e recolhêrão-se ámbos: *Redeuntique ad vesperam Jacob de agro, egressa est in occursum Lia; & ait: Ad me, inquit, intrabis, quia mercede conduxisti te*  
pro

*pro mandragoris filii mei.* Admiravel, e mysterioso caso!

Na verdade que póde assombrar este successo aos juizos de maior prudencia. Pois Lia, aquella matrona tão modesta, e prudente, que tem animo para soffrer o repudio de Jacob; e por mais que o desprezo conjugal lhe penetre o coração, não lhe chega aos labios para o publicar queixosa; aquella Heroína, que tem valor para tolerar os ciumes de Raquel, os quaes, ainda que lhe ferem a alma, não se atreve a dizellos a lingua; esta mulher tão senhora de si, como das suas paixões, forte; varonil, e constante, agora perde o pejo, sahe de casa, vem à rua, espera o esposo, e recolhe-se publicamente com elle? Parece defardar sua pudicicia esta acção; porém o mysterio do caso livra a Lia da nota de menos honesta. Allegorizemos a figura.

Jacob significa a hum Bispo eleito para governar huma Igreja, ou hum Bispado; para o qual o mesmo Bispo se elige; porque não se faz o Bispado por cau-



fa do Bispo, mas cria-se o Bispo por amor do Bispado: *Episcopus propter Ecclesiam fit*. Lia significa a Igreja, para a qual he canonicamente eleito o Prelado. Mais claro. Jacob significa a hum Bispo; Lia representa a huma Igreja Cathedral, visto que he Igreja com Prelado; porque da Cadeira Pontifical he que se chamão Cathedraes, ou Sés as Igrejas, em que residem os Bispos. Agora se entende bem a razão, que desculpa a Lia do que parecia desenvoltura no caso referido. Era Lia figura da Igreja. Jacob retrato do Bispo; na vinda do Bispo tem a sua Igreja obrigação de sair a esperallo para o receber, por isso Lia sahio de casa a esperar, e obsequiar a Jacob: *Lia egreditur in occursum Jacob; quando Ecclesia canonicè Prelatum eligit*. Tudo commentou o Cardeal Hugo. Mas ainda não he este todo o mysterio do caso, que referimos: ouvi, que ainda prolegue a sua allegoria.

Depois desta desejada vinda do Prelado (continúa o niesmo Purpurado Inter-

terprete) segue-se outra eleição Canonica, para que cada hum execute com diligencia o que pertence ao seu officio: *Ex quo præcessit Canonica electio, debet sequi sedula officii executio.* Esta segunda eleição Canonica bem a podemos entender da eleição dos Conegos, e da criação de huma nova Cathedral, sem violencia do commento, que seguimos; já porque he posterior à vinda, e recebimento do Prelado; e já porque he Canonica, ou conforme aos Sagrados Canones; pois, porque devem viver na forma destes, se chamão Canonicos em Latim, e em Castelhana Canonigos, o que nós em Portuguez dizemos Conegos, como se declarou no Cap. IX. do Concilio Moguntino: *Canonici Clerici canonice vivant.*

Isto supposto, perguntar-me-heis agora, quantos são os Conegos eleitos por aquelle Bispo allegorizado, e quaes são os que elege para esta dignidade Ecclesiastica? Os que cria, ou institue na dignidade Canonical, já se sabe que são

os filhos do mesmo Jacob ; pois na sua geração , que propõe o Evangelho: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus.* temos o emblema de huma Sé. Agora o numero dos Conegos tem mais difficuldade em acertar-se ; mas digo que são quatorze. Quatorze? Que digo? Se os Conegos se figurão nos filhos , ou na geração de Jacob: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus* , e os filhos de Jacob são doze sómente , como podem ser quatorze os Conegos ? A razão ha de vos parecer muito difficil , mas he muito facil : e vem a ser ; porque Jacob não teve só doze , teve quatorze filhos. Esta novidade ha de-vos parecer maior , que as mais , que tenho dito , quando a não julgueis apocryfa , por parecer contra a verdade do Sagrado Texto , mas he muito conforme a elle.

He verdade que Jacob não teve mais que doze filhos naturaes , e legitimos ; mas teve mais dous filhos adoptivos , e com estes fez o numero de quatorze. Os doze legitimos , e naturaes forão Ru-  
Ee ben,

ben, Simeão, Levi, Judas, Dan, Nef-  
tali, Gad, Afer, Issachar, Zabulon, Jo-  
sé, e Benjamin. Os adoptivos são Ma-  
naffes, e Efraim, os quaes erão filhos  
de José, e netos de Jacob; mas Jacob  
tomou para si, e como seus, estes dous  
filhos de seu filho, e deixou-lhe para elle  
os outros, que o mesmo José tinha ge-  
rado: *Duo ergo filii tui ... mei erunt,*  
*Ephraim, & Manasses,* dizia Jacob a  
José. Notavel maravilha! De maneira,  
que representando Jacob a hum Bispo,  
creando quatorze Conegos para a sua  
Igreja Cathedral: *Jacob autem genuit:*  
*Ex quo præcessit canonica electio,* porque  
aquelle Patriarca não tinha mais que do-  
ze filhos, tomou dous netos, e adoptou-  
os por filhos seus, para ajustar o nume-  
ro dos quatorze, que havião de ser elei-  
tos canonicamente, ou para a dignidade  
Canonical: *Duo ergo filii tui mei erunt:*  
*Canonica electio.*

E que faria Jacob com estes quator-  
ze homens tão dignos, como filhos seus,  
e partos da sua eleição? Ouvi-o com as-

for



sombro, porque não se póde referir sem palmo. Appareceo Deos a Jacob em Haran, e mostrou-lhe em huma visão intellectual estes filhos: vio o Patriarca este portento da sua descendencia, e em agradecimento de tanto beneficio dedicou a Deos hum Templo, e consagrou-lhe huma Igreja; isto quer dizer aquella pedra, que Jacob levantou, como padrão, ou titulo da sua gratificação: *Tulit lapidem, & erexit in titulum, fundens oleum desuper.* E para que não houvesse duvida na invocação daquelle Templo figurado, Jacob o dispoz de tal maneira, que, para que fosse a Igreja da Gloria, lhe chamou Casa de Deos, e disse que estava alli a porta do Ceo: *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Coeli.* Assim o dizia Jacob admirado, quando vio espiritualmente gerados em Haran aquelles filhos, que depois gerou naturalmente em Mesopotamia: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus;* e assim o repete a Igreja, louvando a Deos na dedicação de algum Templo: *In dedicatione*

*Templi decantabat populus laudem. Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Coeli.*

Mas, oh! Valha-me o Ceo em tanto abyfmo de myfterios, que por mais que quero registrar o Polo, e observar o horizonte, não fei em que terra eftou. Cuidava eu que estava ou em Haran, abforto na contemplação da myfteriofa, futura geração de Jacob: *Jacob autem genuit*; ou em Mefopotamia, vendo, e admirando gerados os filhos daquelle grande Patriarca: *Genuit Judam, & fratres ejus*; porèm enganei-me, porque eftas especies, que fe representam tanto ao longe á memoria., são o prodigio, que fe offerece hoje aos olhos em Mariana. Alli naquelle coro eftão os filhos do excelfo Pastor, alli naquelle thrõno vemos tambem a Jacob feo pai; Jacob não já como Bispo em figura, mas o mefmo Bispo em fua propria peffoa, e mais gloriofo que Jacob.

Jacob representou a Christo: *Servivit igitur Jacob pro Rachel, id est, Christi*

*flus*

*stus pro Ecclesia* ; mas o nome de Christo não o desempenhou Jacob , Patriarca de Israel ; desempenhou-o o Peregrino , Sagrado Pastor , Principe desta Igreja. Christo teve o nome de Manoel : *Immanuel vocahitur nomen ejus* ; deo-lhe o renome a Cruz , porque ella o fez Principe illustre : *Factus est principatus super humerum ejus* ; e o nosso Sagrado , Excellentissimo Principe tambem se chama D Fr. Manoel da Cruz. Este mystico Jacob , este Pastor prudente , e vigilante tambem servio sete annos , para merecer no Bispado do Maranhão a sua querida Raquel nesta Igreja Marianense : sete annos servio , sim ; porque seuo consagrado Bispo do Maranhão em Dezembro de 1738. foi absoluto daquelle vinculo em 15. de Dezembro de 1745. pois então o creou S. Santidade Bispo desta Diecese.

Tambem o nosso Pastor soberano teve duas esposas ; como o antigo Jacob ; a Lia foi S. Luiz do Maranhão , a Raquel he esta Mariana. O Maranhão com este

este meritissimo Prelado foi o Ludovico Floro, setimo entre os Luizes de Franca: deo-lhe esta ou com o nome do primeiro Bispaado, que foi o mencionado de S. Luiz, ou com as armas de Bernardo, seu Preclarissimo Patriarca, as flores de Liz, as quaes escondem o ouro entre as suas folhas; para que principiando este grande Prelado a florescer espiritualmente naquella sua primeira Diecese, viesse depois colher em Mariana os frutos de ouro mais sazonados em virtude, e maduros na observancia dos dez Divinos preceitos, que aquelles dourados dez frutos, com que o Pastor Melibeo presenteava ao seu Amyntas:

- - - - *Ex arbore lecta*

*Aurea mala decem misi: cras altera mit-  
tam.* - - -

Chegou em fim o novo Peregrino, e desejado Jacob ao thalamo espiritual ao throno de Mariana: sahio esta Igreja tão formosa, como rica, com tanto fasto, como prazer, para receber, co-  
mo



mo recebeo , o seu Excellentissimo Prelado: *Egreditur in occursum Jacob.* Logo que entrou , começou a crear a Cathedral com tanta ventura , e nobreza , como aquella , com que Jacob gerou a seus filhos: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus.* He verdade que entre geração , e geração houve grande differença ; a de Jacob foi corporal , e espirital a do nosso Prelado , porque creou , e instituiu aos Reverendos Capitulares com palavras ; mas a virtude das suas palavras não foi menos efficaç , que a generativa de Jacob , para que a geração deste se possa tambem verificar na creação daquelle , a exemplo daquelle Verbo infinito , que só com a virtude das suas palavras nos gerou a todos nós: *Genuit nos verbo virtutis sue.* Sim ; porque nos quatorze Prebendados presentes reluz simbolicamente a geração dos quatorze filhos naturaes , e adoptivos de Jacob.

O Reverendo Arceidiago he o Ruben bem visto , como primogenito no merecimento , e o mais digno de todos:

*Ru-*

(1)  
Este he  
o Doutor  
Geraldo  
José da  
Abran-  
ches.

(1) *(r)* Ruben, id est, videte filium. Não ha symbolo desta primeira Dignidade da nossa Sé tão natural, como Ruben; pois he este filho pertence aos olhos: *Videte filium*, os olhos do Prelado são os Arcediagos, como diz o Concilio Tridentino: *Archidiaconi, qui oculi dicuntur Episcopi*. E principalmente este, que pelos seus relevantes méritos não só he o alvo dos olhos de todos, mas he digno de que todos o estimem, como as meninas dos seus olhos. O Arcipreste he Simeão, toda a sorte deste consistio em ouvir Deos: *Simeon, idem est, quod auditio; vel. exauditio, id est, exaudivit Deus*, diz o A. Lápide; e este Arcipreste (2)

(2)  
He o Au-  
tor des-  
se Ser-  
mão.

não quer outra maior felicidade, senão que as orações, e louvores, que cantar a Deos naquelle Coro, sejam com tal pureza do coração, com tal affecto, e piedade, que sejam aceitaveis, e ouvidas pelo mesmo Senhor.

(3)  
He o  
Doutor  
Alexan-  
dre Nu-  
nes Car-  
doso.

O Reverendo Chantre (3) he naturalmente o Levi, terceiro filho de Jacob. Levi foi o pai, ou o Principe de

todos os Levitas ; que no Templo cantavão louvores a Deos : *Levi, id est, patrens omnium Levitarum*, diz o mesmo Author ; e o Chantre para guiar a todos os Levitas , e mais Clero no Coro ; he o Cantor Mór ; esta propriedade desempenha o nosso Chantre , e a sua primazia nos primores do canto o faz de outros cantos digno.

O Reverendo Thesoureiro Mór merece ( 4 ) o louvor todo ; que inclue o nome do quarto filho de Jacob *Juda* ; *te laudent fratres tui. Judas idem est, quod laus.* O nome deste Patriarca parece que convinha à quarta dignidade da nossa Sé , porque outro do mesmo nome foi o Thesoureiro do Collegio Apostolico , mas não convem à pessoa do nosso Thesoureiro Mór ; pois para não cabir na infelicidade do Apostolo desgraçado , tem muitos sinaes da sua fortaleza na denominação daquelle antigo Patriarca : *Commendat tribum Judã à fortitudine* ; e para ostentação desta virtude , nos campos dá sua ingenua fidelidade tem a nos-

(4)  
De o  
Doutor  
João de  
Campos  
Lopes  
Torres.



fa quarta Dignidade no proprio cognome fortes ; e altas torres para se defender:

o Dan , que significa juízo , ou demanda : *Dan* , *id est* , *judicium* , *sive lis* , he o quinto filho de Jacob , e nelle está o character do primeiro Conego o Revendo Doutoral ; ( 5 ) o qual para dirimir as contendas judiciaes , e promover as acções da justiça , tem , como Dan , o dom da especiosa litteratura , e eximia jurisprudência , que Dcos lhe deo , com o auspicio do seu nome : *Dan* , *id est* , *judicium* . Foi Nestali o sexto filho de Jacob , e significa o artificio ; com que se attormoleão as palavras : *Nephtali interpretatur artificiosum* , *Nephtali dans eloquia pulchritudinis* . Esta propriedade convem ao segundo na ordem dos Conegos o Reverendo Magistral , ( 6 ) ao qual ( ainda na fingeleza de cordeiro , como se ostenta pelo cognome ) não lhe falta a sciencia , e arte para as funções do seu magisterio .

Gad he o setimo filho daquelle Pa-

( 5 )  
o  
Doutor  
João  
Martim  
Cabrita,  
que já  
bem foi  
provido  
em Pro-  
motor da  
Juizica  
do Rio  
Puro.

( 6 )  
He o  
Doutor  
João  
Rodri-  
gues  
Cordei-  
ro.



triarca, e he o mesmo que se differamos; cingido, felicidaue, e fortuna: *Gad, accinctus., Gad, id est, fortuna, fortunatè, feliciter.* Este muitas vezes feliz he o terceiro Conego o Reverendo Soares, (7) que tendo já a primeira investidura Canonical na Sé do Maranhão, quiz dar à de Mariana a ventura de o contar entre os seus Capitulares, para que (muitas vezes affortunado) fizesse soar a fama das suas virtudes de hum Polo a outro Polo.

(7)  
He o  
noel Ri-  
beiro So-  
ares  
Mestre  
em ar-  
tes.

O oitavo filho de Jacob he Afer, e significa bemaventurança: *Afer, id est; beatus;* esta pertence ao Reverendo Conego, (8) quarto na ordem delles; mas tão bemaventurado, que depois de ter a primeira Cadeira na Cathedral do Maranhão, busca nova gloria com o mesmo caracter no Ceo desta Igreja. Sahio Vicente no nome, por isso fica duplicadamente triunfante, e glorioso: *Exiit vincens, ut vinceret.* Para este segundo triunfo tomou por appellido o nome de Jorge, para que em huma só pessoa se ac-

(8)  
He o  
Mestre  
em artes  
Vicente  
Gonsal-  
ves For-  
ge de Al-  
meida.

cumulasse à sua patria mais dobrada felicidade, do que teve Livia, mulher de Cesar Augusto, por ser mãe de Druso, e de Tiberio Cesar.

*Tot. bona per partus, quæ dedit illa duos.*

Isachar foi o nono filho de Jacob, e se interpreta paga, ou premio: *Isachar, id est, merces.* Este foi o enigma do Reverendo Conego Penitenciario,

(9) que tendo no cognome de Barreto o auspicio do barrete, com que se ornou na collação deste Beneficio; tinha na honra da Penitenciaria o premio da sciencia Theologico-Moral, de que pende o seu cargo, e em que tanto o distingue a veneração, e a fama. Em decimo lugar gerou Jacob a Zabulon, e este quer dizer habitador, ou habitação: *Zabulon idem est, quod habitaculum.* Mysterioso emblema para o Reverendo Conego,

(10) que entra em sexto lugar para habitar com os mais! Vem este deixando fechado o Templo de Jano, como Cavalleiro, ou Freire da paz, com tanta glo-

(9)  
He o  
Rever.  
do Si-  
mão Ca-  
etano  
Freire  
de V.  
raes.

(10)  
He o  
Rever.  
do Anto-  
nio Frei-  
re da  
Paz.

glo-

gloria entre os seus acordes companheiros, que por manso, e pacifico se fará senhor não só de toda a terra, mas dos corações de todos: *Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram.*

O undecimo filho de Jacob foi José, que significa ir crescendo: *Filius accrescens Joseph*; esta sorte coube naturalmente ao setimo Conego o Reverendo Xavier, que sendo suave planta da melhor silva, já pela gravidade do ornato, já pela modestia da compostura, e já (11) pelos frutos da virtude, pois em tudo he singular:

*Silva talem nulla profert  
Fronde, flore, germine,*

(11)  
He o  
Reverendo  
do Frã-  
co X.  
da  
Silva.

não lhe falta a fragrancia da boa opinião, na qual indo crescendo, terá sempre para o augmento segura a benção de José.

*Joseph ... augmenium non dubites interpretari.* O filho decimo segundo de Jacob foi Benjamin, que he o mesmo que dizer: O filho da mão direita: *Benjamin, id est, filius dexteræ.* Mysterioso acer-

(12)  
He o  
Reverên-  
do Frã-  
isco Ri-  
beiro da  
Silva

acerto! Pois esta sorte só podia ser com propriedade do Reverendo Conego, oitavo no numero, ( 12 ) e jerarquia delles, mas o primeiro que todos no affecto, e mimo para com o excelso Pai, a quem venerão. Daquelle caudaloso, e rico Ribeiro fallo, que despenhado, e desempenhado na commodidade, e tratamento do Peregrino Jacob, deixou correr o dispendio com tanta profusão, como Benjamin, a quem a liberalidade pertence por benção, e herança profetica de seu pai: *Vespere dividet escas*; mas por isso o mais amado de Jacob, o filho, e morgado do amor daquelle excelso Principe; em fim o Benjamin das suas ternuras, e affectos, e isto pela singeleza, pela boa indole, pela verdade, pela docilidade, e pela dexteridade do mesmo filho amado: *Benjamin filius dexteræ*.

O decimo terceiro filho na ordem, com que se devem contar pelo nosso computo, e o primeiro dos adoptivos de Jacob, foi Manasses, que significa o que faz esquecer: *Manasses, id est, oblivisci*



*faciens.* Neste se representa o nono Conego (13) o Reverendo Souza, que esquecido de si, e dos seus, deixando como Abrahão a commodidade de sua casa, e o mimo de seus pais, e lembrado só de Deos, para o servir nesta Cathedral, tem taes virtudes, que fez esquecer as grandes prendas dos seus companheiros, quando das suas se mostrou tão lembrado o generoso Jacob, que o chamou para o abençoar.

(13)  
He o Reverendo Fructisco Gomes de Souza, e unico que natural d' Bispado Mariana.

O segundo adoptado de Jacob, e decimo quarto na serie de seus filhos he Efraim, o qual teve por benção o incremento, e dominio de José, seu pai, ainda que era o mais moço a respeito de seu irmão Manasses: *Ephraim, id est, fructificans, crescens.* Este he o Reverendo Conego Barros, ultimo de todos na sorte, para ser a coroa de todos no augmento, e dominação; pois com o auspicio deste senhorio tem no seu nome (14) de Domingos a denominação de senhor, e de primeiro, (ainda que ultimo) como Efraim: *Frater ejus minor, maior erit.*

(14)  
He Reverendo Domingos Fernandes de Barros.

Aqui

Aqui pois neste illustre Cabido está a mystica, e symbolica geração de Jacob: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus, ex quo præcessit canonica electio.* Mas para que estão aqui estes Capitulares? Para que se crião estes Conegos? Para que? Para que consagrando-se esta Igreja a Deos, como Cathedral, nesta mesma dedicação se manifeste a pureza, a graça, a santidade, em que se concebeo Maria Serenissima. Ora ouvi o que talvez não esperais.

He muito de notar, que depois de S. Excellencia Reverendissima instituir, e collar a maior parte destes Reverendos Conegos no dia 5. do presente mez, e os mais no dia 6. que mandando-lhes tomar posse, como tomarão todos, no dia 7. de manhã, e vindo com elles à Sé no mesmo dia de tarde a cantarem o *Te Deum laudamus* em acção de graças pelo beneficio recebido, só no dia 8. de manhã principiárão o santo exercicio do Coró. E porque neste dia, e não antes? Porque o dia 8. he o da purissima Con-

cei-

ceição de Maria ; e para mostrarem que esta Cathedral lo se creava , para que se conhecesse a pureza da Conceição da Mãe de Deos , por isso o louvor de Deos naquelle Coro principiou , e devia principiar no dia da Conceição.

Naquelle dia muito cedo vierão para o Coro , oração , e depois pedirão a Deos , que lhes abrisse a boca para o saberem louvar : *Domine , labia mea aperies , & os meum annuntiabit laudem tuam.* Invocárão o Divino auxilio , para que Deos os ajudasse naquelle santo exercicio : *Deus in adiutorium meum intende : Domine ad adjuvandum me festina.* Deirão gloria à Santissima Trindade , reconhecendo que só para honra de Deos fazião aquella acção : *Gloria Patri , & Filio , & Spiritui Sancto. Sicut erat in principio , & nunc , & semper , & in secula seculorum. Amen.* E depois de mostrarem o jubilo , e alegria interior , que tinham , no *Alleluia* ; que cantárão , proseguirão immediatamente nesta fórma : *Conceptionem Virginis Mariæ celebremus :*

Celebremos, louvemos, veneremos, adoremos a Conceição da Virgem Maria. Adoremos este mysterio, que he da graça: veneremos esta obra, que he immaculada: louvemos esta geração, que he pura: celebremos esta Conceição, que he fanta; pois se não fosse fanta, pura, immaculada, e chea de graça, não a havia de celebrar a Igreja, nem mandar que a celebrassemos: *Conceptionem Virginis Mariæ celebremus*. Pois tanta pregação, tanto preambulo de orações, vem a parai sómente na celebridade, e applauso da Conceição? Sim, Senhores; porque como esta Sé se cria para dar a conhecer ao mundo aquelle escondido segredo, com que a Omnipotencia preservou a Maria da culpa original, e a encheo de graça no primeiro instante do seu ser, por isso a primeira acção de louvor neste Coro devia ser, como foi, a veneração da sua Conceição purissima: *Conceptionem Virginis Mariæ celebremus*. Assim será; mas parece que não se desempenha assim a dedicação da Cathedral.



thedral ; e a nova invocação do Templo. O Templo , como dissemos ao principio , tem novamente o titulo da Gloria , porque he dedicada a Sé à Assumpção de Maria. Isto , que passa na realidade , era já desenho na figura do nosso Jacob. Jacob , quando vio os prodigios , que hoje vemos , consagrou o Templo à Gloria , como nós fazemos hoje : *Non est hic aliud , nisi domus Dei , & porta Coeli. In Cathedralem pariter Ecclesiam , sub invocatione ejusdem Assumptionis sanctissime Virginis.* Sendo pois este triumpho da gloria da Senhora , tem sido até agora todo o applauso , e celebridade da graça da sua Conceição ; e como pode ser que não passando o Coro dos encómios da graça , sejam os louvores da Gloria ? Porque ha de ser adoração reverente do Mysterio da Assumpção de Maria o culto da sua Conceição immaculada ? Porque ? Por isso mesmo. Porque a veneração da graça , em que se concebeo a Mãe de Deos , he o obsequio da gloria , que teve a Senhora na sua Assum-

ção. Não se distinguem os elogios da gloria, e da graça da purissima Virgem; porque onde se sublima a sua graça, ali se exalta a sua gloria. Grande caso succedeo a Jacob para desempenho desta maravilha nas presentes circumstancias.

Em Haran estava Jacob dormindo, quando vio huma escada mysteriosa, pela qual incessantemente subião, e descião Anjos: *Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam.* Mysterioso emblema! Alguns Doutores Rabbinos dizem, que esta escada tinha quinze degrãos; e eu accrescentára, que estes quinze degrãos são o Excellentissimo Bispo; e os quatorze Capitulares desta Cathedral, porque servem de instrumento ao ministerio dos Anjos. Os Anjos descião do Ceo para publicarem a graça, com que Deos havia de preservar a Maria, descendente do mesmo Jacob na sua Conceição; os mesmos Anjos sobem outra vez para o Ceo, para applaudirem a gloria da Mãe de Deos, em que se refundio a sua graça. Vem aquelles espiritos

da Glória com a noticia da graça , em que se ha de conceber Maria , para que os Ministros de Deos na terra cantem ; e publiquem a graça da Conceição da mesma Senhora : *Conceptionem Virginis Mariae celebremus* ; mas ao verem público este portento da graça , tornão a subir as mesmas Intelligencias sagradas , para admirarem no Ceo a immensa gloria , que provém à sempre Virgem da sua Conceição immaculada : *Quæ est ista , quæ ascendit ?* Para este fim de engrãdecerem ao mesmo tempo a graça da Conceição e a gloria da Assumpção da Senhora , he que sobem , e descem diligentes os Anjos , sem que entre o aecer , e o subir medee outra acção : *Angelos quosque ascendentes , & descendentes per eam* ; porque não ha meio , ou divisão entre a gloria , e graça de Maria ; antes a sua graça hé a sua gloria. Para huma , e outra he só hum o emblema na escada de Jacob : *Vidit in somnis scalam* , porque o instrumento da graça tambem hé o instrumento da gloria da Mãe de Deos.

Em

Em fim naquella cicada mysteriosa os degrãos, pelos quaes ueiceo do Ceo a graça, para santificar a Senhora na sua Conceição, erão grãos de gloria, a que subia a Virgem Serenissima na sua Assumpção, para que se visse a propriedade, com que (imitada a geração de Jacob na criação desta Cathedral) se mudava a graça em gloria; e era o mesmo a gloria, que a graça, quando se admira a casa de Deos para louvar-se a gloria da Assumpção de Maria ao dedicar-se esta Sé a Deos no dia da Conceição: *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta Coeli. Conceptionem Virginis Mariae celebremus.*

Esta he, ò Excellentissimo, Sãgrado Principe, a gloria, que resulta a Deos, e a sua Mãe Santissima da graça, que V. Excellencia nos faz. Esta he, amabilissimo, e venerabilissimo Prelado meu; a graça, com que principião o santo exercicio do Coro os novos Capitulares desta Sé, para que logo desde o seu principio possão dar a V. Excellencia muita glo-



gloria. Sim, estes são os primeiros filhos espirituaes de V. Excellencia, representados na geração de Jacob; e estes são os mysterios, que gloriosamente para a presente acção se decifravão naquella geração illustre: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus.* De Direito antigo, como se refere no *Capitulo Novit, de his, quæ fiunt à Prælato*, chamavão-se os Conegos irmãos do Bispo; mas estes não querem, senão o amoroso nome de filhos, para se confessarem sempre creaturas de Vossa Excellencia. Dê-lhes V. Excellencia com o seu santo exemplo, com a sua incomparavel ternura a educação de filhos, que elles cuidarão em todo o tempo merecer a gloria de terem tão bom Pai, melhor do que merecêrão os filhos de Jacob o luitre, e regalia de quem os gerou: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus.*

Tenho mostrado o mysterio da geração de Jacob nas gloriosas circumstancias, com que se cria a Sé Marianense a indultos da graça da Conceição de Maria

ria Santissima , para lograr o privilegio de se consagrar a gloria de sua Assumpção. Mas contra toda esta allegoria está huma duvida ; que desfaz toda a novidade da nossa empreza , e vem a fer ; que os filhos de Jacob , dos quaes temos tratado , não são sómente filhos de Raquel , tambem são filhos de Lia , de Bala , e de Zelfa ; antes os filhos de Raquel forão os ultimos , que teve Jacob ; e se Raquel he figura da nossa Mariana , e se Mariana tambem he a ultima Igreja do nosso preclaro Jacob , do nosso Bispo excelso , como póde verificar-se na criação desta novissima Cathedral , ou na instituição dos seus Capitulares , toda a geração daquelle grande Patriarca: *Jacob autem genuit Judam , & fratres ejus ?* Porque esta he a gloria de Mariana , ou da nova Raquel , em que se representa , a qual , sendo ultima , se faz tambem primeira , para serem seus todos os filhos espirituaes do mystico Jacob na criação desta Sé.

*Rachel plorans filios suos noluit con-*

*sa-*

*plari, quia non sunt.* Predisse o Profeta Jeremias a morte dos innocentes, e disse, que a falta delles havia de custar muitas lagrymas a Raquel, porque todos erão seus filhos, e como taes os havia de chorar a todos: *Rachel plorans filios suos.* Não sei como se possa verificar este ditto do Profeta. O estrago dos innocentes principiou em Belém, e continuou, e findou nos seus arrabaldes: *Occidit omnes pueros, qui erant in Bethlehem. & in omnibus finibus ejus.* Belém não he da Tribu de algum dos filhos de Raquel, antes he da Tribu de Judas, quarto filho de Lia: *Et tu Bethlehem terra Judá.* Pois se estes filhos são da primeira mulher de Jacob, como os chora Raquel como seus, sendo ella a segunda esposa do mesmo Patriarca. Não sei a razão, que dar, senão a que tenho dado, e he; que ainda que Raquel seja segunda conforte de Jacob, tambem se faz primeira, para gozar a gloria da semelhança na criação espiritual dos quatorze filhos de Jacob nesta Cathedral Marianense: *Jacob au-*



*tem genuit Judam & fratres ejus : Ex quo processit canonica electio.*

Nem convinha outra gloria à nossa Raquel pela regalia dos mysterios, que celebramos, quando se crião espiritualmente estes seus filhos na criação desta Cathedral: já vedes que se applaude a graça, e a gloria da Mãe de Deos. E qual destes mysterios merecerá primeiro lugar? Respondem os Theologos, que a gloria. He verdade que a graça he primeiro, e sempre a graça precede à gloria; porém a gloria, ainda que seja depois da graça, como premio della, sempre he primeiro na eleição, e predestinação. Pois se nos mysterios do dia tem o ultimo o primeiro lugar, como não terá o privilegio de primeira, sendo ultimo, a nossa Raquel, ou Maria, para lhe pertencêrem todos os filhos, que gerou Jacob para typo da presente felicidade: *Jacob autem genuit Judam, & fratres ejus*, se aqui só o que he ultimo, tem primeiro lugar? He tempo de acabarmos com o Sacramento o discurso.



Christo no Sacramento consagrou o seu Corpo, e o seu Sangue; mas primeiro que o Sangue consagrou o Corpo: o Corpo no Pão, que foi a materia, que consagrou primeiro: *Accipit Panem, & dixit: Hoc est Corpus meum*; o Sangue no vinho, que foi a ultima materia, que consagrou: *Hic est Sanguis meus*. Assim fez Christo o Sacramento, e parece que inverteo a ordem, com que o devia fazer, para que seguisse a graca à natureza. No estado da natureza primeiro se fórma, e se coagula o Sangue, e depois deste Sangue coagulado se fórma o Corpo. Pois se no Sacramento está o Corpo de Christo com o seu Sangue, porque se não faz primeiro o Sacramento do Sangue, e depois o Sacramento do Corpo?

A razão he; porque tambem no Sacramento quiz Christo guardar o costume da casa de Jacob. Na casa de Jacob disse o Arcanjo S. Gabriel, que havia de reinar Christo: *Regnabit in domo Jacob in eternum*. Cumprio-se esta profecia no

Sacramento Eucharístico porque nas especies de Pão , e vinho consagradas offenta Sacramentado a magestade do seu Ser , assim como a régalia da benção de Jacob esteve na abundância de Pão , e vinho , que lhe prognosticou seu pai Isaac : *Frumentio* , & *vino stabilior eum* ; e para Christo o mostrar assim , consagrou primeiro o Corpo , que era ultimo : consagrou ultimo o Sangue , que era primeiro ; porque na geração de Jacob não he primeiro o primeiro , nem ultimo o ultimo , e só os ultimos são primeiros.

Na geração de Jacob , que refere o Evangelho , se conta Judas ; como primogenito : *Jacob autem genuit Judam* ; & *fratres ejus* ; e entre os irmãos de Judas não he elle o primeiro , porque foi o quarto filho de Jacob. Pergunte he o quarto , como se conta por primeiro ? Por isso mesmo. Porque he filho de Jacob , e he dos ultimos , por isso tem o lugar de primogenito , para que se veja que nesta geração mysteriosa são em tudo primeiros os que se crearão ultimos. Esta

he , ò Illustres Capitularès , amados , e venerados irmãos meus , esta he a vossa gloriosa forte. Sois os ultimos na creação da vossa Cathedral ; porque esta Sé he a novissima entré as da Lusitania ; mas nos meritos , e nas regalias sois em tudo primeiros , e primeiro que todos , como os excelsos filhos de Jacob. Imitai cada hum de vós a forte , que vos coube entre aquelles Patriarcas , para què desempenheis espiritualmente os progressos da graça a gloria , com que resplandeceo tão famigerada geração : *Jacob autem genuit Judam , & fratres ejus.*

E vós , amantissimo Senhor Sacramento , que nesse augusto throno offereceis às nossas almas toda a abundancia da graça , e toda a immensidade da gloria , que nos quereis dar : *Mens in letur gratiâ ; & futura gloria nobis pignus datur* ; para mostrar-nos que atè nesse Sacramento venerabilissimo está a gloria , e a graça junta , quando no dia da Conceição de Maria se une a graça deste

Al-

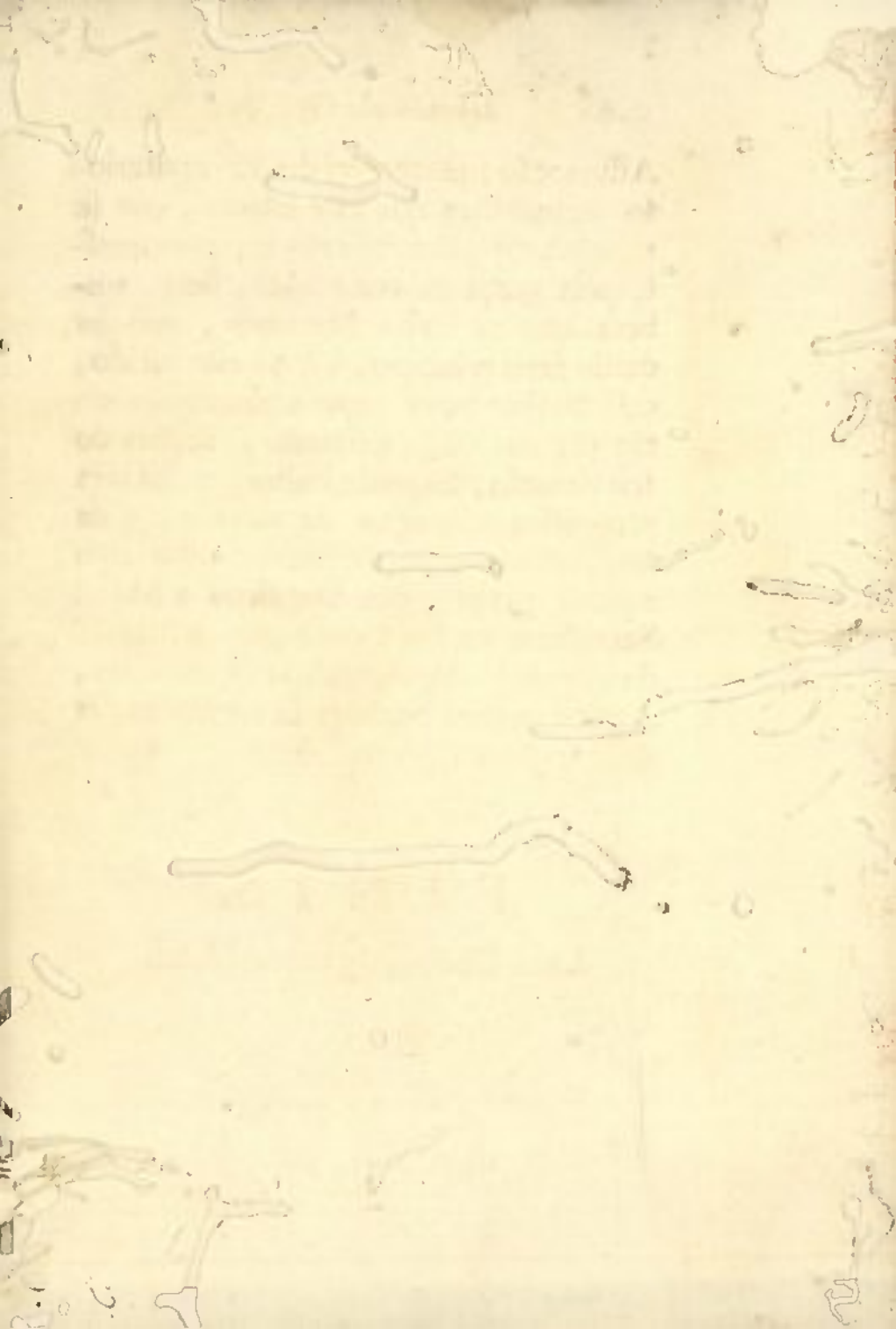
Assumpção ; já que em dia tão mylterioso permittistes que este louvor , que se termina todo em vossa gloria , principiasse pela graça de vossa Mãi , fazei tambem que os vossos Ministros , que lhe derão feliz principio , e todo este luzido , e Catholico povo , que aqui assiste com tão pia devoção , imitando as acções do seu virtuoso , Sagrado Pastor , tenha taes progressos nos actos da virtude , e da santidade , e justificados todos com aquella graça , que santificou a Maria Santissima na sua Conceição immaculada , sejamos dignos da gloria immensa , que a mesma Senhora se elevou na sua Assumpção triunfante. Amen.

**FINIS.**

Laus Deo , Virginiq; Matri.







Atlixpoch, et voyant que les myriades  
de penitentes qui se font, que le  
premier jour de cette guerre, principal-  
le plus grand de cette Année, les plus  
bons que se voient à Mexico, que les  
dixes de ce prince, et de son lieutenant  
à Cuahuilco pour que tous ces  
troups se devoient, attendant au milieu de  
ce territoire, de voir l'aller, et de  
l'aller.

**Algerai**

Après avoir vu les  
autres gens, qui se rendent à Alger  
Soudain de son Comte de la ville  
de France, depuis de quatre années,  
deux autres Soudans de cette de son  
alliance, et de son.

FINIS

Les Dns. Voyageurs Mssrs.





anvera

atubv rariq



